

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**O GÊNERO *E-FÓRUM* DO *ORKUT*: UM INSTRUMENTO DE  
DESENVOLVIMENTO DA ARGUMENTATIVIDADE**

Anelilde Maria de Lima Farias

Recife, fevereiro de 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**O GÊNERO *E-FÓRUM* DO *ORKUT*: UM INSTRUMENTO DE  
DESENVOLVIMENTO DA ARGUMENTATIVIDADE**

Anelilde Maria de Lima Farias

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Xavier

Recife, fevereiro de 2011

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria Valéria Baltar de Abreu Vasconcelos, CRB439

F224g Farias, Anelilde Maria de Lima  
O gênero E-fórum do Orkut: um instrumento de desenvolvimento da argumentatividade / Anelilde Maria de Lima Farias. – Recife: O Autor, 2011.  
136 p.: il. ; 30 cm.

Orientador: Antonio Carlos Xavier.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2011.  
Inclui bibliografia.

1. Linguística. 2. Interação social. 3. Ambientes virtuais compartilhados. 4. Fórum de debate eletrônico. 5. Discussões e debates. I. Xavier, Antonio Carlos (Orientador). II. Título.

410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC2011-18)

**ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS**

**O GÊNERO E-FÓRUM DO ORKUT: Um Instrumento de Desenvolvimento da Argumentatividade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística, em 18/2/2011.

**BANCA EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Antonio Carlos dos Santos Xavier**  
Orientador – LETRAS - UFPE

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Elizabeth Marcuschi**  
LETRAS - UFPE

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Adriane Terezinha Sartori**  
LETRAS - UFMG

**Recife – PE**  
**2011**

A meu esposo, Gleyson Farias, as minhas filhas  
Rochelle, Rochanne e Ruanne e ao maior  
exemplo de vida: minha sobrinha Ana Clara.

## AGRADECIMENTOS

Temo cometer alguma injustiça ao tentar enumerar aqui todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a construção deste trabalho. Desta feita, mencionarei aqueles que estiveram mais próximos, sem diminuir a gratidão a todos que, de alguma forma, estão presentes neste resultado.

Ao meu orientador, Prof. Antonio Carlos Xavier, que acreditou no impulso de minhas ideias e soube direcionar e tornar exequível uma paixão; um orientador por quem desenvolvi admiração e respeito por revelar um humanismo que ultrapassa os afazeres de uma academia;

Aos meus professores Beth Marcuschi, Ângela Dionísio, Judith Hoffnagel, Kazuê Saito, Marlos Pessoa, Virgínia Leal, Gilda Lins (*in momorian*), que não apenas ouviram as minhas ideias como contribuíram de forma atenciosa e respeitosa com este trabalho;

Ao meu esposo, Gleyson Farias, que se desvencilhou, muitas vezes, do papel de marido e assumiu comigo a produção de um trabalho com o qual se identificou, sugeriu, criticou, aplaudiu, enfim, um dos principais responsáveis pela condição final desta pesquisa. A prova do que significa companheirismo...

Aos meus queridos alunos do Colégio Visão, que no afã pela melhoria na qualidade da argumentação, participou ativamente da comunidade virtual “Penso logo escrevo”, sem a qual não haveria possibilidade da realização desta pesquisa;

Ao meu amigo, professor Jurandir Jr., que, a despeito de suas ocupações, sempre teve tempo para ouvir minhas ideias; um amigo que conseguiu estar ao meu lado em cada momento dessa construção. Sou eternamente grata;

As minhas filhas Rochelle, Rochanne e Ruanne, presença de amor em todas as minhas realizações;

Aos meus queridos pais, a quem devo toda formação do meu sucesso; torcedores incondicionais de minha vida;

A Deus, inspiração de minha agência, criador do meu saber, sem O qual eu nunca seria.

“A palavra é o meu domínio sobre o mundo.”  
(Clarice Lispector)

## RESUMO

O objetivo central deste trabalho é apresentar o gênero *E-fórum* do site de relacionamento *Orkut* como um instrumento discursivo para desenvolvimento da argumentatividade, analisando as estratégias utilizadas para a construção do sentido e da argumentação. Para isto, foram adotados os pressupostos teóricos sobre língua e linguagem numa perspectiva textual-interativa, e a concepção de gênero como formas com as quais o homem age na sociedade. Sobre a argumentação, são tomados como base os princípios aristotélicos, a visão da Nova Retórica e os estudos da Teoria da Argumentação na Língua. De início, faz-se uma análise sobre o aspecto estrutural e funcional do gênero *E-fórum* no ambiente virtual. Em seguida, discute-se a relevância dos gêneros digitais, na Era da Internet, observando como são instrumentos interativos de argumentação. Por fim, são examinadas as práticas constantes de argumentação no *E-fórum*, que permitem tornar o ambiente desse e-gênero uma ferramenta de desenvolvimento da argumentatividade. O *corpus* dessa investigação é constituído, de forma ampliada, de uma página do site de relacionamento *Orkut* e da página inicial de uma comunidade. O *corpus* mais específico foi formado por doze comentários de participantes da comunidade “Penso logo escrevo”, com os quais foi possível verificar os mecanismos argumentativos permitidos pelo gênero *E-fórum*. Com essas análises, este estudo constata que: 1) os gêneros do ambiente virtual têm sido práticas discursivas cada vez mais frequentes no cotidiano do homem moderno; 2) os usuários de gêneros digitais têm argumentado mais frequentemente através da linguagem na modalidade escrita; 3) o gênero *E-fórum*, com seu caráter fortemente interativo, permite maior prática das construções argumentativas, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades discursivas com intenções predominantemente persuasivas.

Palavras-chave: argumentatividade, interação, ambiente virtual, gênero digital, E-fórum.

## ABSTRACT

The aim of this study is to present the genre E-forum networking site Orkut as a discursive instrument for development argumentativity, analyzing the strategies used for the construction of meaning and argument. To this, we adopted the theory assumptions about language in a perspective interactive-textual and the concept of genre as a man in action. About argumentation, are taken as basic principles Aristotelian vision of the New Rhetoric and the studies of Argumentation Theory in Language. At first, it is analysis on the structural and functional aspect of the genre E-forum in the virtual environment. Then we discuss the relevance of digital genres in the Internet Age, observing how interactive tools are argument. Finally, we examine the strategies argumentation used in the E-forum, which turns into the environment of that genre, and a tool argumentativity development. The *corpus* of this research consists of broad form, a page of the networking site Orkut and page start a community. The corpus was more specific formed by twelve comments from participants community "I think therefore I write," with which one can determine the mechanisms permitted by the argumentative E-genre forum. With this analysis, this study finds that 1) the genre of the virtual environment have been practical discursive increasingly common in daily life of modern man, 2) users of digital genres have argued more often through writing language,; 3) the forum E-genre, with its character strongly interactive, allows for greater circulation of argumentative structure, contributing to the development of discursive skills predominantly persuasive intent.

Keywords: argumentativity, interaction, environment virtual, digital genres, E-forum.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Página inicial do Orkut.....	32
<b>Figura 2:</b> Página inicial de uma comunidade do Orkut.....	34
<b>Figura 3:</b> Página do <i>E-fórum</i> de discussão no Orkut.....	36
<b>Figura 4:</b> E-mail extraído do endereço eletrônico: <a href="mailto:anelildelima@hotmail.com">anelildelima@hotmail.com</a> , em 09/10/2010.....	92
<b>Figura 5 -</b> Conversação no chat.....	94
<b>Figura 6:</b> Sala de bate papo.....	95
<b>Figura 7:</b> Comentário no Twitter.....	97
<b>Figura 8:</b> Página de seleção dos tópicos do <i>E-fórum</i> . ....	102
<b>Figura 9 -</b> página do <i>E-fórum</i> .....	104
<b>Figura 10:</b> comentário no <i>E-fórum</i> da comunidade “Penso logo escrevo” do Orkut.....	111
<b>Figura 11:</b> página de discussão do fórum da comunidade “Penso logo escrevo” do Orkut.....	120
<b>Figura 12:</b> comentário no fórum da comunidade “Penso logo escrevo” do Orkut.....	125
<b>Figura 13:</b> <i>E-fórum</i> .....	127

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	21
<b>1 O GÊNERO <i>E-FÓRUM</i> NO ESPAÇO SITE DE RELACIONAMENTO DO <i>ORKUT</i></b>	<b>21</b>
1.1 Conceitos de gênero textual.....	22
1.2 A concepção de transmutação de gêneros.....	25
1.3 A constituição do gênero <i>E-fórum</i> .....	29
CAPÍTULO II.....	39
<b>2 ARGUMENTATIVIDADE NA LINGUAGEM.....</b>	<b>39</b>
2.1 Alguns pressupostos teóricos.....	40
2.2 A Arte Retórica de Aristóteles.....	42
2.3 A argumentação sob a perspectiva da Nova Retórica de Perelman.....	50
2.4 A Teoria da Argumentação na Língua de Ducrot.....	66
CAPÍTULO III.....	78
<b>3 INTERNET: UM AMBIENTE DE FASCÍNIO PARA PRÁTICAS INTERATIVAS.....</b>	<b>78</b>
3.1 A Era da Internet.....	79
3.1.1 A Internet e as relações sociais.....	81
3.1.2 A Internet e o ensino.....	86
3.2 Argumentação e a interatividade virtual.....	90
CAPÍTULO IV.....	99
<b>4 ANÁLISE DA FORÇA ARGUMENTATIVA NO <i>E-FÓRUM</i>.....</b>	<b>99</b>
4.1 Argumentatividade no <i>E-fórum</i> .....	101
4.2 A argumentação dialogada no <i>E-fórum</i> na modalidade escrita.....	111
4.3 O efeito argumentativo das multissemiões no <i>E-fórum</i> .....	124
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>129</b>
REFERÊNCIAS.....	134

## INTRODUÇÃO

As transformações sociais proporcionadas pela inserção da Internet nas práticas discursivas do homem moderno tem sido objeto de estudo de várias áreas, como Antropologia, Sociologia, Psicologia, e, como não poderia deixar de ser, a Linguística. Embora todas as áreas tenham seu foco específico de investigação, não se pode negar a relevância de estudos das linguagens manifestadas na Internet.

Mesmo considerando que há diversos trabalhos voltados para descobrir os efeitos proporcionados pelo que David Crystal (2005) afirma ser “uma nova era linguística”, sabe-se que muito ainda tem por se investigar. Muito ainda tem por se descobrir acerca do envolvimento do homem com a Internet, principalmente porque sua evolução ocorre em uma velocidade que ultrapassa as condições normais de investigação em qualquer área de estudo. E, nesta mesma velocidade, surgem os gêneros eletrônicos, que Marcuschi (2005) define como “gêneros emergentes”, responsáveis por mudanças relevantes nas formas de interação do homem.

Sabe-se que a profusão de gêneros no ambiente virtual é constante e veloz. As ferramentas tecnológicas propiciam o surgimento de formas variadas de interação, o que dificulta uma pesquisa abrangente sobre as formas de manifestação discursiva de todos os gêneros veiculados na Internet. Portanto, o presente trabalho escolheu o gênero E-fórum<sup>1</sup> para desenvolver uma investigação concernente às formas de argumentação.

Conforme pesquisas recentes<sup>2</sup>, a Internet tem sido um dos maiores meios de interação, através da tecnologia, em ascensão no mundo. E práticas interativas correspondem a práticas argumentativas. Estudiosos da argumentação como Perelman (2005), Ducrot (1987), Koch (2008) admitem que toda construção linguística posta em ação é argumentativa. Koch (2008, p. 17) categoriza que “todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia”. Mais especificamente, sempre que o homem usa a linguagem está esperando uma reação do outro. Ação que pressupõe

---

<sup>1</sup> Essa nomenclatura será usada para identificar esse gênero como pertencente à mídia eletrônica.

<sup>2</sup> Pesquisadores como David Crystal, Xavier, Araújo, Pierre Levy, só para citar alguns, têm desenvolvido pesquisas relevantes acerca de vários aspectos que envolvem a Internet e a linguagem humana.

uma reação é argumentação. Tais conceitos justificam a importância do estudo sobre as diferentes formas de argumentação no ambiente virtual. Mesmo considerando que todo discurso é argumentativo, é importante investigar de que forma, essa argumentatividade está se apresentando em face aumento das possibilidades de interação proporcionadas pelas novidades tecnológicas.

Tomando como base o *E-fórum*, pretende-se, neste trabalho, responder às seguintes questões: a) Em que consiste o gênero E-fórum? b) Por que o gênero *E-fórum* é relevante para o desenvolvimento da argumentatividade? c) Por que o ambiente virtual contribui para práticas argumentativas? d) De que forma a argumentação se apresenta no *E-fórum*? Para responder a tais questões, algumas escolhas investigativas foram necessárias. Primeiramente foram definidos alguns pressupostos teóricos sobre língua, linguagem e gênero textual. Em seguida, definiu-se sob que perspectiva teórica da argumentação o trabalho se desenvolveria para nortear todas as análises sobre o gênero em estudo e suas possibilidades de ampliação da capacidade argumentativa em seus usuários.

O objetivo central deste trabalho é apresentar o gênero *E-fórum* como um instrumento discursivo para desenvolvimento da argumentatividade, analisando as estratégias utilizadas por aqueles que dele se utilizam para a construção do sentido e da argumentação em seus discursos.

Especificamente, este trabalho se propõe a: a) descrever as características do gênero *E-fórum*, identificando se há similaridade com outros gêneros textuais, e sua função nas relações de comunicação social; b) observar de que forma o ambiente virtual permite a argumentação por quem dele se serve; c) reconhecer as estratégias argumentativas utilizadas no *E-fórum*, bem como qualificar essas formas de argumentação no momento da interação.

Para tanto, este trabalho se baseou nos pressupostos teóricos sobre língua e linguagem numa perspectiva de texto como forma de interação social. O olhar para as práticas interativas realizou-se considerando a língua como “conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas.” (MARCUSCHI, 2008, p. 61). Sob essa mesma perspectiva, esta investigação tomou o conceito proposto por Bazerman (2006, p. 31), para quem gêneros textuais são “fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas.”

Gênero, portanto, é uma forma de o homem agir na sociedade, usando recursos cognitivos de percepção e ação, segundo este autor. Considera-se, neste trabalho, que os gêneros digitais oferecem ao homem novas possibilidades de ação. As concepções de língua e gênero aqui adotadas situam a argumentação como um ato *ilocucionário*, na perspectiva pragmática da Teoria dos Atos de Fala. O modo como tal fenômeno (desenvolvimento da capacidade argumentativa dos sujeitos) ocorre em um gênero do ambiente virtual, o *E-fórum*, é o que motiva a realização desta pesquisa.

Para uma realizar uma abordagem científica sobre gêneros digitais, muitas seriam as justificativas a fazê-la. Inicialmente, o desenvolvimento deste trabalho se justifica pelo fato de os gêneros que são veiculados na Internet ainda serem um objeto novo de estudo. Apesar de alguns trabalhos relevantes como os de Crystal (2005), Xavier, (2009), Araújo (2005, 2009) e Marcuschi (2005), apenas para citar alguns, sabe-se que há muito ainda a se investigar das práticas de linguagem que acontecem nesse ambiente virtual.

Alguns trabalhos têm sido desenvolvidos sobre o gênero *E-fórum*, seja nos campos da Linguística, da Antropologia e de outras áreas de conhecimento, entretanto, poucos estudos têm se direcionado, por exemplo, para os aspectos discursivo-argumentativos apresentados nesse gênero digital. Outra importante justificativa para se efetuar um trabalho sobre argumentatividade no *E-fórum* do *Orkut* corresponde ao uso cada vez mais frequente desta rede social de relacionamento. Segundo pesquisas<sup>3</sup> divulgadas por revistas de grande circulação em território brasileiro, o *Orkut* é o *site* de relacionamento campeão de acessos no Brasil. Isso implica dizer que mais pessoas estão colocando em prática a escrita e conseqüentemente têm aumentado o esforço para empregar a argumentatividade, tendo em vista as características desse e-gênero e sua função na rede social de comunicação.

Há ainda uma razão caráter diretamente interessado nessa investigação. Enquanto professora de Língua Portuguesa e pesquisadora das dificuldades argumentativas de muitos alunos na modalidade escrita, investigar de que forma

---

<sup>3</sup> Pesquisa divulgada pela revista Veja. Disponível no site <http://veja.abril.com.br/080709/nos-lacos-fracos-internet-p-94.shtml>, acessado em 27/09/2010.

esses jovens estão argumentando nos gêneros textuais que produzem, de modo especial, no *E-fórum* do *Orkut* pode apontar estratégias futuras para a implementação de muitas práticas pedagógicas que visam ao desenvolvimento argumentativo na modalidade escrita nos estudantes adolescentes. Reiteradas vezes será feita alusão acerca da modalidade escrita, considerando que a interação via Internet se dá, basicamente, através dessa modalidade de uso da língua. Explica-se, assim, por que o estudo sobre argumentatividade no *E-fórum* pode contribuir para a execução de outras pesquisas voltadas para práticas discursivas em aulas de produção textual no contexto escolar.

Esses fatores já apontam para o aspecto relevante desse estudo. Se processos argumentativos não têm tido tanto espaço investigativo nos textos veiculados na Internet, as análises aqui realizadas apontam para a necessidade de se aprofundar nas estratégias de argumentação presentes no ambiente virtual. Não apenas sob uma perspectiva de mais um gênero com o qual o homem age socialmente, mas fundamentalmente pelos recursos concernentes aos gêneros do ambiente eletrônico que contribuem para outras abordagens argumentativas.

Crystal (2005, p. 79) afirma que “o mundo da Internet é extremamente fluido, com usuários explorando suas possibilidades de expressão, introduzindo combinações novas”, portanto é uma área ainda muito incipiente, o que torna toda e qualquer linha de investigação sempre atual e relevante.

Tem-se, portanto, o desafio de entender como de fato essa investigação poderá trazer tais contribuições. Para tanto, foi necessário tomar como base os seguintes pressupostos teóricos:

- a) conceito de língua, conforme usada por Marcuschi (2008, p.51), como “um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas”. Entenda-se prática como uma concepção de língua que permite o homem agir socialmente.
- b) o conceito de gênero como “parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais”, segundo a concepção de Bazerman (2006), Davvit (2006) e Miller (1984).

- c) a concepção de argumentação baseada nas fundamentações de Aristóteles (2007), que, na sua obra *A Arte da Retórica*, apresentou-a como forma de persuasão. A argumentação sob a ótica da Nova Retórica de Perelman (2005), que traça novos caminhos para os estudos argumentativos, não mais dependentes apenas do raciocínio lógico, tal como defendido por Aristóteles. E a tese da argumentatividade inscrita na própria linguagem advogada por Ducrot (1984).
- d) o conceito de gênero digital como gêneros emergentes, transmutados de gêneros pré-existentes em ambientes não virtuais, conforme Marcuschi (2005), Araújo (2007) e Xavier (2009).

Esta pesquisa trabalha com a hipótese de que *E-fórum* do Orkut é um gênero de uso cada vez mais frequente e que permite o desenvolvimento da argumentatividade de forma relevante através da modalidade escrita e dos vários elementos semióticos desenvolvidos nesse ambiente digital. Supõe-se, também, que a prática discursiva de caráter interativo do *E-fórum* permite acionar estratégias cognitivas<sup>4</sup> na elaboração da argumentação de forma a tornar esse e-gênero uma ferramenta interessante para práticas argumentativas na modalidade escrita em outros ambientes, que não virtuais.

Esta pesquisa baseia-se na tese de que toda manifestação da língua é um ato de fala, e que todo ato é dotado de uma intenção, portanto argumentativo. Dessa forma, acredita-se que as estratégias para o desenvolvimento da argumentação são fenômenos importantes apresentados de acordo com as intenções comunicativas que se valem dos gêneros para se manifestar. Acredita-se, também, que essas estratégias se apresentam com algumas peculiaridades quando usadas em gêneros digitais, especificamente no *E-fórum*. Com essas concepções, tomou-se o seguinte percurso metodológico para atingir os objetivos pretendidos.

---

<sup>4</sup> As estratégias cognitivas em alguns gêneros da linguagem oral ocorrem, geralmente, de forma espontânea, imediata, e são impulsionadas por mecanismos desenvolvidos de acordo com as exigências da interação. Por outro lado, desenvolver tais estratégias na modalidade escrita apresenta, naturalmente, alguns entraves. Esse e-gênero, possui uma característica de mesclar o oral e o escrito, resultando em um desenvolvimento interessante da argumentação nesta última modalidade.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico para embasamento da pesquisa. Sabendo-se a perspectiva de gênero com a qual se queria trabalhar, foi feito um aprofundamento sobre as ideias de Bazerman (2005), que é um dos teóricos que tem desenvolvido um dos estudos mais abrangentes acerca de gênero. Como se pretendia analisar também as formas como os gêneros se apresentam na sociedade, foi realizado um estudo sobre as concepções de Miller (1984) e Davvit (2006), as quais, sem diferirem das de Bazerman, conseguem esclarecer mais detalhadamente sobre questões como instabilidade e estabilidade dos gêneros características apontadas por Bakhtin (1997). Com essa ancoragem teórica, pôde-se apresentar o gênero *E-fórum do Orkut*, deixando claro o porquê da escolha do *E-fórum* deste *site* de relacionamento. Para esclarecer todas as formas discursivas realizadas com o *E-fórum*, fez-se uma descrição detalhada da estrutura do gênero dentro do *site* do Orkut. Entre as descrições, apresentou-se uma das ferramentas relevantes do *Orkut*, pelas quais o *E-fórum* se realiza: as comunidades.

Para entender melhor as análises que seriam realizadas no *E-fórum*, foram explicados os critérios que levaram à escolha da comunidade de estudo: *Penso logo escrevo*. A abertura desta comunidade fez parte do processo metodológico deste trabalho. Na verdade, a autora desta pesquisa, havia aberto esta comunidade no *Orkut* com intenções didático-metodológicas<sup>5</sup>, permitindo, assim, o surgimento do *corpus* para análise do desenvolvimento argumentativo. É sabido que o gênero *E-fórum* se realiza em vários outros espaços virtuais, e, certamente, muitas estratégias argumentativas seriam identificadas. Entretanto, havia uma motivação para desenvolver um trabalho com o *E-fórum* do *Orkut*, especificamente da comunidade *Penso logo escrevo*.

Primeiramente, como havia uma preocupação com o desenvolvimento argumentativo dos textos produzidos no contexto escolar, procurou-se meios para uma otimização textual. Sabendo o fascínio que os gêneros digitais exercem sobre os jovens estudantes, buscou-se, neste ambiente, um aliado para as construções textuais. Se o ambiente virtual tem exercido tanto fascínio sobre os jovens, comprovadamente o *site* de relacionamento *Orkut* tem sido o campeão de acessos.

---

<sup>5</sup> Através da comunidade os alunos de ensino médio passaram a desenvolver seus argumentos, ampliando as possibilidades de apresentação do pensamento, conseqüentemente, ampliando as estratégias argumentativas.

Além do mais, a base da Internet é a escrita, o que permite que os jovens estudantes estejam pensando e argumentando predominantemente através desta modalidade.

Foi sob a influência desses fatores que se resolveu abrir a comunidade *Penso logo escrevo*. Essa comunidade passou a ser um ambiente de interação, discussão e exposição das mais variadas ideias entre os alunos do 2º e 3º anos do Ensino Médio de uma escola privada. Após três anos monitorando essa comunidade, com a constatação do maior interesse dos alunos pela prática de produção textual ora em ambiente virtual ora em ambiente escolar, surgiu o desenvolvimento desta pesquisa acerca das estratégias argumentativas utilizadas por esses alunos no *E-fórum* da comunidade *Penso logo escrevo*.

Ainda no levantamento bibliográfico, procurou-se definir que linhas das Teorias da Argumentação deveria percorrer. Constatou-se, então, que a visão aristotélica seria necessária, tendo em vista que ela, por ser clássica, embasa a maioria das correntes sobre argumentação e por isso sempre tem sido citada em qualquer que seja a teoria cujo foco seja a argumentação. Entretanto, optou-se, nas análises, seguir apenas as linhas mais contemporâneas que lidam com a argumentatividade. Em seguida, fez-se um levantamento dos estudos de Perelman (2005), por sua importante contribuição para as Teorias da Argumentação Modernas com seu Tratado da Nova Retórica. O estudo de Perelman tornou possível a identificação das várias técnicas argumentativas utilizadas no gênero *E-fórum*. Por fim, ainda no levantamento bibliográfico, tomou-se como apoio a Teoria da argumentação da Língua defendida por Ducrot (1987). Acreditando que a argumentação tem como base a linguagem, precisou-se ter uma ancoragem detalhada como a de Ducrot sobre as várias formas como ocorre essa argumentação através de esquemas linguísticos.

A etapa seguinte correspondeu a um levantamento sobre a influência das novas tecnologias, especificamente a Internet, na vida do cidadão moderno. Para isto, fez-se uma busca nas pesquisas mais recentes realizadas pela União Internacional de Telecomunicação, que trata da crescente utilização das redes sociais de comunicação por pessoas de diferentes países no mundo. Esse levantamento foi realizado com a intenção de mostrar por que pesquisas sobre os

fenômenos linguístico-discursivos são relevantes na atualidade. Antes de fazer uso de dados estatísticos sobre o tema, buscou-se apoio em alguns trabalhos sobre hipertextualidade desenvolvidos por Crystal (2005), Xavier (2009) e Araújo (2007). Não apenas para conhecer sobre os gêneros digitais, mas para entender como o homem tem agido diante de tais tecnologias. Foram selecionados alguns gêneros digitais<sup>6</sup>, (um fragmento de *e-mail*, um trecho de um *chat* agendado, um trecho de um *chat* aberto e um comentário no *Twitter*), apenas para, de forma genérica e ilustrativa, perceber o quanto o ambiente virtual permite outras formas de construção argumentativa.

Para proceder com a exploração investigativa sobre a argumentatividade no *E-fórum*, optou-se, inicialmente por analisar os seguintes aspectos da argumentação: a) as estratégias discursivas responsáveis pela força argumentativa utilizadas no gênero *E-fórum*; b) o aspecto dialogal do *E-fórum*; c)<sup>7</sup>e o efeito argumentativo provocado pelas multissemiões presentes no e-gênero. Para análise do primeiro aspecto investigativo, foram selecionados três modelos de interação do *E-fórum*: 1) a página inicial para seleção dos tópicos, onde se apresentam todos os temas a serem discutidos; 2) a página de introdução do tópico selecionado, em que o mediador introduz a discussão com uma pergunta; e 3) a discussão no *E-fórum* com os comentários de dois participantes (denominados de participante1 e participante 2, conforme a ordem de entrada no *E-fórum*)

Para o segundo aspecto observado, o critério estabelecido para escolha desses três modelos se deu pela natureza interativa de cada situação. São situações em que o diálogo<sup>8</sup>, a refutação<sup>9</sup> são peças importantes para o desenvolvimento argumentativo. Percebeu-se que cada página acessada antes de se fazer uso do gênero *E-fórum* apresenta um encaminhamento de importante mecanismo de argumentação. O primeiro tópico selecionado para análise foi

---

<sup>6</sup> O critério de seleção para análise desses e-gêneros foi o teor de maior acessibilidade pelos usuários da Internet.

<sup>7</sup> Sobre esse aspecto não foi realizada uma análise profunda por considerar outros fatores, nesse e-gênero, mais relevantes para o desenvolvimento da argumentatividade.

<sup>8</sup> Plantin (2008, p. 63) apresenta o modelo dialogal como relevante para a argumentação. Ele afirma que “o modelo dialógico renuncia a ver na argumentação algo de elementar.”

<sup>9</sup> Meyer (2008, p. 162) postula que “refutar um argumento contrário constitui, pois, uma atividade essencial na argumentação.”

“Adoção por homossexuais”, da comunidade “Penso logo escrevo” do *Orkut*. Optou-se por esse tópico por ele apresentar um maior embate entre dois participantes. Como o objetivo deste trabalho é apresentar o modo como esse gênero permite o desenvolvimento da argumentatividade, as discussões sobre este tópico contribuíram para mostrar vários aspectos na evolução da construção do argumento, bem como na reelaboração de estratégias persuasivas.

O terceiro aspecto analisado foi o efeito provocado pelas multissemioses, fenômeno relevante dos gêneros digitais, que apresentam certa contribuição na construção da argumentatividade no *E-fórum*. Para tanto, foram selecionados outros dois tópicos da mesma comunidade: “Legalização da maconha” e “Crime na parada gay”. A escolha desses tópicos se deu por ter sido momentos discursivos em que mais se usou diferentes elementos semióticos para construção do sentido. É importante ressaltar que não se fará um aprofundamento desses efeitos na construção da argumentação no *E-fórum* por considerar que essa não seja a característica linguística mais relevante para o desenvolvimento da argumentatividade presente nesse e-gênero.

Todo o *corpus* selecionado foi produzido por participantes que são estudantes do ensino médio e participam de aulas presenciais de produção de texto. Esta escolha se deu para melhor observar a capacidade argumentativa de alunos desse segmento quando estão em contato com gêneros do ambiente virtual, especificamente o *E-fórum*.

Organizado dessa forma, este trabalho, então, foi apresentado em quatro capítulos, sinteticamente descritos a seguir:

O capítulo I, *O gênero E-fórum de discussão no Orkut*, tratou inicialmente das concepções de gênero adotadas neste trabalho, bem como acerca do conceito de transmutação de gêneros, para melhor conhecer o gênero *E-fórum* e sua forma discursiva de apresentação no *Orkut*.

O capítulo II, *Argumentatividade na linguagem*, procurou apresentar as principais correntes teóricas sobre a argumentação, iniciando com a visão aristotélica, continuando com a Nova Retórica e as técnicas argumentativas, e inteirando das questões sobre Argumentação na Língua.

O capítulo III, *Internet: um ambiente de fascínio para práticas interativas*, apresentou como essa nova mídia tem estado inserida nas práticas discursivas dos cidadãos, tornando-se um espaço peculiar para manifestações argumentativas, com novas formas de construção de sentido nas interações.

O capítulo IV, *Análise da força argumentativa no E-fórum de discussão*, por fim, realizou um detalhado exame sobre as formas, estratégias, tipos de argumentos utilizados nas discussões do *E-fórum*. As análises foram realizadas mediante as ancoragens teóricas de Perelman e Ducrot.

Esse estudo procurou contribuir para pesquisas que preconizam a interface entre linguagem, tecnologia e ensino, tendo como foco os processos argumentativos revelados nas interações no ambiente virtual. Tentou-se enfatizar que as práticas discursivas realizadas no *E-fórum* permitem o desenvolvimento argumentativo de seus usuários, o que pode significar em uma importante contribuição para prática de produção de outros textos com base argumentativa.

## CAPÍTULO I

### 1 O GÊNERO *E-FÓRUM* NO ESPAÇO *SITE* DE RELACIONAMENTO DO *ORKUT*

Este capítulo tem por finalidade apresentar os principais objetos de estudo deste trabalho. Partindo da hipótese de que as práticas argumentativas se manifestam de acordo com o gênero textual no momento da interação e que a eficácia argumentativa também está atrelada ao ambiente discursivo em que se dá a interlocução, pareceu-nos necessário apontar conceitos básicos sob os quais se baseou nossa investigação científica.

Inicialmente, o trabalho é situado nas novas perspectivas de gênero textual, tomando como base os estudos de Marcuschi, (2008), Bazerman (2006), Miller (1984) e Davvit (2006). Grosso modo, esses estudiosos trazem em comum a ideia de gênero como forma de realização das ações do homem na sociedade, e essa concepção corrobora com os estudos realizados neste trabalho sobre a ação discursiva do homem no *E-fórum* de discussão.

E, para entender melhor como o gênero *E-fórum* surgiu no ambiente virtual e como os elementos constituintes permitem práticas discursivas peculiares, este capítulo também insere a concepção de transmutação de gêneros apoiada em Bakhtin (1997), Marcuschi, (2005) e Araújo (2005).

Finalmente, tendo o gênero fórum de discussão como um dos focos relevantes deste trabalho, tratar-se-á de desenvolver uma análise da estrutura do gênero, desde a sua contraparte no ambiente não virtual, sua função, seu surgimento no ambiente virtual, suas adequações ao ambiente e sua forma de apresentação. Será necessário também descrever a função específica desse gênero em comunidades do *site* de relacionamento *Orkut* (base de análise desse estudo), a fim de entender os principais mecanismos usados pelos usuários e, principalmente, compreender a contribuição que esses mecanismos exercem nas interações argumentativas.

## 1.1 Conceitos de gênero textual.

Para desenvolvermos um estudo sobre o gênero *E-fórum*, é necessário deixar clara a visão de gênero textual adotada neste trabalho. Como diz Marcuschi (2008, p.147), não se trata de um conceito novo, “mas que está na moda”. Segundo o autor, a abordagem de um texto na perspectiva de gênero já fora considerada por Platão, (com gêneros literários), Aristóteles (com a sistematização dos gêneros e o discurso), também abordada por Horácio e Quintiliano. Enfim, gênero textual de alguma forma já fora apresentado, ainda que não com a mesma relevância e especificidade que os estudiosos do gênero têm lhe dado hoje.

Vários estudiosos contemporâneos, como Bazerman (2006, 2007); Davvit (2004, 2006); Miller (1984, 1994), têm desenvolvido pesquisas, apresentando não apenas uma conceituação, mas as diversas formas e funções com que um gênero pode se apresentar na sociedade. Além desses, outros pesquisadores, com interesses específicos, surgem de várias áreas do conhecimento, como literatura, sociologia, estudos cognitivos, análise do discurso, linguística da computação, entre outros, em busca de vários fenômenos que envolvem os gêneros. Como afirma Marcuschi (p. 149): “isso está tornando o estudo de gêneros textuais um empreendimento cada vez mais multidisciplinar.”

Bazerman, em sua extensa pesquisa, baseia sua concepção de gêneros como atos de fala. Sobre isso, Bazerman (2006, p. 22) explica:

Cada texto bem sucedido cria para os seus leitores um *fato social*. Os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou *atos de fala*. Esses atos são realizados através de formas textuais padronizadas, típicas e, portanto, inteligíveis, ou *gêneros*, que estão relacionadas a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias relacionadas.

Com esse conceito, é possível definir que gêneros são formas de o homem agir na sociedade através da linguagem. Ao se referir a “formas textuais padronizadas”, Bazerman indica que há estruturas textuais reconhecíveis em cada situação de uso. Isso é o que possibilita a classificação<sup>10</sup> de alguns gêneros. Sejam os gêneros apresentados orais ou escritos, através deles o homem exerce funções

---

<sup>10</sup> Sempre que se fala em classificação de gêneros, é preciso considerar os estudos sobre estabilidade e instabilidade dos gêneros (DEVVIT, 2006).

diversas, como casar, adquirir um emprego, informar-se, graduar-se, conversar, enfim, são infinitas formas de promover a efetiva participação do homem no seu ambiente social.

Nesta mesma linha, Miller (1984, p.34) já revelava uma concepção de gênero como “ações retóricas tipificadas baseadas em situações recorrentes”. Ora essa visão de Miller acerca da tipificação nos traz a ideia de termos modelos típicos para cada ação. Para Miller(1984), são as exigências da sociedade que criam formas típicas para cada situação. Essas formas permitem o reconhecimento pelo cidadão de que gênero usar, quando usar e para que usar. E é esse reconhecimento de gênero como ações tipificadas que permite ao cidadão ter a consciência do valor que aquele instrumento tem e terá para sua vivência social.

A contribuição de Devvit (2006), além de reforçar essa perspectiva de gênero como ação social, indica de que forma essa concepção pode orientar as práticas em contexto escolar. Segundo a autora, os gêneros não são apenas textos, formas isoladas, que usamos e deixamos de usar, como se pertencessem a arquivos estanques. Gêneros são formas inerentes às vivências psicossociais de cada indivíduo. Sua influência cognitiva, psicológica está presente em cada situação comunicativa. De acordo com Devvit (2006, p. 1):“Genres have the Power to help or hurt human interaction, to ease communication or to deceive, to enable someone to speak or to discourage someone from saying something different”.<sup>11</sup>

De modo geral, Devvit tenta mostrar o quanto gênero é significativo para a vida das pessoas. Ela reforça a ideia de como os gêneros ajudam o cidadão a operar na sociedade de acordo com suas características sociais e culturais. Essa identificação é o que torna o gênero um fenômeno coletivo e particular simultaneamente. Um gênero como o editorial, por exemplo, possui suas características recorrentes, de acordo com a função a ele determinada, mas não lhe pode ser atribuída uma forma única. Basta ver, exemplarmente, que um editorial pode aparecer em jornais e revistas mais e menos formais, apresentando características estruturais conforme o suporte, satisfazendo exigências históricas, culturais e sociais.

---

<sup>11</sup> Gêneros têm o poder de ajudar ou prejudicar as interações humanas, facilitar ou inibir a comunicação, capacitar alguém de falar ou desencorajar alguém a dizer alguma coisa diferente. (tradução nossa)

Na verdade, numa nova concepção de gênero, não se pode reduzir a uma análise sob apenas um aspecto. As concepções teóricas sobre gênero tendem a priorizar algum elemento que torne o gênero reconhecível para interações. Numa perspectiva formalista, estruturalista, os gêneros são usados, identificados e reproduzidos a partir de sua forma rígida, pouco variável. Para outros teóricos mais funcionalistas, o gênero é reconhecido prioritariamente pela sua função comunicativa<sup>12</sup>, esclarecendo que esse fenômeno é o orientador de todos os outros. Entretanto, para os teóricos como Davvit e Miller, as funções se alteram de acordo com outros aspectos sociais. Enfim, conceituar um gênero sob caracteres estanques é negar sua dinamicidade. Se as ações humanas são historicamente variáveis, assim serão os gêneros com os quais essas ações se realizam.

“Genre is a reciprocal dynamic within which individuals’ actions construct and are constructed by recurring context of situation, context of culture, and context of genres (DAVVIT, 2006, p. 31)”<sup>13</sup>

A apropriação dessas novas concepções de gêneros orienta a postura que cada cidadão poderá tomar nos mais diversos contextos sociais. Aquilo que ele pretende defender, as estratégias que se poderá usar para efeito argumentativo estão associadas ao gênero textual em uso naquela situação de interação. Marcuschi (2008, p. 154) postula que “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.” Com base nisso, este trabalho mostrará de que forma o cidadão se apresenta argumentativamente no gênero virtual *E-fórum* e como a prática desse gênero contribui para o desenvolvimento da argumentação em outras situações comunicativas. Se esse gênero é predominantemente argumentativo, se a intenção principal do *E-fórum* é persuadir o outro, quanto mais ele faz uso desse gênero, certamente melhor desempenhará suas estratégias argumentativas. Quanto melhor ficar compreendido esse fenômeno, mais pragmaticamente pode-se atuar socialmente.

---

<sup>12</sup> Miller (2004) amplia essa noção de função comunicativa, abordando as categorias que formam um gênero, desenvolvendo várias situações do aspecto motivacional através das exigências sociais.

<sup>13</sup> Gênero é uma dinâmica recíproca dentro das quais as ações individuais constroem e são construídas pelo contexto recorrente da situação, da cultura e dos gêneros. (tradução nossa)

A perspectiva sobre gênero tem implicações não somente para a história, mas também para a educação retórica. Ela sugere que aquilo que aprendemos quando aprendemos um gênero não é apenas um padrão de formas ou mesmo um método de realizar nossos próprios fins. Mais importante, aprendemos quais fins podemos alcançar [...] Aprendemos a entender melhor as situações em que nos encontramos e as situações potenciais para o fracasso e o sucesso ao agir juntamente (MILLER, 2006, p. 44).

Com essa perspectiva de gênero, entende-se de que forma o *E-fórum* pode se tornar uma ferramenta de condução da atuação do homem na sociedade. A manifestação de um ponto de vista, a discussão sobre um problema social, a troca de informações sobre temas comuns permitem a esse indivíduo ser um agente nas práticas sociais, empoderando sua vivência na história.

## 1.2 A concepção de transmutação de gêneros

Para se desenvolver um estudo sobre argumentatividade no fórum de discussão em ambiente eletrônico, é necessário conhecer esse gênero em outros contextos discursivos onde ele se apresenta, especificamente em contextos não eletrônicos. Para isso, é necessário entender que fenômenos ocorrem no percurso da evolução dos gêneros textuais até sua configuração no ambiente virtual. Marcuschi (2005) desenvolveu uma pesquisa sobre gêneros *emergentes na mídia virtual*, bem como Araújo (2005), tomando como base algumas concepções de Bakhtin, apresenta um estudo sobre esse fenômeno da transmutação de um gênero.

Sem fazer um levantamento aprofundado sobre o aspecto histórico<sup>14</sup> dos gêneros, Marcuschi esclarece que a evolução, as mudanças, as variadas formas de apresentação dos gêneros foram possíveis a partir da invenção da escrita. Foi esse fenômeno histórico que contribuiu para as mais variadas criações de suportes<sup>15</sup>, conseqüentemente de apresentação dos gêneros. Nessa mesma linha evolutiva,

---

<sup>14</sup> Bazerman(2006a) desenvolveu uma pesquisa sobre a história do gêneros, considerando a carta como a base de diversos gêneros textuais. Palavras dele (:84) “as cartas podem ter exercido uma influência ampla e importante na formação dos gêneros.” É um estudo curioso por apresentar os primeiros sinais de transmutação de gêneros na sociedade.

<sup>15</sup> Termo apresentado por Marcuschi (2008) para designar o local físico ou virtual que tem como função apresentar (tornar visível, acessível) um gênero textual nos mais variados domínios discursivos.

surge a Internet, que, como afirma Marcuschi (2005, p. 26), “(...) tornou-se um imenso laboratório de experimentações de todos os formatos”. Ou seja, a Internet é o ambiente que veicula inúmeros gêneros textuais, de diversos domínios discursivos, através das mais variadas formas.

Com essa concepção de ambiente que permite o uso e a apresentação de diversos gêneros textuais, com características peculiares ao aspecto eletrônico do suporte, certamente os gêneros ali utilizados adquirem aspectos exigidos por esse ambiente. Então, quando se fala em gêneros virtuais, não se está falando necessariamente de novos gêneros, mas de gêneros que sofreram transmutações para serem realizados no novo suporte. Na verdade não estamos falando também de um fenômeno peculiar aos ambientes virtuais. Dada a natureza não estanque do gênero, e como afirma Marcuschi (2005, p.20) “os gêneros textuais são frutos de complexas relações entre o meio, um uso e a linguagem.”, é natural que ele apresente variações de acordo com cada ambiente em que é posto em interação.

Araújo (2005), por sua vez, inicia seu estudo sobre transmutação de gêneros levando em consideração alguns conceitos de Bakhtin (1997) sobre gêneros como *esfera de comunicação* e *gêneros primários e secundários*. Na verdade, o que Marcuschi descreve como domínio discursivo, Bakhtin denomina esfera de comunicação, não havendo muitas distinções quanto à abrangência e à concepção.

Todavia, para entender a formação dos gêneros, Araújo retoma a ideia postulada por Bakhtin (1997) de gêneros primários e secundários, considerando aqueles como “gêneros de uma comunicação verbal mais espontânea”, e estes “gêneros que sustentem uma comunicação mais complexa e escrita.” O autor deixa claro que não é a modalidade (oral ou escrita) que determina essa distinção, mas o grau de complexidade e de exigências pela esfera de comunicação. Araújo então cita como exemplo a carta e uma conversa espontânea como gêneros primários, e um romance ou um discurso científico como gêneros secundários.

Com essa categorização de formação de gêneros, é possível entender como se dá o processo de transmutação de um gênero. Para melhor esclarecer esse fenômeno, Bakhtin (1997, apud ARAÚJO, 2005, p. 93) afirma:

... na medida em que tais esferas se complexificam, os gêneros também tenderão a reformatar-se, pois estes entram em um

processo complexo de formação, para dar conta das novas necessidades que se instauram nas esferas. Tal processo é designado (...) de transmutação. Fenômeno que explica a formação dos gêneros complexos, os quais são originados dos gêneros primários que, ao se transmutarem de uma esfera para outra, geram novos gêneros com um estilo similar ao domínio discursivo que absorveu.

Por isso, ao se falar de migração de gêneros de uma ambiente “real” para um ambiente eletrônico, “virtual”, é preciso considerar algumas características comuns e algumas variações adquiridas pela exigência do meio. De acordo com Marcuschi, os gêneros emergentes se apoiam em “padrões pré-existentes” dos gêneros originais, o que Bakhtin considerou “um estilo similar”. Tomando o e-gênero *bate-papo*<sup>16</sup> como exemplo, um padrão pré-existente seria o caráter informal e conversacional do gênero. As formas de realização é que se diferenciam de acordo com o ambiente. Essas formas de realização dos gêneros emergentes vão apontar para o primeiro traço distintivo entre esses gêneros e suas contrapartes<sup>17</sup>: a predominância do uso da escrita.

Em que os gêneros virtuais divergem de suas contrapartes reais? Essas divergências são essenciais para produzirem gêneros novos? Aspecto reiteradamente salientado na caracterização dos gêneros emergentes é o intenso uso da escrita, dando-se praticamente o contrário em suas contrapartes nas relações interpessoais não virtuais (MARCUSCHI, 2005, p. 30).

É evidente que essa primeira consideração sobre divergências está relacionada alguns gêneros mencionados por Marcuschi nessa pesquisa. Para entender melhor, serão apresentados esses gêneros emergentes selecionados e suas contrapartes em gêneros pré-existentes. Sobre esse estudo, é necessário esclarecer, também, que são estudos incipientes, que não alcançam nem pretendem alcançar todos os gêneros usados na mídia eletrônica, como também não dão conta de todos os fenômenos promovidos pela nova tecnologia, tendo em vista seu caráter dinâmico e evolutivo.

---

<sup>16</sup> Vários estudos têm se desenvolvido sobre as características do bate-papo ou *chat*, como algumas pesquisas de Marcuschi (2005), Lima (2006), em que se podem identificar outros traços comuns entre os gêneros.

<sup>17</sup> Esse é o termo usado por Marcuschi sempre que se refere aos gêneros pré-existentes, que deram origem diretamente àquele gênero virtual.

	<b>Gêneros emergentes</b>	<b>Gêneros já existentes</b>
1	E-mail	Carta pessoal/bilhete/correio
2	<i>Chat</i> em aberto	Conversações (em grupos abertos)
3	<i>Chat</i> reservado	Conversações duais (casuais)
4	<i>Chat</i> ICQ (agendado)	Encontros pessoais (agendados)
5	<i>Chat</i> em salas privadas	Conversações (fechadas)
6	Entrevista com convidado	Entrevista com pessoa convidada
7	<i>E-mail</i> Educacional	Aulas por correspondência
8	Aula <i>chat</i> (aulas virtuais)	Aulas presenciais
9	Video-conferência interativa	Reunião de grupo/conferência/debate
10	Lista de discussão	Circulares/séries de circulares
11	Endereço eletrônico	Endereço postal
12	<i>Blog</i>	Diário pessoal, anotações, agendas

Fonte: (MARCUSCHI, 2005, p.31)

Os gêneros emergentes selecionados por Marcuschi têm como sua contraparte no mundo real, em sua maioria, textos usados na modalidade oral, excetuando apenas as séries de circulares, endereço postal e diário pessoal. Pode-se, então, estabelecer, como um dos marcos distintivos, o uso da modalidade escrita nos textos da mídia eletrônica. É evidente que isso se dá porque a tecnologia computacional funciona basicamente através da escrita. Mesmo com alguns programas modernos multimidiáticos, com usos simultâneos de áudio e vídeo, a base da interação no computador ainda é a escrita.

Outro ponto divergente entre esses e-gêneros e suas contrapartes diz respeito ao aspecto físico. Um gênero como *bate-papo*, por exemplo, numa interação não virtual, acontece, na maioria das vezes, com os participantes interagindo face a face. E esse aspecto físico possibilita construções discursivas peculiares, relacionadas à linguagem corporal. No *bate-papo* virtual, algumas

estratégias<sup>18</sup> são usadas para compensação desse aspecto físico, numa tentativa de aproximar as reações físicas próprias de uma conversação, entretanto, não deixam de ser ícones convencionados através da tecnologia computacional, não descaracterizando a distância física.

Considerando a modalidade escrita como o aspecto distintivo básico, ou melhor, a exigência fundamental da escrita para a apresentação de um gênero no ambiente virtual, a linguagem utilizada apresentará algumas variações. Não variações morfológicas, estruturais, que essas correspondem a outras análises do ambiente virtual, mas no que diz respeito às escolhas lexicais, tendo em vista que estamos nos baseando nos gêneros cujas contrapartes são da modalidade oral

Essas considerações contribuem relevantemente com a hipótese apresentada neste trabalho sobre argumentatividade no E-fórum. Como esse gênero também apresenta algumas características de uso no ambiente virtual, acredita-se que novas formas de apresentação contribuem para o desenvolvimento da argumentatividade.

### **1.3 A constituição do gênero *E-fórum***

Tomando como base as concepções de gênero aqui apresentadas, o propósito desta seção é reconhecer no *E-fórum* um gênero e analisar alguns dos seus aspectos constituintes como: estrutura formal, meio de circulação, e função discursiva. Considerando, também, os conceitos de transmutação de gêneros, serão estabelecidas algumas relações entre esse gênero do ambiente virtual e suas contrapartes em gêneros do ambiente 'real'. Entretanto, o enfoque será dado na constituição desse gênero em ambiente virtual, tendo em vista o principal propósito deste trabalho ser analisar a força argumentativa realizada através da linguagem usada no *E-fórum*, gênero promotor de debates na mídia digital, hoje bastante utilizado por internautas.

---

<sup>18</sup> Os estudos das estratégias usadas nos bate-papos virtuais têm se desenvolvido amplamente por linguistas especialistas na área de hipertexto, como Marcuschi, Xavier, Araújo, entre outros.

Bazerman (2006, p. 31) entende gêneros como “fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas.” Ora, o *E-fórum* se constitui em uma forma de interação organizada em um ambiente social compartilhado e reconhecido pelos seus interactantes, cujo propósito comunicativo fundamental é compartilhar pontos-de-vista, acerca de um tema previamente ou não determinado. De alguma forma, através da linguagem, os usuários tornam-se agentes discursivos, permitem-se agir socialmente através do fórum, caracterizando-o como gênero textual.

Levando em consideração o conceito de transmutação de gênero, o *E-fórum* sempre foi usado com esse propósito em vários contextos comunicativos, principalmente em situações em que a participação discursiva poderia determinar decisões de ações de acordo com a instituição em que o gênero estava se desenvolvendo.

Xavier e Ferraz<sup>19</sup> (2005, p. 30) descrevem como esse gênero se apresenta fora do ambiente virtual, para melhor entender os padrões pré-existentes que determinaram a formação do gênero *E-fórum*.

O gênero fórum (...) sempre foi conhecido como um gênero de discurso que consiste em discutir problemáticas específicas em comunidades civil e institucional, a fim de, pela exposição das opiniões diversas em um amplo debate, encontrar coletivamente mecanismos e estratégias que venham solucionar as dificuldades que lhe deram origem.

Esses são os principais elementos que configuram um fórum, seja qual for o domínio discursivo em que se apresente. As estratégias utilizadas para atingir o propósito da discussão devem levar em conta o tema em debate bem como o perfil das pessoas que estão participando do fórum. Segundo Bazerman (2007, p. 49): “Dentro de fóruns de comunicação reconhecidos, também nos damos conta de que nossos enunciados serão responsabilizados por vários elementos e procedimentos considerados relevantes por pessoas que participam daquele fórum.”

O *E-fórum* tem como base, portanto, esses principais aspectos descritos: o propósito de discutir problemas apresentados; exposição de opiniões; caráter de

---

<sup>19</sup> Essa citação fez parte das considerações iniciais do livro *Interação na Internet*, organizado por Júlio César Araújo e Bernadete-Biasi Rodrigues (2005).

debate e a apresentação em comunidades. O uso em ambiente eletrônico é que conferirá particularidades concernentes ao ambiente tecnológico. E, segundo a hipótese desse trabalho, serão esses recursos próprios do mundo virtual que podem conceder à discussão elementos discursivos relevantes à prática argumentativa. Para melhor elucidação dessa afirmação, é necessário conhecer amiúde esse gênero em seu ambiente de realização, a Internet, e suas formas de apresentação.

Primeiramente, faz-se necessário esclarecer que o gênero *E-fórum* é posto em uso em *sites* diferenciados, com ferramentas distintas, portanto, com propósitos interativos específicos. Segundo Marcuschi (2005, p. 31):

Estas listas (ou fóruns de discussão) são hoje gêneros muito praticados na comunidade acadêmica, mas são comuns fora dela. E aí têm finalidades diversas e se formam por interesses de grupos bem definidos constituídos como comunidades virtuais que se agrupam em torno de determinados interesses (...)

É possível, com essa descrição, identificar uma dos espaços na mídia virtual em que o fórum se apresenta – comunidade acadêmica<sup>20</sup> – cujos propósitos são especificamente pedagógicos. Há também fóruns de discussão em *blogs*, *sites* de cunho político, jurídico, enfim, o ambiente da Internet permite uma infinidade de possibilidades para a apresentação e uso do gênero *E-fórum*. Entretanto, como o foco deste trabalho é a argumentatividade presente no *E-fórum* do site de relacionamento *Orkut*, as descrições e análises desse gênero serão explicitadas especificamente nessa rede social.

Para compreender todo processo interativo pelo qual o *E-fórum* se desenvolve, é necessário conhecer alguns detalhes de apresentação do *site* de relacionamento *Orkut*. Galvão (2008, p. 43), em sua pesquisa sobre o tema, acrescenta:

- O *site* de relacionamento *Orkut* foi criado e desenvolvido por Orkut Büyükkökten, um dos engenheiros da empresa Google, em janeiro de 2004. Os gerenciadores do *Orkut* consideram-

---

<sup>20</sup> Ediléa Corrêa (2007) desenvolveu um trabalho sobre fórum de discussão especificamente em comunidades acadêmicas, em que foi possível um aprofundamento sobre essa variação do gênero. Seu artigo está disponível no site:

<http://cead.ifes.edu.br/moodle/portal/view/arquivos/artigos/ARTIGO%20PARA%20PUBLICACAO>. Acessado em 10/10/2010.

no como uma grande comunidade, isto é, uma macro comunidade que reúne pessoas de diversas etnias.

Se a princípio esse foi o objetivo do criador, hoje esse *site* de relacionamento é uma das mais ricas ferramentas de interação, bem como uma das melhores vitrines para o desenvolvimento de pesquisa por estudiosos das mais variadas áreas: linguistas-antropólogos, analistas do discurso, interacionistas, psicolinguistas, só para citar alguns. A relevância que esse *site* tem adquirido para o cidadão da sociedade moderna é abrangente e qualquer análise aqui apresentada será sempre em caráter provisório dada a dinamicidade dessa ferramenta. Para entender melhor a relevância social do site de relacionamento *Orkut*, é necessário compreender algumas particularidades de sua formação, conforme apresentado na figura 1<sup>21</sup>.



Fonte: www.orkut.com (2010)

**Figura, 1:** Página inicial do Orkut

Essa é a página inicial do *Orkut*, pela qual o usuário principia sua interação após ter efetuado seu *login*. Através dessa interface, é possível fazer algumas considerações relevantes. O usuário, cuja foto normalmente aparece no canto esquerdo da página, se apresenta com um perfil, que representa uma forma de

<sup>21</sup> Os nomes e fotos foram alterados para preservar o direito de imagem dos usuários do site de relacionamento, conforme compromisso firmado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE.

identificação social, profissional e de formação escolar. É através desse perfil (verdadeiro ou não) que o usuário estabelece os primeiros filtros para interação. Na verdade, o preenchimento dos aspectos sociais é realizado, provavelmente, com intenção de atender aos participantes que comungam com as características apresentadas.

No lado direito, aparece a lista dos amigos que foram aceitos para compartilhar de sua página no *Orkut*. Essa aceitação não é feita de forma aleatória, mas com consentimento, o que permite uma certa “privacidade” no *site* de relacionamento. O acesso aos recados (que aparecem na página seguinte), às fotos, aos depoimentos são todos manipulados pelo dono da página, podendo bloquear quando achar necessário. Nesta página, é possível ter acesso a fotos, vídeos e outros gêneros textuais, o que determina o uso contínuo desse *site* pelos seus usuários. Esse fator de acesso permanente e contínuo foi determinante para a escolha de análise do *E-fórum* veiculado neste *site*, tendo em vista as considerações deste trabalho.

No lado direito da página, abaixo do rol de amigos, é possível identificar o *link* *Minhas comunidades*, o que cabe, para este trabalho, maior atenção. Sabe-se que, de acordo com a área de estudo, o conceito de comunidade tende a se apresentar sob algumas perspectivas diferentes, entretanto um dos conceitos pertinentes à linha de análise deste trabalho é apresentado por Palácios (2001,p.7, *apud* PERUZZO e VOLPATO, 2009, p.143)

O sentimento de pertencimento, elemento fundamental para a definição de uma Comunidade, desencana-se da localização: é possível pertencer à distância. Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face- a- face) por outro (a distância), mas possibilita a co-existência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas (PALÁCIOS, 2001, p.7).

Um dos principais fascínios promovidos pela rede social de relacionamento *Orkut* é a sensação de pertencimento que ela desenvolve no cidadão da era virtual. Essa sensação é desenvolvida principalmente por essa ferramenta do *site*: *Minhas comunidades*. Através delas, os usuários não apenas comungam de preferências das mais diversas áreas com outros participantes como desnudam princípios e valores que não poderiam ser expostos ou visíveis através apenas de grupos físicos de amizade. Por esse motivo, o conceito de Palácios se encaixa tão bem, pois a ideia de pertencimento ultrapassa as relações ‘presenciais’ ou regionais. Como

membro dessa comunidade, o usuário também poderá manifestar sua opinião através de tópicos apresentados no *E-fórum*, ligados ao tema da comunidade.

Como este trabalho pretende explorar a possibilidade de desenvolver a argumentatividade do usuário desse e-gênero, a comunidade escolhida foi “Penso logo escrevo”, cujo objetivo principal é permitir a participação de usuários (predominantemente alunos do ensino médio) com opiniões acerca dos mais variados temas relacionados à vivência na sociedade. É possível entender melhor o funcionamento de uma comunidade do *Orkut* nesta figura 2.



Fonte: www.orkut.com (2010)

**Figura 2:** Página inicial de uma comunidade do Orkut

A estrutura de uma página inicial de uma comunidade é constituída pela descrição do propósito da comunidade, pela apresentação de sua autoria, pela organização de uma relação, ao lado direito, dos participantes e pelo *link* que dá acesso ao gênero *E-fórum*. Antes de qualquer análise sobre o gênero, é necessário entender o propósito desta comunidade apresentada na figura 2.

A comunidade *Penso logo escrevo* do *Orkut* foi criada por uma professora de língua portuguesa, com o propósito de proporcionar um espaço para desenvolvimento argumentativo de seus alunos, diferente do contexto escolar. Através dessa comunidade, os alunos podiam manifestar suas ideias, através da

escrita, usando o *E-fórum*. Ficou constatado<sup>22</sup> que o uso desse gênero textual passou a ter uma relevância para o desenvolvimento da argumentatividade escrita desses alunos, bem como provocou o aumento no caráter crítico como cidadãos que vivem legitimamente seus direitos e deveres na sociedade.

Tais constatações, a priori, provocaram o aprofundamento acerca desse gênero, na tentativa de explorar alguns fenômenos recorrentes com objetivo de entender melhor de que forma o cidadão interage através dele e que contribuições essa participação traz para suas práticas sociais.

Na parte inferior da página inicial da comunidade, há o *link* que permite o acesso ao fórum. Ainda nesta página, o usuário poderá selecionar o tópico que está posto à discussão. Nesta visualização inicial, o usuário tem acesso ao tema, ao número de pessoas que deixaram comentários e a data em que o último comentário foi postado. São aparentemente elementos de organização de acessibilidade, mas que, muitas vezes, são determinantes para a manifestação do usuário sobre o tema. Se muitos participantes estão comentando sobre um determinado tema, já se tem uma provocação argumentativa sobre o tema, portanto mais pessoas comentam a respeito. Pela forma de apresentação, percebe-se que tópicos comentados há mais tempo, não aparecerão nesta página inicial, conseqüentemente dificilmente será retomado à discussão.

É preciso, então, entender como se constitui, de fato esse gênero. Para isso, vamos visualizar a página do *E-fórum* e observar como ele é posto em interação, conforme mostra a figura 3.

---

<sup>22</sup> Com a participação ativa dos alunos no *E-fórum*, sua motivação para escrever em contexto escolar era diferenciada. Embora escrevendo gêneros diferentes, o teor argumentativo se apresentava com maior nível de persuasão, e maior grau de informatividade. Os próprios alunos declaravam que, após escreverem no *E-fórum*, suas ideias vinham com mais facilidade nas produções escolares.



Fonte: www.orkut.com (2010)

**Figura 3:** Página do *E-fórum* de discussão no Orkut.

Conforme já foi dito, o gênero *E-fórum* apresenta algumas similaridades com os fóruns veiculados em domínios não-virtuais. Uma dessas similaridades corresponde à presença de vários participantes discutindo um tema que foi colocado em pauta. Essa discussão ocorre com condução de um mediador, no caso do *E-fórum*, normalmente é o autor da comunidade. Ele apresenta o tema e retoma conforme a contribuição de cada participante. Essa relação dialogal será importante para as análises sobre a argumentação nessa relação de interatividade.

Diferentemente dos debates orais, que se realizam de forma síncrona, o *E-fórum* ocorre assincronamente. Podemos perceber pela data em que os comentários estão postados. Isso não impede que, coincidentemente, não possa haver uma discussão “quase síncrona”, se dois ou mais participantes estiverem postando simultaneamente em tempo real. Ainda assim, não corresponde a mesma sincronia de um *chat*, por exemplo, e não é uma característica do *E-fórum*.

Os participantes do *E-fórum* normalmente se apresentam sem esconder a identidade, tendo em vista que, para chegar a essa discussão, sua acessibilidade se deu pela sua iniciação na página do *Orkut*, que, conforme vimos, se processa sob a anuência do usuário. É importante lembrar que o acesso à página da comunidade é determinado pelo seu criador como restrito ou não. Não sendo restrito, qualquer usuário da Rede Mundial de relacionamentos poderá entrar e postar seu comentário no *E-fórum*.

Sabe-se que os gêneros digitais fazem uso, predominantemente, da modalidade escrita. Isso não corresponde necessariamente ao maior ou menor grau de formalidade. Apesar de declarações superficiais de que a Internet provocou uma mudança na linguagem escrita, a adequação da formalidade continua sendo respeitada nesse domínio. Quando Bazerman (2007, p. 50) afirma que “é provável que associemos certos limites e formas de expressão como socialmente apropriadas ou efetivas para *certas*<sup>23</sup> situações e nossos papéis dentro delas”, esses limites não são desconsiderados no ambiente virtual. Ao se enviar um *e-mail*, por exemplo, ao chefe de departamento de uma empresa, as formas linguísticas concernentes à situação comunicativa estarão de acordo com a exigência social. As mudanças de fato ocorreram, mas em gêneros textuais que permitem tais transformações.

O *E-fórum* em estudo é um gênero que, de alguma forma, apresenta uma linguagem de acordo com os papéis sociais desempenhados pelos participantes, de acordo com a comunidade a que está atrelado. Os limites aos quais Bazerman se refere estarão presentes em qualquer gênero digital. A comunidade da qual extraímos o *E-fórum* tem como mediadora uma professora, os participantes, em sua maioria, são adolescentes, o ambiente não exige muitas formalidades, portanto a linguagem aqui apresentada terá algumas variações. Entre essas variações estão os recursos permitidos pelo ambiente digital. De modo geral, o *E-fórum* faz uso de uma escrita associada a várias possibilidades tecnológicas, como Crystal (2005, p. 87) descreve:

A escrita que se vê não é necessariamente estática, em virtude das opções técnicas disponíveis que permitem ao texto se mover pela tela, desaparecer/reaparecer, mudar de cor (...). e do ponto de vista do usuário, existem possibilidades de se “interferir” no texto de várias maneiras, que não estão disponíveis na escrita tradicional.

Evidentemente, essas são apenas algumas das contribuições do ambiente digital para a escrita. Outros elementos semióticos serão melhor explorados em análises em que tais recursos se configurarão como mecanismos de argumentação. Para exemplificar uma dessas possibilidades trazidas pela nova tecnologia no *E-fórum*, tem-se o comentário de um participante:

“Legaliza logo D.”

---

<sup>23</sup> Para melhor adequação à ideia defendida no parágrafo, foi substituída a expressão ‘essas’ originalmente do texto fonte por ‘certas’.

Elementos semióticos como esses, de acordo com o gênero digital, permitem novas formas de construção do sentido, permitindo novas estratégias discursivas. Nas análises posteriores, veremos que, no *E-fórum*, as interssemioses terão, também, relevante força argumentativa. Além disso, é possível observar que o participante introduz uma resposta à temática como se ocorresse imediatamente, no mesmo momento discursivo da pergunta, embora tenham sido postadas em dias diferentes. Essa é uma característica das formas de apresentação da linguagem do *E-fórum*, conforme Xavier (2005, p. 35) explica:

Nota-se, na maioria das respostas dos participantes, uma certa tensão que os leva à digitação apressada, como se o locutor estivesse em presença ou sob o olhar do interlocutor. [...] A maioria dos participantes do *FE*<sup>24</sup> se comporta como se dispusesse do mesmo tempo de fala para a produção do seu fluxo verbal.

De modo geral, a linguagem do no *E-fórum* tende a apresentar certa similaridade com os debates na modalidade oral, por ser constituído, em sua essência, por essa característica discursiva. Se a tensão para responder, através da digitação, aos desafios postados nos enunciados é visível, também é visível que o tempo decorrido para essa resposta foi maior, portanto o planejamento da resposta será melhor elaborado. O que vemos, na verdade, é uma 'falsa' ideia de imediatismo, pois o gênero permite a visualização antecipada de todos os comentários, o que contribui para uma participação discursivamente mais consciente.

Enfim, são essas características analisadas, genericamente, sobre o gênero *E-fórum* que permitirão compreender alguns processos cognitivos desenvolvidos no momento comunicativo, os quais são basilares para a elaboração de estratégias argumentativas. As formas de participação, a comunidade selecionada, o grupo de interação, as formas linguísticas de apresentação são alguns dos elementos fundamentais para a construção peculiar da argumentação nesse gênero digital.

---

<sup>24</sup> Abreviatura de *Fórum Eletrônico*, denominação usada pelo autor para o gênero *E-fórum*.

## CAPÍTULO II

### 2 ARGUMENTATIVIDADE NA LINGUAGEM

Este capítulo pretende apresentar como a argumentação tornou-se um objeto de estudo relevante para alguns campos da linguística. Partindo da concepção de argumentação como prática discursiva, será observado de que forma a argumentatividade pode ser responsável pela construção do discurso como ação e como formador de opinião do sujeito na sociedade. Para tanto, serão apresentados três grandes momentos dos estudos da argumentação: (a) a Arte Retórica de Aristóteles, para quem argumentar era demonstrar supremacia no discurso; (b) a Nova Retórica, a proposta de Perelman para os estudos da argumentação; (c) o olhar semântico de Ducrot para a argumentatividade como elemento constitutivo da linguagem.

Retomar a visão aristotélica é importante porque permite a percepção da argumentação sob a visão da lógica-formal desprovida de algumas análises preconceituosas. Pelo contrário, conforme se estuda os silogismos, percebe-se que são estruturas argumentativas usadas em muitas situações comunicativas e dão base para outras investigações nessa área. Além disso, Aristóteles (2007), com seu olhar filosófico, desenvolve as primeiras categorias de argumentação, que se tornaram base para inúmeras estratégias argumentativas apresentadas posteriormente por outros pesquisadores, como Perelman e Olbrechts-Tyteca(1958), Toulmin (1958), Ducrot (1987), entre outros.

Com Perelman (2005), é possível ter um dos mais completos tratados, numa perspectiva filojurídica sobre a argumentação no discurso. O autor se preocupa em apresentar diversas situações discursivas, ainda que voltadas predominantemente para domínio jurídico e publicitário, que contribuem para uma visão de muitas possibilidades de estratégias argumentativas. Esse estudo é bastante pertinente aos propósitos desse trabalho, tendo em vista que serão analisados alguns trechos discursivos, na modalidade escrita, de alunos em ambiente virtual, cujas técnicas argumentativas serão compatíveis com aquelas apresentadas por Perelman.

Por fim, também serão utilizados, como suporte teórico, os estudos voltados para a argumentação no nível da linguagem, com as pesquisas de Ducrot (1988)

acerca dos operadores argumentativos. Esse estudo contribui para a constatação de como elementos linguísticos são usados de forma intencional, permitindo a mudança da orientação argumentativa do discurso.

## 2.1 Alguns pressupostos teóricos

A partir do século XIX, mais especificamente no início do século XX, várias áreas de estudo têm surgido, para investigação dos diversos fenômenos da linguagem. Com a importante colaboração de Saussure (1857-1913), que introduziu a Linguística no campo das ciências, desencadearam-se pesquisas focalizando, a princípio, os elementos estruturais da língua. Mesmo considerando a língua como “um fato social”, Saussure opta por desenvolver seus estudos focalizados no sistema da língua, tendo em vista a dicotomia estabelecida por ele entre *langue* e *parole*, defendendo a ideia de que a Linguística não deveria dar conta de todos os fenômenos apresentados na fala.

Após esse período de olhar no sistema da língua, percebeu-se que não havia limites para se estudar todos os fenômenos identificáveis na linguagem. As possibilidades investigativas extrapolavam a visão até então estruturalista, permitindo o surgimento de diversos campos de estudo da língua em funcionamento real no cotidiano dos usuários como a Pragmática, Teoria da argumentação, Teoria da enunciação, Linguística de texto, Análise do discurso, só para citar alguns.

Entretanto, cada perspectiva teórica não significou o isolamento de um aspecto restrito da língua, mas a possibilidade de ampliar as várias áreas de atuação da linguagem. Essa ampliação de estudos indicou, também, que o conceito sobre língua e linguagem era comum para as diversas áreas, e que, para muitas delas, a língua era materializada no discurso. Sob essa perspectiva, algumas teorias da argumentação foram desenvolvidas e geraram condições efetivas para compreensão de certos aspectos da língua. São teorias com visão filosófica, metafísica e linguística, que postulam um olhar para o discurso como manifestação argumentativa do sujeito. Koch, (2008, p.15) descreve como teve início essa preocupação.

Muitos linguistas vêm dando especial relevo à função social da linguagem: o homem usa a língua porque vive em comunidade, nas quais tem necessidade de comunicar-se com os seus semelhantes, de estabelecer com eles relações dos mais variados tipos, de obter deles reações ou comportamentos, de atuar sobre eles das mais diversas maneiras, enfim, de interagir socialmente por meio do seu discurso. Desta forma, a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, **ação sobre o mundo dotada de intencionalidade**, veiculada de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade.

Sob essa perspectiva da língua como ação humana, os estudos da argumentação puderam desenvolver análises sobre uma realidade discursiva ativa e ilimitada, pois a necessidade de interagir no seu meio social pressupunha ação argumentativa em vários modos e níveis, de acordo com as intenções discursivas pretendidas.

Dessa forma, é possível perceber a associação dos estudos sobre argumentação à concepção de linguagem vivida em cada momento teórico. Os estudos da argumentação, por exemplo, na perspectiva da lógica-formal, apresentam um empenho discursivo muito mais preocupado com a eloquência, com a beleza do discurso proferido, baseados em argumentos lógicos e incontestáveis, do que com as possibilidades persuasivas construídas pelo discurso através das intencionalidades em situações reais de interação. Por isso a percepção de Perelman, sobre argumentação, é considerada um marco para os estudos argumentativos. É a visão de quem enxerga no discurso a possibilidade de atingir o outro e mudar a sua opinião. O trabalho desenvolvido na linguagem para atingir essa adesão, de fato, é cognitivamente mais complexo e mais ativo.

Para melhor entender essa complexidade da argumentação através da construção do discurso, alguns estudiosos, como Ducrot, desenvolveram estudos voltados para argumentação na linguagem, confirmando que a linguagem em ação pode promover inúmeras situações discursivas, perceptíveis por elementos linguísticos em situações de interação.

(...) a linguagem passa a ser vista como forma de ação sobre o outro, cujo alcance tem valor persuasivo e decisório. Vê-se, em nossos dias, a questão da racionalidade, que inclui novas formas de pensar o mundo, já antevistas anteriormente pelos filósofos gregos, tais como o ângulo das afetividades e das paixões. À competência da

razão se junta a da emoção, estando ambas presentes no processo de conhecimento e de comunicação ... ( MOSCA, 2006, p. 10)

## 2. 2 A Arte Retórica de Aristóteles

Iniciar um estudo sobre argumentação requer um conhecimento sobre as primeiras discussões acerca da Retórica, desenvolvida na Grécia antiga mais ou menos no século V a.C. A preocupação, nesse período, era formar bons oradores com técnicas para persuadir, visando principalmente o poder público. Eram técnicas ensinadas pelos mestres sofistas a jovens aspirantes ao governo, de forma a torná-los eficazes na arte de argumentar em situações político, judicial ou em qualquer demanda pública.

Alguns filósofos da época, como Platão e Sócrates, não concordavam com essa forma de argumentação, por considerá-la pouco filosófica e mais emotiva. Surge, então uma retórica numa perspectiva do convencimento através da lógica, da verdade incontestável. Para esses filósofos, o papel do orador não era manipular as ideias do ouvinte, mas comunicar informações evidentes anteriormente adquiridas, usando a lógica e a razão.

Aristóteles, então, é o primeiro filósofo que desenvolve um trabalho sobre argumentação, sistematizando-a, tanto numa abordagem sob a ótica dos sofistas<sup>25</sup>, quanto de acordo com a racionalidade de Platão. Para Aristóteles, a retórica era a arte de persuadir buscando a melhor forma para atingir os diversos auditórios, ainda que, para isso, usasse os argumentos lógicos e irrefutáveis. Embora alguns estudiosos da argumentação de pesquisas contemporâneas tenham críticas a respeito de Aristóteles por priorizar uma argumentação fundamentada na lógica-formal, ou por ter seu foco apenas em discursos orais, muitos outros reconhecem sua contribuição e desenvolveram outros estudos argumentativos tomando como base seus princípios filosóficos sobre argumentação.

---

<sup>25</sup> Para os sofistas, o homem era o agente responsável pela validação dos argumentos, por isso eles eram defensores da efetividade da argumentação pela contra-argumentação. Foi com as ideias dos sofistas que surgiu a frase “O homem é a medida de todas as coisas.” Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ret%C3%B3rica>. Acessado em 10/01/2011.

É neste quadro definido por Aristóteles que a Retórica irá evoluir, confinando-se à uma arte de compor discursos que primavam pela sua organização e beleza (estética), desvalorizando-se a dimensão argumentativa cultivada pelos sofistas. (FONTES, [afilosofia.no.sapo.pt](http://afilosofia.no.sapo.pt))

Inicialmente Aristóteles (2007) se propõe a conceituar “retórica” para associar esse estudo às situações de argumentação. Para o autor, “o estudo da retórica refere-se aos meios de persuasão.” Como para Aristóteles, a persuasão é um estado relevante dos discursos orais, em várias situações comunicativas, ele propõe que a retórica seja a arte com a qual o orador poderá utilizar as diversas estratégias necessárias para atingir o propósito da persuasão. Outra definição apresentada pelo filósofo reitera essa percepção. “A retórica pode ser definida como faculdade de observar os meios de persuasão disponíveis em qualquer caso dado” (ARISTÓTELES, 2007, p.23).

Mostrando claramente que sua preocupação estava voltada ao discurso oral, Aristóteles defende também um princípio usado posteriormente por outros estudiosos da argumentação que diz respeito aos meios de persuasão reconhecidos em um discurso. Essa primeira categorização não representa as diversas estratégias para persuadir um ouvinte, mas seriam as três instâncias primordiais para desencadear uma série de outras formas argumentativas. São elas: (a) o *Ethos*, o caráter pessoal do orador; (b) o *Pathos*, o estado psicológico do ouvinte (c) e o *Logos*, a prova concreta, através do discurso, com a qual o orador tenta persuadir.

Quando Aristóteles considera o caráter pessoal como uma das formas mais eficientes para persuadir uma plateia, ele não está considerando apenas alguns aspectos de seu caráter pessoal, mas todas as estratégias que este orador faz para parecer mais confiável ao seu auditório. Ele postula que o orador deve demonstrar sua benevolência sob várias formas, considerando as diversas atitudes que o homem pode ter de tal forma que agrade o outro. Esse aspecto da retórica é tão relevante para Aristóteles que ele sempre relaciona os efeitos pretendidos numa argumentação com a pessoa que conduz o discurso. Ao falar do orador deliberativo ou político, por exemplo, o filósofo os apresenta como homens, cuja meta é a utilidade. Não como negação da ‘bondade’, mas como defensores de ações úteis, e como ele mesmo confirma: “a utilidade é uma coisa boa”.

Para melhor especificar o caráter esperado de um orador em ato argumentativo, Aristóteles explicita padrões de ‘virtude’ e ‘nobreza’. Com uma extensa apresentação de atos nobres, o filósofo reitera o que considera relevante para eficácia argumentativa, ao admitir que possuir tais virtudes indica “como fazer para que nossos ouvintes absorvam o necessário das nossas próprias características – como segundo método de persuasão.”

Da mesma forma, Aristóteles mostra a força persuasiva da figura do orador jurídico. Um orador que necessitava demonstrar confiança principalmente para um auditório como um júri, o qual tomaria decisões de acordo com o quão crível era a pessoa que lhe transmitia os fatos. Por esse motivo o autor reitera: “Há três coisas que inspiram confiança na personalidade do orador (jurídico)<sup>26</sup>, as quais nos induzem a crer em uma coisa distinta de qualquer prova dela. Essas três coisas são: o bom senso, o bom caráter moral e a boa vontade (ARISTÓTELES, 2007, p. 82)

Esses três elementos apresentados por Aristóteles como importantes para gerar confiabilidade a um orador serão tratados em situações diferentes de acordo com outros critérios: a personalidade do jovem, do velho e do homem na plenitude da vida. O autor afirma, por exemplo, que o caráter do jovem é muito mais propenso a “ações nobres” que a ações úteis”. O idoso, ao contrário do jovem, é caracterizado por Aristóteles, entre outras coisas, como não generoso, pela sua experiência em adquirir os bens da vida. Quanto aos homens em sua plenitude, Aristóteles os considera tendentes ao nobre e ao útil, como se essa fase da vida correspondesse a uma personalidade em equilíbrio, entre o jovem e o idoso.

Aristóteles também caracteriza as personalidades humanas quanto à sua fortuna e poder. Para o filósofo, a Riqueza emprega ao caráter do homem algo de soberba e arrogância. Já o Poder, renega à personalidade humana um pouco da arrogância da Riqueza, mas arrefecida com certa dignidade oriunda da responsabilidade apreendida com o Poder.

Essas características são aludidas por Aristóteles por ele acreditar que “as pessoas têm boa receptividade para os discursos adaptados e refletidos às suas

---

<sup>26</sup> O termo “jurídico” foi acrescentado ao texto original apenas para esclarecer que era sobre esse orador a que Aristóteles se referia neste capítulo.

próprias características.” (ARISTÓTELES ,2007 p. 113). O orador terá, portanto, em seus atributos, formas diferentes de persuadir o público que se mostra atraído por essas características peculiares. Tais categorizações são verdades reconhecidas em muitas situações dialógicas. É irrefutável que o argumento adquire valor de acordo com o sujeito que a profere.

Além disso, Aristóteles também considera que a persuasão ocorre eficazmente quando o discurso proferido atinge diretamente o estado emocional do ouvinte. Na verdade, o orador fará uso de uma estratégia persuasiva à medida que conhece o público com o qual está lidando. O autor assevera que “quando estamos satisfeitos e amigáveis, nossos juízos são diferentes de quando estamos aflitos e hostis.” (Aristóteles, 2007, p. 24). Sobre esse aspecto, o filósofo traz algumas situações psicológicas e emocionais peculiares a alguns auditórios, e como esse aspecto é determinante para se alcançar a persuasão desejada.

É por esse motivo que a eficácia argumentativa do orador não se dará apenas por seu caráter irrevogável, mas pelo que Ele consegue identificar no seu auditório. Adequar seu discurso ao estado emocional do ouvinte é uma grande estratégia argumentativa. Para melhor exemplificar esse fenômeno, Aristóteles descreve alguns estados emocionais de determinados ouvintes. O autor inicia apresentando os estados que geram dor, como raiva, medo, compaixão, e outros que gerem prazer. Identificar em qual desses estados psicológicos o ouvinte está passando é papel fundamental de quem deseja persuadir. Para cada estado desse, Aristóteles afirma que há uma expectativa peculiar do que se quer ouvir.

Evidentemente que, de acordo com o sentimento nutrido pelo ouvinte, como a raiva, por exemplo, Aristóteles enumera várias situações que podem provocar a ira desse auditório. Resta saber se, o que se quer no momento argumentativo é acirrar a ira ou amenizá-la. O orador deverá conhecer as motivações da raiva de cada ouvinte para atingir seu objetivo. O mesmo se dará com pessoas calmas, com sentimento de amizade, inimizade, de medo, vergonha, cinismo, entre outros. Aristóteles (2007, p. 109) afirma que essas “diversas emoções podem ser produzidas ou dissipadas, e das quais dependem os argumentos persuasivos relacionados à emoção.”

A persuasão através da prova parece ser defendida pelo autor mais efusivamente. Talvez por ser esse meio o que se acomoda bem às análises argumentativas fundadas nos silogismos e entimemas<sup>27</sup>. Apesar de teóricos modernos discordarem do fenômeno, Plantin (2008, p.50) defende: “É necessário restituir a ele sua força, porque, por meio do entimema, é toda a questão do estilo argumentativo que é suscitada.” É assim que Aristóteles enxergava esse meio persuasivo. O autor sabe o valor que uma prova tem para persuadir, mas confirma que, com base em uma entimema, ainda é mais eficaz.

Os discursos que se fiam nos exemplos são tão persuasivos quanto os do outro tipo, mas aqueles que se fiam nos entimemas estimulam o aplauso ruidoso. (ARISTÓTELES, 2007, p.25)

Aristóteles ainda apresenta outros pontos sobre entimema, confirmando, portanto, sua visão da argumentação em dados práticos, lógicos e universais. É assim que ele associa os entimemas às máximas, tendo em vista que a plateia se renderá a esses princípios. Para melhor compreensão, o autor ilustra essa concepção: “... um entimema é um silogismo que trata de tais assuntos práticos. Portanto, em linhas gerais, é verdadeiro que as premissas ou conclusões dos entimemas, considerados à parte do restante do argumento, são as máximas...” (ARISTÓTELES, 2007,

Como foi visto, Aristóteles, em suas análises sobre as formas de argumentação, considera o orador, o discurso e o ouvinte como elementos fundamentais para persuasão. E para melhor situar os processos argumentativos, o filósofo focaliza a oratória, ou a situação discursiva, nas esferas política, jurídica e deliberativa. É para os propósitos específicos de cada parte da oratória que o autor desdobrará as inúmeras possibilidades de persuasão, denominadas de *linhas argumentativas*.

Embora se tenha conhecimento dos estudos argumentativos de Aristóteles especificamente nas esferas política, jurídica e deliberativa, com ênfase na modalidade oral, é possível identificar, nas linhas argumentativas, diversas

---

<sup>27</sup> Termo muito usado numa concepção de silogismo radical, em que o dito levará a uma conclusão perfeita, de concordância universal, inquestionável.

estratégias presentes em qualquer ação comunicativa, em qualquer modalidade da língua. Na verdade, Aristóteles confirma que o discurso persuasivo ocorre em situações mínimas de comunicação, ou seja, no momento que um falante inicia uma intenção argumentativa, ele está, antes de tudo, convencendo a si próprio de sua verdade. É com a certeza de que seus argumentos são persuasíveis que tornará mais consistente seu discurso argumentativo.

O uso do discurso persuasivo conduz às decisões. (...) Isto é assim mesmo, caso alguém se dirija a uma única pessoa e a induza a fazer ou não fazer algo, tal como repreendemos um homem por sua conduta ou tentamos mudar suas opiniões. Uma única pessoa é tanto seu “juiz” quanto se fosse um de muitos; assim podemos dizer, sem qualquer restrição, que qualquer um é seu próprio juiz, ao qual teremos de persuadir (ARISTÓTELES, 2007, p. 116).

Percebe-se que a elaboração de um discurso argumentativamente eficaz não dependerá necessariamente da quantidade de ouvintes, mas do quanto esse discurso seguiu estratégias que poderá convencer desde quem o profere até qualquer que seja o ouvinte. Esse princípio fica ainda mais notório com as *linhas argumentativas*. Se o orador precisa de eficácia para atingir seus propósitos persuasivos, o filósofo enxergou que algumas estratégias poderiam auxiliá-lo. Essa categorização proposta por Aristóteles também servirá de base para várias concepções modernas sobre argumentação. Quando Perelman (2005), por exemplo, apresenta suas técnicas argumentativas, ainda que com maior ampliação, baseia-se fundamentalmente em muitas linhas argumentativas de Aristóteles. Esse é um dos motivos que não se pode vincular a argumentação de Aristóteles apenas aos silogismos.

Aristóteles considera que, para cada tema desenvolvido em um discurso persuasivo, o orador deverá seguir algumas linhas argumentativas relevantes a cada propósito. Quando enfatizou alguns aspectos sobre as características do orador, as diversas emoções apresentadas pelo ouvinte, ou quando distinguiu as categorias de entimemas, como demonstrativos ou refutativos, estava conduzindo a linhas argumentativas para essas situações mencionadas. Em sua análise, mais enfaticamente sobre o discurso, apresentou algumas linhas argumentativas tomando como base algumas provas como argumentação de prova positiva, de prova de ideias correlatas, linha da divisão lógica, linha baseada na indução, enfim, correlações situadas em logicismos. Ao conduzir a linha de argumento pela

‘consequência’, Aristóteles defende como uma linha que se torna eficaz em muitos discursos, por ser previsível que qualquer atitude evocará uma reação, e essa pode ser usada como motivações persuasivas “Visto que os acontecimentos de quaisquer coisas dadas têm conseqüências tanto boas quanto más, outra linha de argumento consiste no uso dessas conseqüências como um motivo para incitar que algo deverá ser feito ou não...” (ARISTÓTELES, 2007, p. 133).

Outra linha perceptível, ainda não com o termo usado hoje – argumento de autoria<sup>28</sup> – é o argumento do sujeito que foge da opinião comum, como diz Aristóteles, “estabelecer o ponto de vista que seus oponentes não adotaram”. Na verdade, temos aqui o que de mais moderno há nas propostas argumentativas. Sempre que se analisa uma situação comunicativa, em textos orais ou escritos, busca-se o argumento que causa maior impacto: aquele que traz um princípio de forma peculiar, o dizer o que ninguém ainda disse.

É interessante notar que Aristóteles também já prenunciava o valor da interação na argumentação, quando tratava do Entimema Refutativo. As concepções interacionistas da enunciação preconizam a força atribuída ao discurso enquanto peça complementar de um ato interacional. Plantin (2008) defende, inclusive, que “um aspecto fundamental da argumentação é o da articulação de dois discursos contraditórios”. Da mesma forma, Aristóteles (2007, p. 138) diz:

O Entimema Refutativo tem maior reputação do que o Entimema Demonstrativo, pois dentro de um espaço menor ele opera com dois argumentos opostos, e os argumentos postos lado a lado são mais claros à plateia.

Por fim, Aristóteles demonstra, também, a preocupação com argumentação do ponto de vista da linguagem. Ele defende que “não basta apenas conhecer o que devemos dizer, também é preciso que nos expressemos de acordo com a ocasião...”. Essa perspectiva, aparentemente estilística, revelará outros aspectos menos formais sobre argumentatividade.

---

<sup>28</sup> Entre os poucos estudos sistematizados sobre ‘autoria’ como processo discursivo argumentativo, pode-se encontrar a tese de doutorado de Rosângela Hammes Rodrigues: *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico: cronotopo e dialogismo*, em que a autora trata da relevância da autoria na construção do artigo jornalístico. Esse aspecto de autoria também é citado por Alves Filho (2006) em seu artigo *A autoria institucional nos editoriais de jornais*.

Aristóteles (2007, p. 150). apresenta inúmeros efeitos adquiridos no ato persuadir através do uso da linguagem. Ele pontua questões como escolha lexical, quando diz “Palavras estranhas, *compostas e inventadas devem ser usadas de maneira esparsa e em poucas ocasiões.*” Alerta, também, para a questão da clareza ao mencionar ‘o uso de palavras ambíguas’ e das metáforas. Apesar de concordar com o valor persuasivo dessa figura de linguagem, tendo em vista a possibilidade de iludir o ouvinte sobre alguma questão, propõe um uso com adequação, pois sem um efeito intencional só permitirá falta de clareza, não atingindo o propósito básico de persuadir o outro.

Não querendo comparar aos estudos sobre marcadores argumentativos, mas também não distanciando demais dessas análises, poderemos perceber uma preocupação similar de Aristóteles com esse aspecto da argumentação. Ele apresenta várias situações de uso das conjunções com intenção de melhor construir a argumentação.

Esses, então, são os ingredientes que constituem o discurso. A fundamentação do bom estilo é a precisão da linguagem que compreende (...) (1) Primeiro, o uso próprio de conjunções, e a organização delas na sequência natural a qual algumas exigem. (ARISTÓTELES, 2007, p. 156)

As várias demonstrações de Aristóteles sobre o estilo do discurso têm como objetivo reiterar sua concepção de Retórica. Como afirma que esse estudo é voltado aos meios de persuasão, ele traz uma das mais relevantes demonstrações de como se dá os jogos argumentativos nos discursos orais. Não se atendo apenas a análises de cunho filosófico, Aristóteles oferece uma visão do ato discursivo argumentativo sob a ótica do orador, do ouvinte e do próprio discurso em uso. É o olhar não apenas sobre uma retórica como “arte do bem falar”, mas sobre uma retórica numa importante dimensão discursiva, voltada para ações persuasivas eficazes. Ainda que sob uma perspectiva da argumentação lógica e determinada, é possível encontrar algumas ampliações, bem como um marco para os estudos argumentativos atuais.

### 2.3 A argumentação sob a perspectiva da Nova Retórica de Perelman

Conforme se viu, a retórica tradicional mostrava-se preocupada com a oratória, com a arte de convencer um público através de um discurso tecnicamente perfeito. Na Arte da Retórica de Aristóteles, essa argumentação era baseada em demonstrações irrefutáveis, como afirma Plantin (2008, p.90) “... a argumentação é caracterizada por suas diferenças com a demonstração lógica (premissas e regras indubitáveis vs decorrentes da opinião).” Entretanto, a partir do século XIX, alguns filósofos iniciaram posicionamentos contrários à visão da lógica argumentativa defendida por Aristóteles. Com essa nova visão de argumentos informais, baseados nas induções, generalizações, previsões, não se poderia imaginar um homem dotado de toda liberdade de ação através da linguagem que tentasse persuadir um auditório sob fórmulas rígidas e óbvias de raciocínio. Argumentar passava a ser um fenômeno ilimitado e fluido. Muitos princípios foram apresentados para justificar essa ruptura com a argumentação da retórica formal. Para Descarte, “quase tudo é falso quando apenas verossímil” (PERELMAN, 2005 cita DESCARTES, p.1). Além do mais, os filósofos diziam que não haveria necessidade de brilhantes argumentos, se o fato apresentado fosse uma prova irrefutável.

Foi então que surgiu uma nova concepção de argumentação. Perelman se posiciona sobre o tema sem parecer pregar uma ruptura com a lógica formal, nem desconsiderar as correntes filosóficas sobre uma argumentação livre. Em seu Tratado da Argumentação, escrito em parceria com Olbrechts-Tytecca, pode-se constatar uma das obras mais completas acerca da Retórica com ênfase na arte de argumentar. Basicamente, o principal ponto de renovação desse Tratado é desenvolver um estudo sobre argumentação sem a radicalização da demonstração da retórica tradicional. A demonstração estava muito mais para uma necessidade de comprovação científica, enquanto na visão da Nova Retórica, “a argumentação diz respeito às humanidades.” (PLANTIN, 2008, p. 92). Na verdade, tem-se, com Perelman, não exatamente uma negação da retórica aristotélica, mas uma ampliação dos meios de prova utilizados em algumas situações de argumentação.

É evidente, entretanto, que nosso tratado de argumentação ultrapassará, em certos aspectos – e amplamente -, os limites da retórica antiga, ao mesmo tempo

que deixará de lado outros aspectos que haviam chamado a atenção dos mestres da retórica (PERELMAN, 2005, p. 6)

Ao longo de sua obra, é possível perceber que Perelman se utilizará de muitos elementos da retórica de Aristóteles, por considerar básico para suas análises. Primeiro ponto de ampliação, por exemplo, corresponde à modalidade da língua sobre a qual seu tratado desenvolve os estudos argumentativos. Para Aristóteles, a retórica foi especificamente voltada à modalidade oral; Perelman apresenta análises argumentativas que não se prendem a determinadas formas, considerando, portanto, que todo seu trabalho também pode ser aplicado à modalidade escrita.

Conquanto seja verdade que a técnica do discurso público difere daquela da argumentação escrita, como nosso cuidado é analisar a argumentação, não podemos limitar-nos ao exame da técnica do discurso oral. Além disso, visto a importância e o papel modernos dos textos impressos, nossas análises se concentrarão sobre tudo neles (PERELMAN, 2005, p.6)

O autor trata de alguns aspectos pertinentes a situações discursivas diversas, inclusive em relação aos textos escritos desenvolvidos em contexto escolar. Perelman parece consciente de que, mesmo não limitando os estudos sobre argumentação a discursos orais, argumentar em textos escritos pressupõe outras habilidades linguísticas. Esse é um dos aspectos que tornam os estudos de Perelman tão relevantes para o propósito deste trabalho. Como se pretende analisar a força argumentativa em textos escritos – ainda que em ambientes virtuais – essa consciência de Perelman sobre “a importância dos textos impressos”, bem como sobre todos os aspectos que envolvem um auditório<sup>29</sup>, permite um olhar específico sobre algumas formas discursivas. Quanto ao desenvolvimento da argumentação na escola, Perelman critica o uso da retórica, por promover situações convencionais e estereotipadas. De fato essa prática tem contribuído também para a construção de textos com argumentos vazios e artificiais<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> Perelman utiliza os termos “auditório”, “ouvinte”, “orador”, em toda a sua obra, apenas para ter como base a nomenclatura de Aristóteles, mas deixa claro que são elementos básicos para qualquer situação comunicativa: oral ou escrita.

<sup>30</sup> Os estudos sobre produção de texto na escola, especificamente no Brasil, têm mostrado essas práticas estão desarticuladas de momentos discursivos reais, promovendo práticas argumentativas artificiais. É bem verdade

A amplitude da visão de Perelman é observada, principalmente, a partir de sua concepção de argumentação. Para ele, "...o objeto dessa teoria é o estudo das técnicas discursivas que permitem *provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses* (PERELMAN, 2005, p.4).

Além do mais, Perelman defende a ideia de que, em todo enunciado há uma intenção argumentativa. Essa mesma concepção é reiterada por Koch (2008, p. 17)

... todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende "neuro", ingênuo, contém uma ideologia – a da sua própria objetividade.

Tal concepção faz da obra de Perelman um tratado completo das inúmeras situações discursivas. Todavia, ele não se preocupa apenas em representar modelos de atos comunicativos, o autor tenta orientar o leitor acerca de todos os elementos que sustentam uma argumentação. Esses elementos podem estar no orador, no auditório, no discurso ou no contexto discursivo. São análises que passam por concepções filosóficas e linguísticas.

É necessário, entretanto, antes de conhecer as análises realizadas por Perelman sobre cada um desses elementos e sobre outras postulações relevantes reconhecer uma importante distinção dentro do fenômeno da argumentação: o que é *convencer* e o que é *persuadir*. Na verdade, essa diferenciação colabora com todo o estudo desenvolvido pelo autor sobre o ato de argumentar, tendo em vista que seu Tratado apresentará várias técnicas de como promover "uma adesão às teses", mostrando uma preocupação muito maior que convencer.

A distinção estabelecida por Perelman entre convencer e persuadir é marco para a visão de uma nova retórica, pois, para ele, o ato de *convencer* ocorrerá sempre que se tem uma prova, um raciocínio lógico. Para tanto, não se fazem necessários esforços argumentativos mais profundos. Já o ato de persuadir ocorre quando se atinge as emoções do auditório. Koch (2008, p. 18), parafraseando Perelman, afirma: "o ato de persuadir, por sua vez, procura atingir a vontade, o

sentimento do(s) interlocutor(es), por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo, temporal”...

Tomando como base, mais uma vez, algumas análises de Aristóteles, Perelman considera como um dos elementos relevantes no processo argumentativo o auditório. Para ele, a eficácia no processo de persuasão haverá à medida que se conhece para quem se está argumentando. O discurso será construído de acordo com que o auditório deseja ouvir. Para ele, “O conhecimento daqueles que se pretende conquistar, é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz.” De alguma forma, essa consideração permite uma associação com um dos princípios de textualidade: ‘aceitabilidade’, apresentado inicialmente por Dressler e Bougrand (1983) e reiterado por Costa Val (1999). Para aquele, a eficácia argumentativa, para estes, a competência discursiva.

A Dressler e Beaugrande defendem a ideia de que, em qualquer ato comunicativo, as intenções só poderão ser atingidas forem observadas estratégias discursivas que atendam às expectativas do interlocutor. Essa competência discursiva, sob o olhar de um analista da argumentação corresponde às estratégias desenvolvidas para persuadir o interlocutor.

Ainda em sua análise sobre a importância do auditório em um processo argumentativo, Perelman também faz distinção entre auditório particular e auditório universal. Ele acredita que argumentos direcionados a um público particular devem sofrer adaptações, modificações se destinadas a um auditório heterogêneo. Evidentemente que a força persuasiva que se deseja impor não será a mesma em cada um dos auditórios. Essa preocupação de Perelman é relevante principalmente quando se consideram textos escritos. Sabendo-se que a adesão desse auditório não se dá de forma imediata, e que é formado por uma plateia heterogênea, a elaboração argumentativa tende a ser mais fortes.

“Uma argumentação dirigida a um auditório universal deve convencer o leitor do caráter coercivo das razões fornecidas, de sua evidência, de sua validade intemporal e absoluta, independente das contingências locais e históricas” (PERELMAN, 2005, p. 35).

Percebe-se, então, que o poder argumentativo conferido ao orador de um auditório universal indica também o quanto mais profundo deverão ser seus argumentos. Essa análise é bastante pertinente aos argumentos que serão

analisados no gênero *E-fórum*, por se tratar de um ambiente em que o orador desenvolverá argumentos para um público heterogêneo, portanto com as exigências apresentadas por Perelman.

Quanto ao auditório particular, o autor apresenta a possibilidade de uma argumentação mais interativa. Dessa forma, não apenas as concepções em comum serão levadas em consideração, mas o momento discursivo imediato. Evidentemente que, dessa forma, o autor se refere a uma situação de linguagem oral, pois leva em conta “ suas reações, suas denegações e, suas hesitações e, quando constatadas, não há como esquivar-se.” (p.40). Na linguagem escrita, toda essa interação haverá, mas não simultaneamente, o que pressupõe outras orientações argumentativas.<sup>31</sup>

Para iniciar sua extensa apresentação sobre os fenômenos que envolvem a argumentação, Perelman também se preocupa com a distinção entre ‘fatos’ e ‘verdades’. O que aparentemente parece pertencer à mesma análise, na verdade mostra-se diferente sob algumas indicações filosóficas. Grosso modo, os fatos servem normalmente em situações específicas, limitadas, enquanto as verdades são abrangentes e conclusivas. Sem a preocupação de desmerecimento de um ou outro fenômeno, o autor apenas constata as implicações de ambas em situações argumentativas.

“... a distinção entre fatos e verdades parece-nos oportuna e legítima para o nosso objeto, por corresponder ao uso habitual da argumentação, que se apóia ora nos fatos, ora nos sistemas de alcance mais geral” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.77)

Além desses elementos fundamentais para qualquer desenvolvimento argumentativo, levando em consideração a relação direta com o público a que se quer atingir, Perelman (2007, p. 58), aponta ‘os valores’ como um dos objetos relevantes desse processo. Seja qual for o argumento que o orador utilize em determinadas situações discursivas, só haverá adesão às teses se o que se apresenta está condizente com os valores em que aquele determinado auditório acredita. Na verdade, toda premissa do que é fato, verdade, está submissa ao valor, “objeto de uma comunhão social” que se credita qualquer situação. Como Perelman

---

<sup>31</sup> A concepção de orientação argumentativa foi iniciada por Ducrot (1984), em sua Teoria da Argumentação na Língua, que será melhor estudada posteriormente, neste trabalho .

(2007, p. 84) confirma “Os valores<sup>32</sup> intervêm, num dado momento, em todas as argumentações.”

É relevante também sua apresentação do processo argumentativo de acordo com uma hierarquia. Perelman indica uma série de fatores que pode servir argumentativamente numa ou em outra situação. Evidentemente que a hierarquização, como a superioridade dos homens sobre os animais, por exemplo, está ligada, de alguma forma, aos valores admitidos pelo auditório, mas pressupõe outras análises em relação à superioridade de argumentos de acordo com os conflitos que podem desenvolver.

Um dos pontos altos dessas considerações iniciais de Perelman é seu enfoque nos ‘lugares’ do processo argumentativo. Ele define ‘lugares’ como “premissas de ordem muito geral”. Na verdade, o autor retoma a distinção de Aristóteles entre ‘lugares-comuns’ e ‘lugares específicos’, que resulta na distinção de premissas genéricas e premissas individuais. Tal acepção faz parte de muitos estudos teóricos atuais sobre argumentação. Na verdade, nas abordagens contemporâneas sobre argumentos ‘lugar-comum’, por corresponder a ideias muito gerais, ou ideias da maioria, consideram-se argumentos sem muito valor persuasivo..”

Perelman, no entanto, não propõe uma distinção de ‘lugares-comuns’, apenas na concepção de argumentos de tal forma genéricos que sejam considerados banais, pelo contrário, não despreza seu valor argumentativo. Por isso ele reitera que “...os lugares formam um arsenal indispensável, do qual, de um modo ou de outro, quem quer persuadir outrem deve lançar mão” (Perelman, p.95). O autor visa ao estudo de todas as possibilidades com que a argumentação surge em um determinado discurso. Para uns, por exemplo, ‘lugares comuns’ são marcados pelo maior número de adesões, portanto mais genéricos, podem indicar maior credibilidade argumentativa, enquanto para outros, o diferente é o mais aceitável, no caso o ‘lugar particular’.

---

<sup>32</sup> Parte das análises de Perelman sobre esse fenômeno sofreu influência das considerações de Descartes e de E. Dupréel. Sobre este último, Perelman cita sua relação entre “valores universais” e “valores de persuasão”.

Os lugares da pessoa podem ser fundamentados nos da essência, da autonomia, da estabilidade, mas também na unicidade e na originalidade do que se relaciona com a personalidade humana. ( PERELMAN, 2005, p. 110)

Ainda em busca do caminho para as técnicas argumentativas, Perelman trata dos dados utilizados em uma argumentação. Entenda-se aqui 'dados' não como as estratégias argumentativas, mas como todos os elementos usados nessas estratégias. O autor mostrará então não os objetos possíveis para melhor persuadir, mas as formas de usá-los e por que usá-los. A primeira observação que ele faz é acerca da escolha e da interpretação dos dados para qualquer discurso argumentativo. Esse aspecto é relevante porque vai determinar se a adesão ocorrerá ou não. Além disso, essa consideração também vai levar em conta as possibilidades de interpretação, tanto em discursos orais como escritos.

Mesmo que Perelman use em seu tratado ilustrações de cunho religioso ou jurídico, é possível, por analogia, perceber o fenômeno em diversos contextos comunicativos. Esse é um dos motivos que fazem do Tratado da Argumentação de Perelma uma das obras mais completas sobre argumentatividade. Embora a Teoria da Argumentação na Língua apresente um estudo mais aprofundado sobre os fenômenos linguísticos como elementos importantes para a argumentação, não se pode negar que Perelman antecipou algumas análises argumentativas no nível da linguagem. Em vários pontos ele deixa clara essa preocupação, como, por exemplo, ao dizer que “quanto mais especiais os termos, mais viva a imagem que evocam, quanto mais gerais eles são, mais fraca ela é”. Percebe-se aqui uma preocupação com a escolha lexical para promover maior adesão. Ele reitera esse mesmo pensamento quando menciona “o uso de um termo que se afasta da linguagem habitual.”

Mais adiante, Perelman apresenta o valor da linguagem na argumentação através das modalidades discursivas que ele classifica como assertiva, injuntiva, interrogativa e optativa. Na verdade, o autor se atém à modalidade interrogativa, para explorar a força argumentativa nas perguntas retóricas<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> Como este trabalho pretende analisar a argumentatividade no e-fórum de discussão, esse aspecto do valor da pergunta retórica será confirmado, tendo em vista que essa é uma das formas de apresentação discursiva nesse e-gênero.

Como confirmação dessa preocupação com a argumentação no nível da linguagem, entre outros exemplos, há a extensa análise que Perelman faz da força argumentativa dos pronomes e artigos. Sobre isso ele faz questão de registrar: “O uso do artigo definido, do singular pelo plural, do demonstrativo, terá amiúde efeitos argumentativos dignos de nota.” (PERELMAN, 2005, p. 184)

A maior parte do Tratado da Argumentação de Perelman é dedicada às técnicas argumentativas. Essas técnicas não se limitam apenas às formas de persuasão, mas são estudos de todos os elementos que envolvem um momento argumentativo. Além de fazer conhecer cada técnica com sua subdivisão, o autor a analisa, inserida em contextos específicos de interação, com movimentos argumentativos variados. É exatamente essa variação de técnicas apresentada por Perelman que constitui a riqueza de sua obra.

Inicialmente Perelman se aprofunda nas técnicas da primeira argumentação que ele denomina de “quase-lógica”. A intenção do autor é mostrar as inúmeras técnicas que existem sob o formato do raciocínio lógico aristotélico.. Para ele, no momento de coerção, vários mecanismos se apresentarão em apoio da tese fundamentada em uma lógica. É por esse motivo que Perelman descreve várias situações argumentativas “quase-lógicas”.

O que caracteriza a argumentação quase-lógica é, portanto, seu caráter não-formal e o esforço mental de que necessita sua redução ao formal. (...) a acusação de cometer uma falta de lógica é, em geral, por sua vez, uma argumentação quase-lógica. (PERELMAN, 2005, p.220)

Nos estudos atuais sobre argumentação, principalmente os relacionados aos textos escritos em diversos domínios discursivos (Ducrot, 1984, 1966); Guimarães (1981); Koch (2008), só para citar alguns, tem-se a preocupação de analisar as ‘contradições’ e as ‘incompatibilidades’. Sob uma análise didática, esses fenômenos podem muitas vezes comprometer o direcionamento argumentativo, causando interferência nas intenções pretendidas. Essa percepção também é considerada por Perelman ao analisar as contradições na argumentação. Ele afirma até que a contradição “torna o sistema incoerente e, com isso, inutilizável”. De fato, por falta de habilidade com o uso da linguagem ou por dificuldade na construção argumentativa, muitas vezes isso pode ocorrer.

Na verdade, quando Perelman aborda os fenômenos da contradição e da incompatibilidade está pontuando situações as quais ele considera 'quase-lógicas'. Ao identificar uma contradição, baseado em um raciocínio formal ou uma incompatibilidade com as teses defendidas, far-se-á uma redução do argumento apresentado. De alguma forma são fenômenos que participam ativamente do processo de persuasão.

A técnica da definição também é amplamente explorada pelo autor, como uma estratégia quase-lógica para persuasão. A lógica dessa técnica é evidenciada por permitir apresentar um conceito, ainda que não sendo a prova, mas que dificilmente é refutada. Perelman (2007, p. 241). assegura que as definições podem ser “valorizadas pelos argumentos que se apresentam a partir delas, ou elas mesmas são os argumentos.” Ele acrescenta, também, que a “definição permite o raciocínio avançar”, confirmando sua eficácia na argumentação.

Embora ciente das preocupações demonstradas por estudiosos modernos sobre o uso das expressões tautológicas como estratégia argumentativa, Perelman fez questão de apresentar seu valor ora eficaz, ora prejudicial à tese. De forma detalhada, apresenta algumas expressões tautológicas e as diferencia conforme o efeito que pretende provocar na argumentação. Entre algumas ilustrações ele usa a tautologia através da repetição para demonstrar sua força argumentativa no enunciado:

*Quando vejo tudo o que vejo, penso o que penso.*<sup>34</sup>

Como nesse exemplo, o autor apresenta outras formas argumentativas, explicando a força argumentativa que a repetição da segunda expressão “que penso” adicionou ao enunciado. Ele diferencia a forma argumentativa em outras estruturas, mas chama a atenção para o fato de que é o conhecimento dos usos linguísticos que permitirão entender a argumentação pretendida.

Adentrar nas inúmeras especificações apresentadas por Perelman para as situações argumentativas seria extremamente rico, mas talvez não tão objetivo para os pontos relevantes que precisam ser retomados no desenvolvimento desse

---

<sup>34</sup> Perelman cita o exemplo de M. Jouhandeou (1954, p.61)

trabalho. Sua categorização sobre os argumentos quase-lógicos, por exemplo, se estende a observações sobre ‘a regra da justiça’ – que ele afirma apresentar “um, aspecto inegável de racionalidade”. Há também uma completa explicação sobre ‘argumentos de reciprocidade’ – considerados formais, mas “fundamentados na natureza das coisas”. Os ‘argumentos de transitividade’, também com aspecto formal que permite conduzir a relação entre os enunciados até chegar a uma conclusão.

As técnicas argumentativas abordadas por Perelman são inúmeras e de uma abrangência significativa, possibilitando observar diversas estratégias em contextos comunicativos diferentes. Entretanto, foi necessário selecionar algumas técnicas para um estudo mais específico. Isto significa não que as demais sejam menos usadas ou tenham menos relevância no processo argumentativo, mas por permitir algumas análises relacionadas ao gênero em estudo. Serão tratadas, portanto, as seguintes técnicas elencadas por Perelman:

a) A técnica da *comparação* é situada, por Perelman, dentro dos argumentos quase-lógicos. Ela tem sido apresentada também por estudiosos sobre a argumentação em várias áreas de estudos. Conto (2007, apud Reboul, 1993) afirma que “a comparação está ligada ao ato de fundar as estruturas do real e instaura uma relação entre dois termos(...)”. Esse conceito está baseado nos princípios de Perelman sobre comparação e confirmará o uso dessa técnica em diversas situações comunicativas de argumentação.

Na verdade, Perelman, pela preocupação de análises minuciosas das diversas técnicas argumentativas, sente necessidade de diferenciar, inicialmente, a comparação da analogia. Para o autor, quando o orador faz uso da comparação, ele deve empregar fatos concretos em diferentes situações. A analogia, apesar de não deixar de ser uma comparação é feita de forma indireta, com situações que não fazem parte da mesma esfera de atuação. Por esse motivo, Perelman reafirma que a comparação é um argumento quase-lógico.

Outro ponto relevante no argumento por comparação é o aspecto subjetivo dessa estratégia. Perelman (2007, p. 280). defende que, ao comparar, o orador já estabeleceu uma seleção dos objetos da comparação. O percurso desenvolvido cognitivamente no momento da argumentação pressupõe alguns aspectos

ideológicos, relacionados, evidentemente, ao auditório que se quer persuadir. “A própria ideia de escolha, de boa escolha, implica sempre comparação”

b) Os “argumentos baseados na *estrutura do real*” apresentam algumas diferenças do quase-lógico. Se este é estruturado em um raciocínio lógico, o primeiro leva em consideração os fundamentos e as crenças nas quais a argumentação se baseia.

O que nos interessa aqui não é uma descrição objetiva do real, mas a maneira pela qual se apresentam as opiniões a ele concernentes; podendo estas, aliás, serem tratadas, quer como fatos, quer como verdades, quer como presunções (PERELMAN, 2005, p. 298)

c) A técnica de argumentação com *vínculo causal* corresponde a argumentos com base em causas, com implicações específicas. Essa forma de argumentação, já indicada anteriormente por Aristóteles, como argumentos de causa e efeito, difere um pouco dessa estrutura formal por haver a preocupação de análise das situações apresentadas. Por esse motivo Perelman (2005, p. 301) afirma que “essa argumentação, para ser eficaz, requer um acordo entre os interlocutores sobre os motivos da ação e sua hierarquização.” Ora, essa premissa de ‘acordo’ não corresponde a um formato estático de causa-efeito.

d) A técnica do *argumento pragmático* se manifesta em um formato em que a causa e a consequência ocorrem nem sempre por uma construção trabalhada, mas por decorrência de uma ação. A questão aqui não é fatalidade da consequência, mas a apreciação do que uma ação pode desenvolver. Perelman defende que “em geral, o argumento pragmático só pode desenvolver-se a partir do acordo sobre o valor das consequências” (p.304).

Ora, quando se fala em acordo, em valor, mais uma vez Perelman está situando uma ação argumentativa aparentemente lógica em valorações subjetivas e ideológicas, portanto, não formais. E foi exatamente por esse aspecto utilitarista do argumento pragmático que alguns filósofos e religiosos se opuseram à teoria de Perelman, tendo em vista a possibilidade de discussão das causas e suas consequências. Para eles, apenas os efeitos que advêm dos valores morais e religiosos é que poderiam ser colocados em favor de qualquer tese, o que aproximaria a argumentação da lógica formal.

e) A técnica do “argumento de direção” também será apresentada aqui por se tratar de uma forma discursiva presente em muitas construções de textos

escritos, inclusive no E-fórum. É necessário entender como acontece para melhor analisá-la posteriormente. Com essa técnica, o ouvinte apresenta argumentos por etapas, direcionando-os à conclusão a que se quer chegar. Conforme diz Perelman: “o argumento da direção visa sempre tornar uma etapa solidária de desenvolvimentos posteriores.” (p. 323)

Evidentemente que Perelman não estava discutindo uma técnica argumentativa presa a uma categoria textual ou a uma situação limitada de argumentação, mas as diversas decorrências nessa argumentação de direção. Apesar de sempre acontecer por etapas, a maneira como aparecem e como são usadas para promover a adesão dos espíritos pode variar de acordo com vários fatores. Como reitera Perelman, “o argumento da direção pode assumir diversas formas,...” (p. 326). E essa diversidade, essa possibilidade de evocar várias interpretações é o que torna o ato de argumentar vivo e pouco previsível em cada ato comunicativo.

Uma das demonstrações mais relevantes de Perelman do estudo de uma argumentação além do formal, se manifestam na relação por ele estabelecida entre a argumentação, o ato e a pessoa.

(...) como sujeito livre, a pessoa possui essa espontaneidade, esse poder de mudar e de se transformar, essa possibilidade de ser persuadida e de resistir à persuasão, que fazem do homem um objeto de estudo *sui generis* das ciências humanas e das disciplinas que não podem CONTENTAR-SE COM COPIAR FIELMENTE A METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS NATURAIS. (PERELMAN: OLBRECHTS-TYTECA ,2005, p. 336)

Qualquer teoria da argumentação que não leve em consideração esse princípio da liberdade humana não pode desenvolver um estudo efetivo sobre o ato de persuadir. Sob essa perspectiva, é possível, de fato, se desenvolver, estudar, apresentar, discutir inúmeras possibilidades argumentativas. Poder-se-ia, até, dizer que, por mais completos que sejam os estudos sobre argumentação, eles não são finitos, dada a variação da própria realidade humana.

As acepções acerca da pessoa, para determinado ato persuasivo, será base para o argumento de autoridade apresentado nesse mesmo tratado e reiterado por diversos estudos modernos de argumentação. Como este trabalho também pretende categorizar a argumentatividade em níveis de força persuasiva, esta concepção de argumento de autoridade de Perelman servirá como base para essa categorização.

Neste momento, Perelman quer, na verdade, enfatizar o valor que se pode atribuir a uma pessoa, de acordo com seus atos, para que sirva de apoio argumentativo. Para isso, ele mostra alguns exemplos de dificuldade de se separar a pessoa de seus atos para servir como referência de credibilidade. Embora muito mais baseado em valores éticos e morais do que em fundamentações científicas, Perelman considera o prestígio, a superioridade como influência argumentativa. Por esse motivo Perelman, citando Dupréel diz que o prestígio “é qualidade daqueles que ocasionam nos outros a propensão de imitá-los.” Portanto, um fenômeno eficaz no momento argumentativo.

Por estarem muito ligados – o aspecto argumentativo entre pessoa e ato e o argumento de autoridade – Perelman apresenta esses fenômenos de forma sequencial. Na verdade, ele já começa definindo o argumento de autoridade com “um alcance condicionado pelo prestígio”. Quanto mais crédito é dado a um cidadão, dentro do contexto de sua atuação, mais força terão os argumentos defendidos por ele.

A força persuasiva atribuída ao argumento de autoridade é defendida desde a retórica de Aristóteles e ainda é bastante considerada nas acepções sobre tipos de argumentação dos estudos atuais. Perelman.( 2005,p. 348) define o argumento de autoridade como o que “utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese. Evidentemente, esse fenômeno é fato em diversas situações. Não há como negar que, de acordo com a pessoa a quem se remete para apoiar uma tese, de acordo com o grau de comprometimento com o assunto em questão, a tendência natural é o maior grau de adesão do auditório.

Entretanto, não se pode negar que essa evidência também é posta sob crítica pelos estudiosos da ciência moderna. Com a evolução da ciência, tudo está sob análise e crítica. Ninguém pode ser dono de uma verdade. Toda ela precisa ser questionada. Perelman sinaliza essa preocupação de um valor excessivo atribuído a uma opinião de qualquer ‘autoridade’.

O argumento de autoridade é o modo de raciocínio retórico que foi mais intensamente atacado por ter sido, nos meios hostis à livre pesquisa científica, o mais largamente utilizado, e isso de uma maneira abusiva, peremptória, ou seja, concedendo-lhe um valor coercivo, como se as autoridades invocadas houvessem sido infalíveis. (PERELMAN, 2005, p. 348)

Nas situações comunicativas em que os acordos estabelecidos variam entre o discurso e o auditório, o argumento de autoridade se valerá da relação realizada de forma menos universal, mais particular. Por mais que as crenças façam parte de um universo relativamente coletivo, a ação do discurso sobre a pessoa terá suas particularidades invocadas. Isso determinará a força argumentativa da autoridade. Esses acordos podem ser, segundo Perelman, a especificidade da área da autoridade, a competência da autoridade, o prestígio, a universalidade dos argumentos apresentados pela autoridade, entre outros.

As autoridades invocadas são muito variáveis: ora será “o parecer unânime” ou “o opinião comum, ora certas categorias de homens, “os cientistas”, “os filósofos”, “os padres da Igreja”, “os profetas”; por vezes a autoridade será impessoal: “a física”, a doutrina”, “a religião”, “a Bíblia”; por vezes se tratará de autoridades designadas pelo nome. (PERELMAN, 2005, p. 350)

Perelman, influenciado pelas considerações de Aristóteles sobre a força persuasiva do orador<sup>35</sup> sobre o auditório, está, mais uma vez, apresentando variáveis sobre o argumento de autoridade. O prestígio científico será levado em conta muitas vezes, mas os aspectos éticos e morais podem sobrepujar aos conteúdos específicos apresentados na argumentação.

De fato, o enunciado não é o mesmo, quando emana deste ou daquele outro autor, ele muda de significado; não há simples transferência de valores, mas reinterpretação num contexto novo, fornecido pelo que se sabe do autor presumido. (PERELMAN, 2005, p. 362)

O que será levado em conta, como se vê, não é apenas a verdade dita, mas por quem é dita. O efeito de ‘inspirar confiança’ está relacionada a uma teoria de argumentação menos sofisticada e mais subjetiva. Perelman cita Platão para ratificar essa análise, pois ele afirma que “os sofistas são mais preocupados com a verdade do que com a adesão”, e, conforme os teóricos modernos, toda verdade deve ser questionada, pois nenhuma delas pode ser absoluta.

Uma das preocupações relevantes para os estudos da argumentação é a categorização do nível argumentativo. Em várias situações comunicativas, a eficácia argumentativa é avaliada e criticada de acordo com os objetivos pretendidos. Em práticas pedagógicas, por exemplo, é comum professores, avaliadores expressarem insatisfação com argumentos pouco consistentes nas produções escritas de seus

---

<sup>35</sup> Aristóteles(2007:23) defende que “há três espécies de meios de persuasão fornecidos pelo discurso oral. A primeira espécie depende do caráter pessoal do orador.

alunos. Mas será que há respaldo teórico sobre essa categorização? Se para Perelman todo enunciado tem intenção persuasiva, visa a adesão dos espíritos a alguma tese, o que faz essa adesão ocorrer mais ou menos eficazmente?

Ora, Quando Perelman, em seu tratado, apresentou as diversas técnicas argumentativas existentes em ações comunicativas, ele estava apontando para promoção de mais ou menos sucesso na argumentação. Além disso, em vários textos ele menciona diretamente os possíveis argumentos fracos ou fortes. Apenas para citar alguns trechos como ilustração:

Se a argumentação é fraca, e mesmo cômica, não é em razão do esquema que a embasa, mas porque é uma argumentação pelo modelo, empregada fora de suas condições de aplicação. (...) (Perelman, 2005, p. 348 – *grifo nosso*)

Uma argumentação vergonhosa, fraca ou incoerente, só pode prejudicar o orador; o vigor do raciocínio, a clareza e a nobreza do estilo predisporão, em contrapartida, a seu favor. (Perelman, 2005, p. 364 – *grifo nosso*)

(...) seja qual for a complexidade dos elementos intervenientes, uma coisa é certa: é que na prática, distinguem-se argumentos fortes de argumentos fracos. (Perelman, 2005, p.528)

Essas constatações corroboram para um estudo mais pragmático da argumentação, principalmente nos discursos elaborados em contexto escolar<sup>36</sup>. Sendo consciente de que se pode ser mais eficaz argumentativamente, procurar-se-ão estratégias que viabilizem essa prática. Categorizar argumentos em níveis, visando à contribuição em práticas pedagógicas, necessita de um respaldo teórico, para justificar certas avaliações e ações nesse contexto.

Perelman sempre esteve também voltado para argumentação no nível da linguagem, conforme vimos anteriormente. Sabemos, entretanto, que sua preocupação não corresponde aos aprofundamentos de Ducrot e de outros teóricos da Argumentação na Linguagem, mas de constatações de fenômenos que não podem deixar de ser enxergados para quem avalia um processo argumentativo. Se o autor já fez essas considerações na argumentação “quase-lógica”, ele reitera com mais algumas particularidades na argumentação na “estrutura do real”, ao apresentar a ‘exemplificação’ como técnica argumentativa.

---

<sup>36</sup> As análises realizadas sobre argumentatividade no *E-fórum* nesta pesquisa visam a um trabalho futuro com os gêneros produzidos em contexto escolar, considerando a hipótese de que poderá servir de estratégia para o desenvolvimento da prática argumentativa.

A princípio, essa técnica pode parecer aristocraticamente formal, à medida que se deseja persuadir alguém através de exemplos. Todavia, Perelman se preocupa em conduzir a exemplificação como detonadora de generalizações, ou seja, os exemplos precisam estar fundamentados em estatutos genéricos que promovam a persuasão acerca de um fato.

Seja qual for a maneira pela qual o exemplo é apresentado, em qualquer área que se desenvolva a argumentação, o exemplo invocado deverá, para ser tomado como tal, usufruir estatuto de fato, pelo menos provisoriamente; a grande vantagem de sua utilização é dirigir a atenção a esse estatuto. (PERELMAN, 2005, p. 402)

Para solidificar a eficácia da argumentação pelo exemplo, Perelman introduz o papel da linguagem. Na verdade ele verbaliza que “Na argumentação pelo exemplo, o papel da linguagem é essencial”. Se o orador pretende com o exemplo persuadir, ele precisa fazer escolhas na linguagem<sup>37</sup> que direcionem a exemplificação ao estatuto genérico. Perelman diz que a linguagem facilitará a tarefa da adesão, seja no uso de sinônimos, de hiperônimos – com intenção de generalidade –, enfim, pela preocupação na escolha lexical ao apresentar a argumentação.

Por fim, Perelman identificou, na linguagem, uma riqueza de possibilidades argumentativas. O jogo de elaborar um discurso e reelaborá-lo, à medida surgem as exigências do interlocutor, faz com que novas estratégias discursivas sejam criadas com o objetivo de se atingir a persuasão pretendida. As reações peculiares nas práticas de linguagem direcionam a novos jogos argumentativos.

Tais reações poderão aliás esclarecer o orador, permitir-lhe prosseguir a argumentação no terreno em que o adversário demonstra ter sido abalado, e isso mesmo quando o orador ignora exatamente o que tocou tão profundamente seu interlocutor. Pois a eficácia de seu próprio discurso poderá surpreender o orador e influenciar-lhe a argumentação subsequente. (PERELMAN, 2005, p. 534)

A obra de Perelman, com sua importância indiscutível para os estudos da argumentação, tem sido sempre citada para diversos propósitos nas esferas, seja jurídica, política, religiosa, antropológica, que têm a argumentação seu objeto prioritário de análises. Não seria diferente na Linguística e seus mais variados campos de estudo: Análise do discurso, Linguística de texto, entre outros. A

---

<sup>37</sup> As considerações acerca da argumentação na linguagem sempre serão enfatizadas neste trabalho, visto que será também um instrumento de análise.

abordagem do autor sobre algumas possibilidades estratégicas de argumentação é de tal forma ampla que pode atender a campos distintos dessa ciência.

Muitos desses aspectos não foram mencionados, como já fora afirmado, por estratégias didáticas. A seleção precisava ocorrer para direcionar os processos argumentativos de Perelman (2005, p. 581). às análises posteriores. Entretanto, a visão que se pretendeu oferecer aqui foi de um Tratado que representou um marco na história da argumentação. Como o próprio Perelman defende “uma argumentação que não seja nem coerciva nem arbitrária, confere um sentido à liberdade humana...” Isso significa um Tratado que conferiu o equilíbrio às discussões sobre argumentação, não negando o valor aos fundamentos da lógica-formal, mas ampliando para as possibilidades discursivas inerentes às ações humanas.

#### **2.4 A Teoria da Argumentação na Língua de Ducrot**

Antes de se iniciar os estudos concernentes à Argumentação na Língua, é necessário conhecer alguns pressupostos teóricos nos quais seu autor Oswald Ducrot (1984) tem como base para desenvolver essa linha da argumentação. É preciso levar em consideração, também, que alguns conceitos apresentados por Ducrot sofreram reformulações, inclusive a própria Teoria da Argumentação na Língua. Tomaremos como base apenas alguns dos pressupostos que foram basilares para essa teoria, como a concepção de *enunciação* e *enunciado*, *sentido* e *significação*, *pressuposição* e *performatividade*.

Os termos *enunciado* e *enunciação* não são definidos por Ducrot(1987) de forma categórica ou exclusiva. O autor deixa claro que seus conceitos são voltados ao que objetiva com seu trabalho de análise, portanto não postula se esta ou aquela concepção é a válida ou não do ponto de vista do objeto de investigação da linguística. Partindo das concepções da Gramática Gerativa de Chomsky, Ducrot propõe dois tipos de hipótese sobre a noção de enunciados: a *hipótese externa*, que leva em consideração os fenômenos empíricos da língua em atividade; e a *hipótese interna*, a qual leva em consideração a significação que o enunciado possui fora de qualquer contexto.

O enunciado é, portanto, um produto de observação, cuja significação atribuída pelo falante em situações de atos de interação distintas não é objeto de

preocupação dos estudos de Ducrot. Até porque, como Ducrot (p.54) assevera, "... os diferentes valores contextuais do enunciado não se explicam, no final das contas, por um valor fundamental constante,...". Ducrot considera, então, pertinente um estudo conforme a GG, através de *estrutura profunda*<sup>38</sup>, justificando que, para seu conceito de significação e as análises sobre os efeitos de sentido produzidos no enunciado, essa metodologia era pertinente.

Quanto a sua concepção de enunciação, Ducrot deixa clara sua não preocupação com esse fenômeno vinculado à noção de 'ato'<sup>39</sup>, na verdade, não é objeto de seu estudo analisar sob que circunstâncias se dá uma enunciação. Para Ducrot, (p.168) "a enunciação é o produto da atividade do sujeito falante, quer dizer, um segmento de discurso..." Explicando melhor, ele afirma que enunciação "é o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado" (p.168). Percebe-se que, para o autor, sempre que houver uma materialização através de um enunciado, este será a representação de uma enunciação, formado de uma significação relevante para suas considerações sobre argumentação na língua.

Vinculados a essa concepção de *enunciado* e *enunciação* estão os conceitos de *sentido* e *significação* empregados por Ducrot. Antes de mais nada, ele desvincula qualquer tratamento dado a esses termos aos conceitos da tradição filosófica ou da Linguística semântica. Para deixar mais evidente sua proposta, Ducrot (1987, p.170) reitera: "Quero assim fincar o pé contra a concepção habitual segundo a qual o sentido do enunciado é a significação da frase temperada por alguns ingredientes emprestados à situação de discurso."

Conforme foi visto, os estudos de Ducrot, tomando como base os enunciados, não permitem, pelo menos em suas pesquisas iniciais sobre argumentação na língua, um olhar sobre o sentido adquirido a partir de estruturas paradigmáticas. A significação dos enunciados é atribuída conforme o conjunto de informações léxico-gramaticais. O autor retoma o conceito da GG sobre estruturas profundas ao prever 'significação' sob um aspecto estrutural.

"A manobra me parece interessante na medida em que suponho possível formular leis, de um lado para calcular a significação das frases a partir de sua estrutura léxico-

---

<sup>38</sup> Tem-se como estrutura profunda, na Gramática Gerativa, a estrutura básica sobre a qual se poderia apresentar uma frase, a qual "é mais vantajosa para a gramática atingir seus objetivos." (Ducrot, 1987, p.60)

<sup>39</sup> Mais uma vez, Ducrot tenta dissociar algumas de suas concepções dos conceitos de Atos de fala de Austin.

gramatical, e do outro lado para prever, a partir dessa significação, o sentido dos enunciados” ( DUCROT, 1987, p.170).

Com isso, Ducrot defende que ‘significação’ é a orientação dada ao falante para conseguir interpretar o enunciado apresentado em determinada frase. São essas orientações ou instruções que permitirão ao sujeito associar um sentido ao enunciado. Ducrot ( 1987, p. 170 )usa como exemplo o enunciado:

*“O tempo está bom.”*

Ele explica que a significação desse enunciado ocorre de acordo com as instruções necessárias que permitem interpretá-lo adequadamente. Uma dessas instruções, por exemplo, seria “de que lugar fala o locutor”. Essa instrução colaboraria para determinar algumas significações específicas ao enunciado. Assim como elementos linguísticos como o tempo do verbo (presente do indicativo) pode determinar o momento da enunciação. Ao falar de natureza instrucional da significação, Ducrot associa a “variáveis argumentativas”<sup>40</sup>, que correspondem, grosso modo, a elementos linguísticos que permitirão restringir o sentido de certos enunciados.

O sentido de um enunciado, na concepção de Ducrot, é construído a partir da significação dada a este enunciado. Ele considera “o sentido como uma descrição da enunciação” (p.172). Apresentando o enunciado como uma autorreferência de uma enunciação, entende-se que a significação apresentada neste enunciado, com algumas orientações instrucionais, gerará um sentido, “a qualificação da enunciação”. O sentido, para Ducrot, defere especificamente da concepção de que o sentido de um enunciado é adquirido a partir da ação do interlocutor como ato ilocutório.

Para se iniciar um estudo sobre a argumentatividade na língua, um dos fenômenos relevantemente associados é o da pressuposição. Entretanto, é necessário entender o caminho percorrido por Ducrot para definição de pressuposição. Inicialmente, Ducrot trabalhava com a ideia de pressupostos e subentendidos de forma semelhante à Filosofia da Linguagem inglesa. Essa ideia inicial defende que a pressuposição está determinada unicamente pela frase, que é representação de um enunciado, enquanto o subentendido depende da

---

<sup>40</sup> Esse termo será melhor explorado quando for apresentado mais detalhadamente a concepção de argumentação na língua de Ducrot.

interpretação dada à significação da frase. Como exemplo Ducrot (1987, p. 31) apresenta as seguintes frases:

*Pedro parou de fumar*

- a) Está posto que Pedro não fuma atualmente.
- b) Está pressuposto que ele fumava anteriormente.
- c) O subentendido está ligado ao que levou o locutor a declarar tal asserção, que pode ser “Você também pode parar de fumar.”

Esses exemplos mostram que Ducrot trabalhava com uma concepção antiga de pressuposição. Durante seu trajeto de pesquisas, ele critica alguns pontos dessa noção de pressuposição. Em relação à ideia de que a significação da frase pode implicar este ou aquele pressuposto foi um princípio com o qual Ducrot não apresentou grandes discordâncias ou concepções diferentes. Entretanto, a concepção de que todos os pressupostos já estão previstos na significação de uma frase passou a ser o ponto de maior reflexão do autor.

Dito por Ducrot como um “reexame” da concepção de pressuposição, o autor associa esse fenômeno ao ato ilocucional. Mas é preciso entender o que Ducrot considera como ato ilocutório para perceber a relação estabelecida com a pressuposição.

(...) realizar um ato ilocutório é *apresentar* suas próprias palavras como induzindo, *imediatamente*, a uma transformação *jurídica* da situação: apresentá-las, por exemplo, como criadoras de obrigação para o destinatário (no caso da ordem ou da interrogação), ou para o locutor (no caso da promessa). (DUCROT, 1987, p. 34, grifo do autor)

Com essa definição, Ducrot aporta aos enunciados, às palavras que compõem esse enunciado o direcionamento significativo que o falante deseja que o ouvinte acompanhe, com uma obrigatoriedade prevista nos elementos da língua. Ele faz questão de destacar três termos que elucidam sua concepção acerca do que considera ato ilocutório. A expressão *apresentar* remete à ideia de que o processo da enunciação estará manifesto em um enunciado, exposto em uma frase. O termo *imediatamente* revela que a ação foi promovida no momento da expressão do enunciado. E o termo *jurídico* é o que Ducrot aplica a “ato jurídico” como sendo as transformações ocorridas, de acordo com implicações legais, a partir de uma ação. Como bem elucidada Koch (2008, p.57), “o ato ilocutório aparece, na visão de Ducrot,

como caso particular de ato jurídico, realizado pela fala...” Ele considera, portanto, que do enunciado apresentado deriva um ato jurídico, e não o inverso, em que o enunciado expresso fosse derivado de uma enunciação.

Com essa percepção, Ducrot aproxima as definições de pressuposto e subentendido, considerando como ponto de distinção apenas que os dois não têm sua origem no mesmo momento de interpretação. Isso indica que a pressuposição, como ato ilocutório, ocorrerá através de uma frase, na medida em que as palavras utilizadas serão selecionadas para provocar o efeito pretendido para pressuposição. O subentendido, ao contrário, não estaria simplesmente descrito na frase, mas submetido “às circunstâncias da enunciação.” Sobre essa noção de pressuposição, Koch (2008, p. 57) parafraseia Ducrot: “A rejeição dos pressupostos resvala a afronta pessoal: não se debate mais o dito, mas o próprio direito de dizer, ou seja, o direito do locutor de escolher e organizar a experiência posta em discurso, segundo suas conveniências e intenções.”

Sendo assim, a pressuposição é o efeito provocado pela ação dos interlocutores no momento da fala, que não ocorre por mero acaso, mas pela própria organização da língua e das leis que regem essa língua nas relações de interação. A partir dessa concepção, Ducrot descreve uma pressuposição mediante *a lei do encadeamento*. E, sobre esta noção de encadeamento, dar-se-á um enfoque diferente tendo em vista que é um fenômeno baseado em uma situação discursiva, a qual leva a uma argumentação, que é o interesse preciso deste trabalho.

Com a noção de encadeamento, Ducrot defende que não é mais possível estabelecer a pressuposição apenas pelos critérios da negação e da interrogação, visto que alguns enunciados em uma frase podem trazer mais de uma pressuposição. Para ilustrar isso, ele usa o exemplo (p. 38):

*Fui à Alemanha com Pedro.*

Ducrot diz que aplicar o critério da negação no enunciado desta frase não produzirá um único pressuposto, pois ele entende que a escolha que o locutor faz para apresentar um enunciado está ligada ao que ele apresenta como obrigação para o interlocutor pressupor. Portanto, com o critério da negação, o enunciado ficaria:

*Não fui à Alemanha com Pedro.*

Dessa forma, o enunciado acima geraria a pressuposição, de acordo com o encadeamento pretendido, ou que “Foi á Alemanha e não viajou com Pedro.” Também poder-se-ia pressupor que “não foi à Alemanha”. Com essa explicação, Ducrot ressalta que essa análise de pressuposição é possível com o critério de encadeamento, ou seja, o pressuposto estará ligado ao que o locutor pretende continuar, com outros enunciados, a partir daquele apresentado. É nesse ponto que a pressuposição pode estar atrelada a um ato argumentativo, devido ao sentido de obrigatoriedade imposta pelo locutor para compreensão do enunciado apresentado. Como interpreta Koch (2008, p. 60), “o valor argumentativo de um enunciado seria, pois, uma espécie de obrigação relativa à maneira pela qual o discurso deve ser continuado.”

Ao se analisar as variáveis apresentadas por Ducrot, na tentativa de conceituar pressupostos e subentendidos, percebe-se que suas autocríticas revelam o quão deslizantes são os fenômenos da língua quando postos em análise em situações de enunciação. Ele confirma isso ao declarar que a ideia essencial para ele é “de uma língua consagrada à interação dos indivíduos”. E essas interações permitem avaliar e reavaliar vários fenômenos apresentados.

Partindo desses conceitos básicos de Ducrot, é possível acompanhar sua trajetória na Teoria da argumentação na língua. Como já vimos, pelo aspecto investigativo de Ducrot, essa teoria também passou por reformulações embora sempre tomando como base a língua como apresentação de um ato argumentativo.

A priori, a Teoria da Argumentação na língua de Ducrot (1988) é fundamentada exclusivamente na língua. Nesse ponto da teoria a argumentação é construída a partir de um plano linguístico, numa percepção estruturalista. Tomando como base um enunciado, na perspectiva já apresentada anteriormente, é possível se predizer o que vai ser dito posteriormente. Como explica Plantin (2008, p. 32): “O estudo da argumentação (na língua) é o estudo das capacidades projetivas dos enunciados, da expectativa criada por sua enunciação”. O que difere essa teoria, ainda que com viés estruturalista, das teorias da argumentação com base lógica é que esta apresentava uma argumentação formada por uma conclusão lógica de um fato, e essa conclusão estava apoiada em parâmetros sociológicos, filosóficos e não linguísticos. Para melhor elucidar essas diferenças de percepção, tomemos um exemplo de Campos (2007, p. 140):

A) Você é amigo de espião.

Conclusão: Você é um espião.

(L)<sup>41</sup> Diga com quem andas que direi quem és.

Essa argumentação é baseada por conclusões lógicas, de acordo com crenças sociológicas determinadas pelas relações sociais. Para Ducrot, o fenômeno apresentado não está baseado nessas noções extralinguísticas, mas na significação linguisticamente apresentada no enunciado que promove orientações para outros enunciados. Para ratificar esse aspecto argumentativo de um enunciado, Ducrot assevera (1987, p. 141) que “qualquer que seja sua natureza, um enunciado comporta sempre um dizer.” Esse ‘dizer’, defendido por Ducrot, é sempre reiterado em suas concepções teóricas. Para ele, em qualquer situação comunicativa, o locutor intenciona dizer algo de forma ilocucional, ou seja, sempre ‘diz’ o que espera ver acontecer através do enunciado, no momento da enunciação. De acordo com alguns conceitos de argumentação, essa reação promovida pelo locutor sobre o ouvinte, através de seu discurso, é um ato argumentativo.

Os estudos de Ducrot sobre argumentação na língua foram sistematizados, então, com a concepção de orientação argumentativa. Com essa noção, entende-se que os efeitos argumentativos ocorrerão baseados no que cada enunciado apresenta como possibilidade de um novo enunciado. Como bem explica Plantin (2008, 33): “a orientação (ou valor) argumentativa(o) de um enunciado E1 define-se como a seleção operada por esse enunciado sobre os enunciados E2 capazes de sucedê-lo em um discurso gramaticalmente bem construído”.

Percebe-se, então, que o valor argumentativo previsto por Ducrot estava ligado fundamentalmente aos usos de elementos da língua, de tal forma que pudesse orientar efetivamente ao que se pretendia argumentar. É um fenômeno tão linguístico que Plantin, interpretando Ducrot, aponta para eficácia argumentativa atrelada a um “discurso gramaticalmente bem construído”, ou seja, totalmente inerente à língua. Como disse Ducrot (1990, *apud* PANTIN, 2008, p. 33), orientação argumentativa é “um conjunto das possibilidades ou das impossibilidades de continuação discursiva determinadas por sua utilização.” Nessa teoria, o valor de cada palavra ou expressão é que determina a direção argumentativa do discurso.

---

<sup>41</sup> O “L” corresponde a leis estabelecidas para se chegar a alguma conclusão do que é apresentado. É o que caracteriza os “*topoi*” argumentativos.

Ducrot sustenta que as escolhas linguísticas de um locutor ao apresentar um enunciado não ocorre por acaso, mas provoca um efeito argumentativo intencional. Campos (2007, p. 141), parafraseando Ducrot, explica que “há em todas as línguas duplas de frases que, embora enunciem o mesmo fato do mundo, têm orientações argumentativas diferentes.” Quando se fala em orientadores argumentativos, ou valor argumentativo das palavras, sempre se usa o clássico exemplo de Ducrot:

A) *Pedro trabalhou pouco.*

B) *Pedro trabalhou um pouco.*

Em ambas as frases, há uma constatação: de que Pedro trabalhou e em pequena quantidade. Entretanto, o uso dos operadores argumentativos “pouco” e “um pouco”, de acordo com o contexto em que são usados, podem orientar argumentativamente conclusões diferentes. Em (A), pode-se concluir que Pedro fracassou. Em (B), Pedro teve sucesso. Então, para Ducrot, os usos de elementos da língua permitem a argumentação. De acordo com Ducrot (1989, apud CAMPOS, 2007, p. 141) “A significação de certas frases contém instruções que determinam a intenção argumentativa a ser atribuída a seus enunciados: a frase indica como se pode, e como não se pode argumentar a partir de seus enunciados”.

A significação das palavras e expressões, nessa teoria, não está atrelada a conceitos restritos, mas é uma significação aberta, determinada pelas intenções argumentativas. E esse valor argumentativo adquirido pelas palavras no momento da enunciação será relevante para análises posteriores desse trabalho, considerando que muitas expressões empregadas em enunciados escritos promoverão determinados efeitos argumentativos.

Como já fora mencionado, a Teoria da Argumentação na Língua passou por reformulações. De acordo com a primeira concepção, todas as orientações argumentativas estavam previstas na língua. Como ele asseverou, a significação das frases determinava a intenção argumentativa. Entretanto, Ducrot passou a observar que essa análise não dava conta de todas as situações argumentativas presentes em uma enunciação. Se a princípio ele defendeu que uma expressão argumentativa orienta conclusões diferentes quando colocadas em oposição a outras expressões, foi possível identificar que uma mesma palavra pode orientar, argumentativamente, conclusões diferentes. Ducrot percebeu, então, que a significação da frase não estava presa apenas ao enunciado, mas “a um princípio” ou a “uma máxima” que determinaria algumas conclusões: os *topoi* argumentativos.

Para deixar mais claro essa Teoria dos *topoi*, vamos recorrer a um clássico exemplo utilizado por Ducrot (1980). Em “*Pedro trabalha pouco*” e “*Pedro trabalha um pouco*”, Ducrot considerava que havia conclusões diferentes a partir das expressões argumentativas “*pouco*” e “*um pouco*”. Observou, porém, que a mesma expressão “*pouco*” poderia levar a conclusões diferentes, dependendo do princípio que norteava o enunciador, o *topos*. Se este concebia que trabalhar dignifica o homem, “*pouco*” direciona ao fracasso. Mas se a concepção for de que muito trabalho destrói o homem, a expressão “*pouco*” direciona ao sucesso.

Tem-se então, nessa perspectiva, uma argumentação não mais determinada apenas pelo enunciado, mas pela intenção do enunciador, ou seja, pelos princípios que formam as indicações do enunciador. Campos (2007, p. 144) argumenta que: “O valor argumentativo passa a ser entendido como parte constitutiva do enunciado: o princípio argumentativo, designado de *topos*, é o responsável pela orientação do enunciado em direção à conclusão; é o intermediário entre o argumento e a conclusão.”

Todavia, em seus estudos posteriores sobre Argumentação na língua, Ducrot tenta rever essa concepção de *topoi*<sup>42</sup> argumentativo, não necessariamente como negação do fenômeno, mas como releitura e com algumas constatações importantes. Por exemplo, Ducrot admitiu que a perspectiva de argumentação orientada por *topoi* era uma visão retórica do discurso, ainda que baseada em aspectos inscritos na língua. Campos, (2007, p.147), ao interpretar essa constatação de Ducrot, afirma:

Trata-se do reconhecimento de que seus trabalhos desenvolvidos na perspectiva da teoria dos *topoi* argumentativos não escaparam de uma abordagem retórica, ou pelo menos de uma abordagem afetada pela retórica, no sentido de que a teoria dos *topoi* colocava na argumentação um terceiro termo, externo à linguagem, ou seja, tratava a argumentação como se houvesse argumentos que conduzissem a conclusões determinadas, e principalmente argumentos independentes das conclusões.

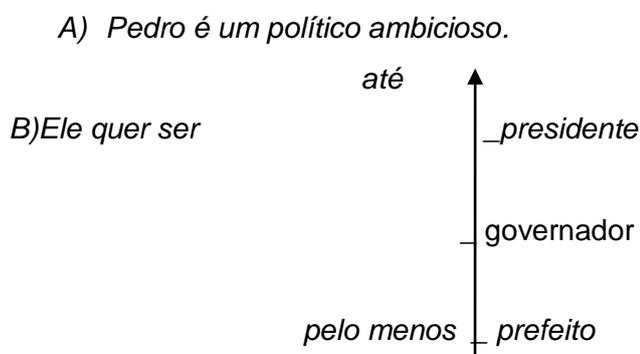
Mesmo constatando que a teoria dos *topoi* argumentativos levava em consideração elementos externos à linguagem, Ducrot não se afastou de sua proposta inicial no que diz respeito à abordagem sobre argumentação em aspectos

---

<sup>42</sup> Campos (2007) comenta sobre o artigo de Ducrot (1999), em que ele apresenta uma categorização dos *topoi*, como *topoi* intrínseco (inscritos na significação da palavra) e extrínseco (aqueles utilizados na argumentação em geral).

predominantemente sintagmiais. Por esse motivo, seus estudos continuaram a focalizar elementos gramaticais<sup>43</sup>, que são os operadores argumentativos, que servem para apresentar outras possibilidades de argumentação na língua. É com os operadores argumentativos que Ducrot introduz a noção de *escala argumentativa*.

Koch (2008, p. 103) apresenta sua interpretação para *escala argumentativa* ao explicar que “quando vários argumentos – p, p’, p”... – se situam numa escala graduada, apontando com maior ou menor força, para a mesma conclusão, diz-se que eles pertencem à mesma escala argumentativa.” E essa maior ou menor força argumentativa será possível com a escolha dos operadores argumentativos. Vejamos o exemplo dado pela autora:



Com esse exemplo, é possível perceber que a orientação argumentativa está estabelecida mediante os operadores. O uso do “até” indica que o que será orientado tem valor superior, enquanto o conectivo “pelo menos” estabelece uma ideia de inferioridade, nessa escala argumentativa.

Ducrot (1980) apresentou um extenso estudo sobre o valor dos operadores argumentativos. O autor categorizou os operadores de acordo com a orientação argumentativa conduzida por eles, ou mesmo a força argumentativa provocada por eles no enunciado. Koch (2007, p. 104) exemplifica que “quando há dois argumentos orientados no mesmo sentido, seus elementos podem ser encadeados por meio de operadores como *e, também, nem, tanto... como, não só, mas também*, etc. é possível verificar essa noção argumentativa de Ducrot através de exemplos transcritos do *E-fórum* de discussão, que serão melhor analisados posteriormente.

<sup>43</sup> Os elementos gramaticais aqui considerados, também chamados de morfemas gramaticais, correspondem, por exemplo, a conjunções como ‘mas,’ ‘e,’ ‘portanto,’ ‘no entanto,’ etc.

“Não deveriam ser implantadas cotas para estudantes de ensino público e **sim** melhorar o ensino para que cotas não fossem necessárias.”

O operador “e sim” introduz mais um argumento em favor de uma conclusão. E essa orientação apresentada tem valor de oposição em relação ao argumento apresentado anteriormente. Na verdade, o conectivo “e sim” corrobora com o argumento de que não deve haver cotas para estudantes de ensino público como introduz um novo argumento, que é melhorar esse ensino. Mesmo tendo característica de oposição, ambos os argumentos levam à mesma conclusão: “não deve haver cotas”.

Ducrot analisou outros operadores, mostrando as orientações argumentativas que cada um, de acordo com a significação adquirida no enunciado, pode apresentar. Essas análises não serão apresentadas aqui, pelo menos nesta parte do trabalho, considerando que outros exemplos, com outros operadores argumentativos serão analisados nos enunciados do *E-fórum*.

Ducrot também desenvolveu pesquisas concernentes à argumentação por autoridade, denominada por ele de “autoridade polifônica”. Embora esse mecanismo argumentativo já tenha sido estudado nas técnicas argumentativas de Perelman, é importante ser retomado na perspectiva de Ducrot por ele fundamentar esse mecanismo em uma ancoragem linguística. Ducrot (1987, p. 143) assim descreve o mecanismo da autoridade polifônica:

- a) O locutor<sup>44</sup> L mostra um enunciador (que pode ser ele mesmo ou outra pessoa) asseverando uma certa proposição *P*. Em outras palavras, ele introduz em seu discurso uma voz que não é forçosamente sua – responsável pela asserção *P* (...)
- b) *L* apoia esta primeira asserção uma segunda asserção, relativa a uma outra proposição, *Q*, o que significa duas coisas. De um lado, que o locutor se identifica com o sujeito que assevera *Q*. E, de outro lado, que ele o faz fundamentando-se em uma relação entre as proposições *P* e *Q*, no fato que a admissão de *P* torna necessário, ou em todo caso legítima, admitir *Q*.

Tem-se, então, um mecanismo argumentativo em que outras vozes são inseridas no discurso para fortalecer ou justificar o que está sendo asseverado. Entende-se que é um recurso que promove mais credibilidade ao que se quer

---

<sup>44</sup> Ducrot diferencia os termos locutor de enunciador, sendo aquele o ‘porta-voz’ do enunciado e este o responsável pelo ato de enunciação tomado como referência.

defender e indica que a voz que aparece não é necessariamente só do locutor. Para ilustrar esses aspectos, Ducrot oferece alguns exemplos:

A) *Parece que vai fazer um bom tempo: nós deveríamos sair.*

O uso do termo *parece* introduz a ideia de que outros fenômenos mostram que o tempo vai ser bom, não é uma garantia só do locutor. É o mesmo que dizer “Dizem que vai fazer um bom tempo”. Os constituintes linguísticos possibilitaram a inserção de uma outra voz no discurso. Esse é apenas um dos inúmeros exemplos de argumentação por autoridade polifônica. Tal mecanismo será bastante relevante para demonstração do valor argumentativo presente nos gêneros do ambiente virtual, especificamente no *E-fórum*.

## CAPÍTULO III

### 3 INTERNET: UM AMBIENTE DE FASCÍNIO PARA PRÁTICAS INTERATIVAS

A Internet é um fenômeno tecnológico que tem desencadeado várias formas de interação, com a apresentação de recursos peculiares para manifestação da linguagem. Com base nisto, este capítulo pretende mostrar como esse ambiente tem se tornado relevante para análise de algumas práticas discursivas, tendo em vista sua contribuição para o desenvolvimento de habilidades argumentativas. Embora os efeitos multissemióticos, característicos da escrita híbrida apresentadas nos gêneros da Internet, permitam uma maior variedade para construção do sentido em um enunciado, o que se pretende com este capítulo é revelar por que é pertinente uma investigação sobre argumentação no ambiente virtual. Na verdade, pretende-se justificar a motivação de todo este trabalho, tendo em vista a inserção, cada vez mais frequente, na vida dos jovens, dos gêneros dessa mídia virtual.

Para isso, é necessário entender o papel da Internet e o impacto dessa era digital para as diversas práticas discursivas, levando em consideração a inserção de forma contundente desse fenômeno na vida do cidadão contemporâneo. Aliado a esse advento da Internet, far-se-á necessário analisar as práticas interativas de que esse ambiente dispõe e o que isso representa para o desenvolvimento argumentativo.

Pretende-se também identificar de que forma a argumentatividade é desenvolvida nos e-gêneros como *e-mail*, *chat* agendado, *chat* aberto, comentários do *Twitter* e em *blogs*. Esses gêneros foram selecionados por representarem maior frequência de uso entre os jovens e também porque não seria possível uma análise mais abrangente sobre a interatividade em todo ambiente virtual. Na verdade, pretendeu-se apresentar alguns elementos discursivos próprios da Internet, que podem também servir de mecanismo importante de argumentação.

Esses elementos discursivos podem estar associados exclusivamente a aspectos linguísticos-formais, bem como a elementos discursivos, sociais e culturais. Isso permitirá construir algumas análises associadas às concepções das linhas

argumentativas de Aristóteles, das técnicas argumentativas de Perelman e das análises da argumentação na língua de Ducrot.

### 3.1 A Era da Internet

Muitas têm sido as pesquisas desenvolvidas em torno do fenômeno Internet, nas mais diversas áreas de estudo. De tal forma a Internet invadiu a vida do sujeito do mundo moderno que os reflexos são perceptíveis em praticamente todos os setores da vida humana. O mais fascinante dessa constatação é a velocidade com que esse fenômeno surgiu, desenvolveu e passou a fazer parte ‘necessária’ da maioria dos lares no mundo inteiro.

Com um surgimento relativamente curto da Internet, com início em 1960 e uso efetivo a partir de 1990, a sociedade se viu, em menos de meio século, tomada por novos hábitos, novas aquisições linguísticas, novas posturas sociais. Enfim, a sociedade mundial se viu tomada, em várias esferas de sua vida, por mecanismos dependentes dessa rede mundial de comunicação.

Alguns estudiosos têm tentado expressar, de alguma forma, o que tem representado o fenômeno da Internet para a sociedade atual. David Crystal (2005, p. 76), por exemplo, considera “a chegada da Internet como um acontecimento revolucionário não só em termos linguísticos como também em seus aspectos tecnológicos e sociais.” Revolucionário porque é evidente, como já foi dito, as mudanças que ela tem provocado no dia a dia do homem. Dificilmente há um cidadão que não faça uso de algum mecanismo tecnológico permitido pela rede mundial de comunicação. Xavier (2009, p.22) afirma que “essas inovações tecnológicas atingem, de alguma forma os hábitos, o *ethos* e as habilidades sensitivas e racionais dos homens.”

De tal forma esse advento é revolucionário que tem desenvolvido a necessidade de adaptações em várias situações. Se por um lado, a nova tecnologia invadiu alguns espaços de trabalho gerando desemprego, por exemplo, por outro lado, surgiram novas carências no mercado de pessoas com qualificação nessas

áreas. Em diversos setores, as ações só passaram a ser possíveis através do novo mecanismo tecnológico. Como bem diz Levy (1996, *apud* RIBEIRO, 2009, P. 87):

A interação entre humanos e sistemas informáticos tem a ver com a dialética do virtual e do atual. Pode-se entender esse atual enquanto algo possível, estático, real e já constituído. O virtual é um convite à atualização, à percepção do que existe em potência, e não em ato. A dinamicidade permite que a tecnologia desqualifique “certas competências”, fazendo emergir outros funcionamentos, desencadeando conflitos, desbloqueando situações, instaurando “uma nova dinâmica de colaboração”.

A dinâmica cotidiana se viu desafiada pelas novas possibilidades oferecidas com Internet. Esses novos desafios permitiram a elucidação de problemas nunca antes imagináveis. Xavier (2009, p.22) sobre isso afirma:

Elas<sup>45</sup> incidem diretamente nas competências intelectuais e comportamentais que levaram anos de investimento cognitivo, afetivo e material para serem adquiridos e que agora começam a ter sua utilidade e eficiência questionadas mediante os novos desafios propostos pela informática digital.

As exigências estabelecidas por essa rede mundial de comunicação são de tal forma avassaladoras que, às vezes, o homem não se dá conta de que sua própria exigência é que tem permitido evoluções tão tremendas tecnologicamente. Máquina e homem se confundem num hibridismo entre humano e tecnológico. As possibilidades de ação e interação nesse ambiente virtual são inúmeras. Muito já se faz e muito ainda está por fazer.

Por esse motivo, as áreas da vida do homem que foram afetadas ultrapassam os limites do profissional, do mecânico, do tecnológico. A Internet tem interferido nas relações sociais, no comportamento familiar, nas relações emocionais, no ensino-aprendizagem de todos os níveis, enfim, nos mais diferentes âmbitos da vida humana. Essas mais variadas esferas foram organizadas aqui em três grandes áreas da vida do homem: social, política e pedagógica. Sem deixar de mencionar, evidentemente, que qualquer que seja a área impactada, qualquer ação se dá através da linguagem. Tem-se aqui a concepção de língua e linguagem como instrumento para agir no mundo. Conforme afirma Koch (2003, p. 15):

(...) concepção de língua como lugar de interação corresponde a noção de sujeito como entidade psicossocial, sublinhando-se o

---

<sup>45</sup> Xavier retoma, no trecho, às inovações tecnológicas.

caráter ativo dos sujeitos na produção mesma do social e da interação e defendendo a posição de que sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam

Sabe-se que as interações através da Internet ocorrem com uma participação efetivamente moldada dentro de exigências sociais, manifestadas através de um compartilhamento, embora virtual, com mais “aproximação”.

### 3.1.1 Internet e as relações sociais

Expor aqui todas as implicações concernentes às relações sociais de um sujeito seria uma tentativa falível e didaticamente pouco possível. Os envolvimento sociais do homem perpassam por aspectos psíquicos, cognitivos, culturais, econômicos, emocionais, enfim, aspectos que gerariam uma infinidade de estudos em suas áreas específicas. Entretanto, essa sub-seção pretende mostrar de que forma essas áreas têm sido afetadas a partir do advento da Internet. É preciso lembrar, também, que qualquer que seja a relação social, ela se dá por meio da interação, e o presente trabalho desenvolve seus estudos sob a perspectiva de práticas interativas através de gêneros textuais.

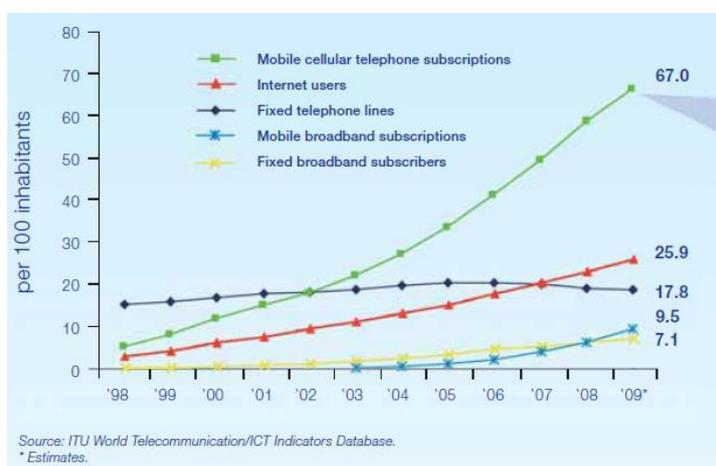
A internet é um ambiente predominantemente interativo. As práticas sociais aí desenvolvidas ocorrem através de gêneros que surgiram a partir de gêneros pré-existentes no ambiente não virtual. Essas práticas surgem, mudam, geram outras formas de interação, conforme as necessidades comunicativas apresentadas pelos usuários de acordo com o meio. Retomando um dos conceitos de Bazerman (2006b, p. 23) sobre esse tema:

Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros (...).

Entende-se que não se pode pensar em influência dessa rede tecnológica de comunicação na vida do homem sem considerar que, para qualquer tipo de ação social, o homem necessita de um gênero. Além do mais, não se pode deixar de considerar as mudanças que esses gêneros sofreram para adaptar-se à nova tecnologia e o que isso tem significado para as práticas sociais. Como diz Araújo

(2007, p.15) “... a Internet gera novas formas de usar a linguagem, suscitando novos gêneros, inclusive inimagináveis até a sua criação”.

O primeiro importante dado a ser considerado sobre a influência da Internet nas relações sociais está no crescimento desta prática interativa no mundo inteiro. Os dados revelam o acesso à Internet cada vez mais crescente pelo cidadão, seja com fins comerciais, profissionais, ou pessoais. A União Internacional de Telecomunicação (UIT) apresentou uma pesquisa sobre o crescimento do acesso à Internet, no mundo inteiro, no período de 1998 a 2009. O resultado pode ser constatado no gráfico 1.



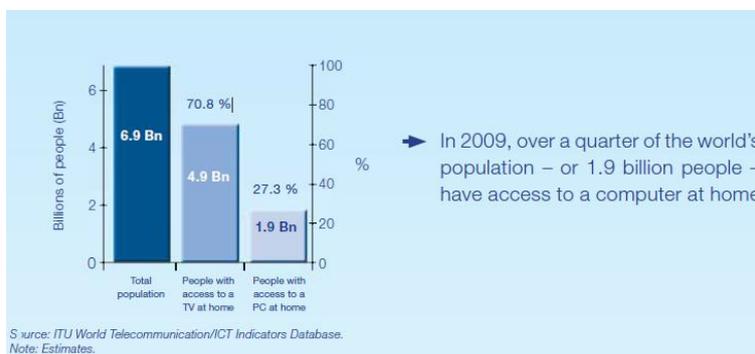
Fonte: União Internacional de Telecomunicação<sup>46</sup>.

**Gráfico 1:** Indicadores de crescimento de tecnologia de comunicação.

De acordo com o Gráfico 1, o crescimento de usuários da Internet só perdeu para os aparelhos celulares. Tem-se uma projeção crescente de acesso que revela a importância que essa forma de comunicação tem se revelado para o cidadão do mundo. Não se pode negar, com esse resultado, a influência que isso representa nas formas de interação desse cidadão. O mundo inteiro parece abrir-se a uma interação virtual crescente, conseqüentemente, os limites de muitas ações passam a ser minimizados pelas razões inerentes a essa nova tecnologia. Para tornar ainda mais claro o impacto que a internet tem exercido na humanidade, a UIT também

<sup>46</sup> Disponível no site [http://www.itu.int/ITU-D/ict/material/Telecom09\\_flyer.pdf](http://www.itu.int/ITU-D/ict/material/Telecom09_flyer.pdf). Acesso realizado em 26/09/2010.

apresenta um gráfico com números mais exatos sobre esse fenômeno mundial, conforme exposto no gráfico 2:



Fonte: União Internacional de Telecomunicação.

Gráfico 2: Indicadores de acesso à tecnologia de informação no mundo.

A realidade hoje, pelo menos até 2009, é que um bilhão e novecentas pessoas acessam a Internet no mundo inteiro. Isso corresponde a 27.3% da população mundial. São números que indicam uma verdade incontestável: está se formando uma nova geração em todo o mundo com práticas exclusivamente tecnológicas com ações ligadas à Era Digital. Há de se considerar, também, que esses dados revelam o uso da Internet em casa, o que não significa que outros tantos estejam ligados, de outra forma, nessa rede de comunicação. As práticas em bancos, em supermercados, em bibliotecas, nas escolas, em fábricas, em hotéis, enfim, em vários setores da sociedade ocorrem através da Internet. Calculado esse aspecto, teríamos um número consideravelmente maior desse uso virtual.

No Brasil, o uso da Internet tem expandido de maneira ainda mais visível. Segundo dados da Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios (PNAD 2009), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>47</sup>, 67,9 milhões de brasileiros acima de 10 anos acessam a Internet. Isso corresponde exatamente a 41,7% da população brasileira. Para um país ainda considerado em desenvolvimento, essa pesquisa aponta mais claramente a importância dessa rede mundial para vida do cidadão brasileiro.

As buscas por emprego, o acesso pelas empresas aos currículos de candidatos, as inscrições para os diversos concursos e eventos nacionais, compra e

<sup>47</sup> Pesquisa divulgada no Jornal do Commercio em 09/09/2010.

venda de inúmeros produtos, reservas em hotéis, consulta à conta bancária e cartões de crédito são apenas alguns dos serviços cotidianos realizados pela Internet. Surge, com isso, uma nova geração de cidadãos que têm substituído seus hábitos de interação em ambientes reais, com maior demanda de tempo e gasto, por cidadãos adeptos à praticidade, estabelecendo, quase com exclusividade, interação unicamente através da Internet.

Não se pode negar que algumas sequelas negativas têm se manifestado na sociedade com o advento da Internet, mas muitos outros ganhos são mais evidentes. Se a mulher, por exemplo, tem galgado certa ascensão no mercado de trabalho, entre os muitos motivos socialmente conhecidos está seu domínio na Internet. Segundos dados do IBGE<sup>48</sup>, em 2009 (em relação a 2008), o aumento de mulheres acessando a Internet cresceu 46,1%, contra 35,5 na quantidade de homens. Segundo a mesma pesquisa, “do total de Internautas brasileiros, 51% pertencem ao público feminino.” Esse fato tem permitido que a mulher supere os homens em alguns setores da área profissional. O fato é que se constata uma mudança de postura em público que, por muito tempo, se apresentava em níveis inferiores nas conquistas sociais.

Através de *sites* de relacionamento como *Orkut*, *Twitter*, *Facebook*, surgem novos comportamentos sociais. Esses *sites* parecem desenvolver um fascínio, nas práticas interativas de homens e mulheres, difícil de comparar com outras práticas comunicativas. Segundo pesquisa divulgada na Revista *Veja*<sup>49</sup>, “oito em cada dez pessoas conectadas no Brasil têm o seu perfil estampado em algum site de relacionamentos.” Entre esses, O *Orkut* é campeão de acessos. Numa busca frenética por relacionamentos, amizades, numa tentativa, talvez, de fugir da solidão instaurada pela vida moderna, esses homens e mulheres definiram esses *sites* de relacionamento como uma necessidade básica para sua vida social de interação.

Além disso, para ampliar as formas de apresentação profissional, muitos usuários têm utilizado, pragmaticamente, esses *sites*. Essas redes têm contribuído, entre outros fatores, para oportunidade de empregos em várias empresas. Segundo

---

<sup>48</sup> Pesquisa divulgada no Jornal do Commercio em 15/09/2010.

<sup>49</sup> Disponível no site <http://veja.abril.com.br/080709/nos-lacos-fracos-internet-p-94.shtml>, acessado em 27/09/2010.

uma matéria divulgada na seção de Economia da Folha de Pernambuco<sup>50</sup>, muitas empresas estão utilizando o perfil divulgado nesses sites para recrutar funcionários, bem como divulgar vagas disponíveis.

Na área política, o ambiente virtual permite uma infinidade de possibilidades, não apenas para os candidatos, como para os eleitores. Em um *site* de busca, o cidadão pode tomar conhecimento de toda vida política de qualquer candidato. Pode conhecer seus projetos, a política partidária, as ideologias inerentes, enfim, a Internet promove uma prática de cidadania nunca antes possível, pelo menos nunca antes tão facilmente acessível.

Por outro lado, é na Internet que os grandes políticos têm se feito conhecer e têm conseguido realizar estratégias para campanhas eleitorais com eficiência e velocidade. O atual presidente dos Estados Unidos, por exemplo, utilizou as Redes sociais da Internet para desenvolver uma das maiores campanhas políticas do mundo. Cláudio Torres, articulista do Site Tecmídia<sup>51</sup> informou:

(...) Mas, apesar do grande feito de Barack Obama, a maioria das pessoas desconhece o que de fato aconteceu nos Estados Unidos, e o que contribuiu para a sua eleição. (...) O que de fato mudou nestes 18 anos, entre sua formatura em Harvard e sua posse como Presidente dos Estados Unidos da América, foram os meios e as tecnologias, que viabilizaram a velocidade, a abrangência e a eficácia necessárias para implementar aquilo que Obama sabia que funcionava com o povo americano.

As possibilidades de práticas da linguagem são inúmeras. Percebê-las é possível, mas nomeá-las nem tanto. A cada momento uma nova contribuição é apresentada à sociedade pela Internet. Nas áreas de atuação de práticas do cotidiano, percebe-se como o ambiente virtual tem se instalado, ampliando, facilitando, desenvolvendo o agir do homem. A Internet tem se mostrado não apenas mais um meio tecnológico de comunicação, mas uma ferramenta com efeitos psicossociais de uma abrangência significativa. Seja nas áreas de entretenimento, política, negócios, saúde, profissão ou de relacionamento pessoal, ela tem contribuído para mudanças importantes no comportamento do homem. Tais

---

<sup>50</sup> Fonte: Folha de Pernambuco - 19/09/2010.

<sup>51</sup> Fonte: <http://www.tecmidia.com.br/novidades/artigos/-aprendendo-com-barack-obama-estrategias-digitais-para-as-eleicoes-2010> – Acesso em 30/09/2010.

constatações motivaram esta pesquisa, pois entende que essas formas frequentes de interação podem apresentar outras possibilidades de contribuição para o homem, especificamente o jovem estudante.

### 3.1.2 A Internet e o ensino

Uma das áreas da sociedade que tem demonstrado relevante interesse sobre a inserção da Nova Tecnologia na vida humana é o ensino e suas práticas pedagógicas. Considerando que a Internet trouxe novas formas de linguagem, conseqüentemente, novos gêneros textuais, muitos pesquisadores como Marcuschi, (2005), Xavier (2005, 2009), Araújo (2007), entre outros, têm se empenhado em conhecer as infinitas possibilidades da linguagem nesse ambiente virtual, bem como em descobrir como esse fenômeno pode e deve ser inserido nas práticas pedagógicas no ensino em diversas áreas.

Se, a princípio, surgiu um temor de que as novas tecnologias poderiam substituir o professor presencial<sup>52</sup>, as pesquisas modernas revelam o contrário, como diz Araújo (2007)<sup>53</sup> “aqueles que sabem usá-las<sup>54</sup> terão mais campo de trabalho.” E, de fato, é possível identificar a inserção desse fenômeno em várias áreas: no ensino voltado para os aspectos da linguagem; no ensino a distância e no desenvolvimento das pesquisas escolares nas mais variadas áreas do saber.

Ao ensino de língua, em qualquer nível, foram adicionadas novas considerações, desde o surgimento de novos gêneros textuais, as novas manifestações da modalidade escrita, até a percepção do sentido através dos elementos semióticos. Tais considerações precisaram ser feitas porque não se pode mais conceber a língua sem as diversas formas de expressão introduzidas com o computador. Antes mesmo de constatar a importância dessa nova tecnologia para o Ensino, Marcuschi (2005, p. 13) assevera:

---

<sup>52</sup> Para maior aprofundamento sobre o assunto, ver livro de José Armando Valente.

<sup>53</sup> Araújo faz essa constatação na apresentação do livro por ele organizado: “Internet e ensino”.

<sup>54</sup> No texto original, a expressão usada é “los”, e não “las”, pois o autor se refere ao computador.

(...) parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos lingüísticos utilizados.

Se as práticas discursivas no ambiente virtual é uma realidade já constatada, essa diversidade de formas de expressão e os novos recursos lingüísticos já fazem parte de inúmeros processos enunciativos. A escola, portanto, especificamente as aulas de língua portuguesa não poderiam ficar a parte desse processo. Com a concepção de linguagem como prática social, o falante da língua precisa se inteirar dos fenômenos lingüísticos introduzidos com a nova tecnologia, para participar da evolução da linguagem de forma consciente e orientada.

O surgimento de novos gêneros digitais desencadeia uma série de novas possibilidades para o ensino de línguas. Retomando uma das concepções de gênero apresentadas por Marcuschi (2008, p. 198) “um texto concreto situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, ‘relativamente estável’, (...), servindo como instrumento comunicativo”, percebe-se o quanto é relevante às aulas de língua portuguesa introduzir os gêneros emergentes em suas práticas pedagógicas. Se assim não for, tem-se uma concepção de língua diferente da proposta dos PCN (2000)<sup>55</sup>.

Não há linguagem no vazio, seu grande objetivo é a interação, a comunicação com um outro, dentro de um espaço social, com por exemplo a língua, produto humano e social que organiza e ordena de forma articulada os dados das experiências comuns aos membros de determinada comunidade lingüística.

Nessa perspectiva de língua como objeto de interação, entende-se por que os gêneros digitais precisam ser objetos de estudo na escola. Os alunos, em suas práticas interativas diárias, utilizam gêneros como *chat*, *e-mail*, *blog*, *E-fórum*, *recados*, *depoimentos*, entre outros, e, muitas vezes, se deparam com estudos e produções de textos veiculados apenas em suportes não-virtuais. A distância entre uma proposta de língua como ‘produto humano e social’ que “organiza e ordena de forma articulada os dados das experiências comuns” se acentua à medida em que as experiências compartilhadas no ambiente virtual não são consideradas no ensino de língua.

---

<sup>55</sup> Fonte: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf). Acesso em 01/10/2010.

Marcuschi (2007, p.200), entendendo a relevância do ensino desses gêneros emergentes em sala de aula, apresenta alguns aspectos a serem considerados:

- (1) São gêneros em franco desenvolvimento e fase de fixação com uso cada vez mais generalizado;
- (2) Apresentam peculiaridades formais próprias, não obstante terem contrapartes em gêneros prévios;
- (3) Oferecem a possibilidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito de textualidade;
- (4) Mudam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita, o que nos obriga a repensá-la.

Esses aspectos representam fundamentalmente os pontos básicos para ensino de e-gêneros na escola. O primeiro aspecto já foi reiteradas vezes aqui apresentado: o uso cada vez mais constante desses gêneros pelos alunos. Esse motivo por si só já daria conta da inserção, objetivamente, do estudo desses gêneros. Quando se fala em estudo, fala-se também na produção, na compreensão, fala-se em todo processo didático pertinente ao estudo de um gênero.

O outro importante motivador para o ensino de gêneros digitais diz respeito aos seus aspectos formais, principalmente às particularidades advindas do suporte virtual. Em relação às particularidades, há algumas considerações importantes, que são concernentes às pesquisas realizadas neste trabalho: o uso da modalidade escrita, e suas variações, nas práticas argumentativas; os efeitos semióticos na construção do sentido e a relação da estrutura formal com contrapartes de gêneros originais.

Sabe-se que a linguagem mediada pelo computador se dá, predominantemente, através da escrita. Seja qual for o e-gênero, a escrita é forma básica de produção. Esse fato tem promovido discussões acirradas entre pesquisadores e professores, tendo em vista a nova forma de escrita possibilitada pela ferramenta computacional. Tais discussões são apoiadas na não aceitação, por alguns, dessa escrita híbrida, com inserção de ícones, rica em semioses, que ultrapassam os limites dos fonemas e grafemas da escrita convencional. É por esse motivo, que o estudo sobre essa nova escrita é fundamental. Caiado (2007, p.35), sobre isso afirma:

É nesse novo contexto que um estudo mais minucioso sobre a escrita utilizada nos ambientes virtuais se torna tema relevante de pesquisa, na medida em que auxiliará no entendimento das novas práticas que surgem através da escrita do discurso eletrônico e das “transgressões” realizadas por esses sujeitos em suas demais manifestações de escrita, sejam elas escolares ou não.

Se os alunos, agentes dos gêneros mediados pelo computador, fazem uso dessas novas manifestações escritas, o papel da escola não é de exclusão, ou negação, como alguns propõem, mas de legitimação de um fenômeno real porque participante de um processo real de interação. Marcuschi sempre defendeu que o que ocorre com o fenômeno dessa escrita híbrida e icônica é a constatação de uma variação linguística da modalidade escrita. O que ocorre é que as dicotomias entre o oral e escrito, concernentes a uma associação entre aquele pertencente ao registro informal e este ao registro formal, ainda é muito forte nas práticas de ensino de língua. Essa concepção torna-se ainda mais distante da realidade interativa quando voltadas para as práticas da linguagem no ambiente virtual.

Temos aqui, claramente, o papel fundamental do ensino de língua que leva em consideração as adequações do gênero textual de acordo com as condições de produção.<sup>56</sup> Dessa forma, a escola se vê imersa em inúmeras práticas discursivas da Internet, em que o estudo de variações linguísticas se torna evidente como os apresentados em textos do ambiente não-virtual. Se os alunos já usam *blogs*, *chats*, *E-fórums*, comentários, e-mails, todas as considerações sobre variedade linguística e condições de produção devem ser analisadas. É por esse motivo que este trabalho se propôs a analisar as diversas formas de argumentação que jovens estudantes têm utilizado no *E-fórum*. Percebe-se que o desenvolvimento argumentativo deve ocorrer pelo fato de o uso desses gêneros emergentes ser muito mais frequente, portanto susceptível a análises ainda mais frequentes.

Como o foco deste trabalho é analisar o teor argumentativo das práticas discursivas através do *E-fórum*, evidentemente, os elementos inseridos na escrita no ambiente virtual torna-se um objeto relevante de estudo sobre as intencionalidades discursivas. Argumenta-se, também, com cada elemento semiótico presente na modalidade escrita. O ensino de língua, voltado para as questões discursivas, tem,

---

<sup>56</sup> As condições de produção permitem o uso de gêneros textuais no ambiente escolar, levando em consideração o domínio discursivo, os interlocutores e o propósito comunicativo.

nesta escrita híbrida, muitas possibilidades de análises com os alunos. Trata-se de promover aos usuários desses fenômenos linguísticos a capacidade de interpretação das intenções argumentativas. Sobre essa questão, Assis (2009, p. 209) afirma:

No campo específico da linguagem, não se trata exatamente de discutir se a Internet e outras inovações tecnológicas vão ou não imprimir mudanças no sistema linguístico, como defendem alguns, mas de refletir sobre o que isso nos permite enxergar sobre a linguagem e seus usos.

Com essa visão de ensino, percebe-se o quanto as investigações a respeito dos gêneros dessa nova tecnologia ainda estão em seu processo inicial. Estudar os fenômenos da língua já é, por si, uma busca inesgotável e dinâmica, como dinâmicos são seus falantes, portanto, com a Internet tem-se, de fato, o início de uma nova era de investigação científica da linguagem.

### **3.2 A argumentação e a interatividade virtual**

Segundo Koch (2008, p. 17): “A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade.” Todas as práticas discursivas de um sujeito têm a intenção de agir sobre o outro, de forma que o dizer representa uma atitude de argumentar. Perelman (2005) afirma que o ato de argumentar significa provocar a adesão dos espíritos às teses apresentadas em um discurso, o que ocorre em qualquer situação de interação. Se essa prática interativa é determinante para os processos argumentativos, tem-se no ambiente virtual as mais variadas formas e possibilidades de argumentar.

A apologia que se faz neste trabalho às práticas discursivas na Internet não intenciona negar a relevância e riqueza presentes nas interações face a face ou em textos impressos. Pretende-se apenas constatar que os recursos e ferramentas tecnológicas presentes na Internet possibilitam a ampliação e a inovação de muitas ações interativas. Como afirma Souza (2007, p. 197)

Uma outra evidência de novas formas de interação na Internet é ampliação da dialogicidade. Na Internet, a interlocução se dá no sentido de todos para todos. Em outras palavras, se a televisão já permitia a interlocução partindo de um ponto de direção a uma

enorme gama de telespectadores, a Internet possibilitou uma interlocução muito mais ampla no sentido da destinação de mensagens (...)

Essa ampliação de dialogicidade pressupõe práticas argumentativas em níveis e alcances inéditos. A persuasão ocorre tanto para um auditório particular, quanto para um auditório universal<sup>57</sup>. Considera-se uma interação para um público particular os atos comunicativos que ocorrem em gêneros digitais como alguns e-mails, chats agendados, *scraps* (e-recados) e e-depoimentos<sup>58</sup> do site do relacionamento do *Orkut*.

Quanto ao auditório universal podemos considerar as interações que se realizam para públicos diversificados e ilimitados como os comentários no site *Twitter*, recados no *Facebook*, os blogs, as legendas nas fotos em *Orkut*, o *E-fórum* do *Orkut*, só para citar alguns.

Enfim, qualquer que seja o público alvo, qualquer que seja a intenção comunicativa do e-gênero, qualquer que seja a abrangência do discurso, o processo comunicativo no ciberespaço é predominantemente interativo. Essa profunda interatividade ocorre não só pela multiplicidade de interlocutores simultâneos, como também através das ferramentas tecnológicas desse ambiente que permitem uma interação entre o interlocutor com o seu discurso, com o suporte, com o processo de interação. Santaella (2008, p. 62) expressa essa discursividade em textos do ambiente virtual da seguinte forma:

(...) nos sistemas cibernéticos, o conceito de texto sofre mudanças substanciais. Embora um elemento textual possa ainda ser isolado, sistemas baseados em computador são primordialmente interativos em vez de unidirecionais, abertos, em vez de fixos. O diálogo, regulado e disseminado pela computação digital, tira a ênfase da autoria em favor de “mensagens em circuito” que tomam formas fixas, mas efervescentes e continuamente variáveis.

Esse aspecto dialógico proposto pelos recursos tecnológicos é o que contribui para um processo argumentativo mais dinâmico e diferenciado. Os novos gêneros

---

<sup>57</sup> Retoma-se aqui o conceito de auditório particular e auditório universal de Perleman (2005), tendo em vista que as estratégias argumentativas apresentadas pelo autor nestas duas instâncias podem ser levadas em consideração também no ambiente virtual.

<sup>58</sup> Os *scraps* e os depoimentos do *Orkut*, a princípio, são postados para apenas um interlocutor, entretanto se o usuário não utilizar a ferramenta de bloqueio para outros participantes, muitos terão acesso ao gênero, mas não se configuram como o interlocutor alvo.

digitais são ricos em elementos multissemióticos que colaboram para a construção do sentido e para materialização das intenções discursivas. Santaella (p. 63) assim descreve esse ambiente de hipermídia:

Ela [hipermídia] vai além da informação escrita, permitindo acrescentar aos textos não apenas os mais diversos grafismos (símbolos matemáticos, notações, diagramas, figuras), mas também todas as espécies de elementos audiovisuais (voz, música, sons, imagens fixas e animadas).

Cada um desses elementos utilizados pela hipermídia possui uma natureza discursiva e funciona como estratégia argumentativa em muitos *e-gêneros*. Para entender melhor, embora não aprofundadamente, como esse fenômeno ocorre, analisaremos alguns e-gêneros, inicialmente aqueles direcionados a apenas um interlocutor e, em seguida, aqueles direcionados a um público abrangente. O texto abaixo corresponde a um e-mail<sup>59</sup>, gênero de caráter pessoal, com características de uma carta, bilhete, mas que é comumente usado sob a forma de hibridização de gêneros<sup>60</sup>, tendo em vista que outros gêneros podem compor o email. Esse é um dos fenômenos que permitem a apresentação argumentativa efusiva, conforme pode ser visto no texto a seguir.

Gente,

Segue o link do Peixe Urbano - um site que os deixará por dentro das promoções que rolam no Recife.  
Bjus, Ju.

<http://www.peixurbano.com.br/convite/OS0T>

--

**Figura 4:** E-mail extraído do endereço eletrônico: anelildelima@hotmail.com, em 09/10/2010

Como foi dito, o e-mail tem um caráter pessoal, e como podemos ver, utiliza-se das formas-padrão de uma carta, como o cumprimento, a despedida, a assinatura. Percebe-se, também que, embora o interlocutor receba o e-mail como interactante individual, o e-mail pode ser direcionado a vários outros destinatários

<sup>59</sup> Para maior aprofundamento do gênero, ver Marcuschi (2005).

<sup>60</sup> Essa concepção é apresentada por, entre outros, Marcuschi (2008), ao definir como um fenômeno em que vários gêneros constroem o sentido e o objetivo comunicativo proposto pelo gênero principal.

simultaneamente, o que descaracteriza, parcialmente, o discurso que é proferido para um único sujeito. O sujeito que emite um e-mail dessa forma tenta manter o caráter da personalidade do e-mail, mas com certo distanciamento para atingir um número determinado de pessoas diferentes. Notam-se, com isso, as primeiras implicações peculiarmente argumentativas do gênero digital.

Os elementos linguísticos do cumprimento- “gente” – e da despedida – “bjus, Ju” – argumenta que há proximidade entre os interactantes para a solicitação que será feita. Entretanto, essa proximidade é quebrada ao se perceber que esse “gente” está sendo dirigido a outros destinatários<sup>61</sup>. As escolhas pelo enunciador por usar esses termos, bem como pela abreviação de “Bjus” e “ju” remete à análise de Ducrot (1987p. 164). Ele afirma que “a escolha de cada constituinte é sempre determinada pela escolha do conjunto”. Isso promove o encadeamento de outras vozes, portanto são elementos com intenções argumentativas.

Percebe-se que o teor do *e-mail* é de divulgação de um *site*, portanto decisivamente argumentativo. No ambiente virtual, especificamente no *e-mail*, essa persuasão se efetivará com as possibilidades promovidas pelos recursos da Internet. Um *link* é inserido no gênero de forma argumentativamente eficaz: existe de fato um *site* que é bom, e isso pode ser certificado imediatamente. Observa-se, claramente, um jogo interativo do sujeito com o outro e com as ferramentas tecnológicas, de forma a tornar o texto mais eficazmente argumentativo.

O gênero *chat* agendado<sup>62</sup> ocorre em uma interação mais individualizada, com a participação, normalmente, de dois interactantes. As técnicas de persuasão nesse gênero costumam evocar o grau de proximidade entre os participantes, bem como todos os recursos multissemióticos disponíveis pelas ferramentas virtuais. Considerando que o *chat* apresenta uma escrita híbrida – entre uma escrita oralizada ou uma fala escrita –, tem-se uma série de ícones linguísticos responsável pela manifestação das intenções argumentativas. Se Koch (2008), parafraseando Ducrot, considera as marcas (elementos linguísticos) como responsáveis pela força argumentativa dos enunciados, a mesma concepção se confere às marcas icônicas

---

<sup>61</sup> Esse é um controle possível, tendo em vista que o e-mail dispõe de uma barra de endereços eletrônicos de outros sujeitos que são compartilhados, a maioria das vezes, por quem recebe o e-mail.

<sup>62</sup> Araújo (2003) apresenta um interessante trabalho sobre o gênero chat na Web.



Outro e-gênero que exemplifica o caráter interativo da Internet é o *chat* aberto. Pela profusão de participantes, pela variedade de temas desenvolvidos simultaneamente, as estratégias argumentativas acontecem nesse gênero de forma um tanto quanto peculiar. Como ocorre em salas de bate-papo, geralmente vinculadas a algum site, e os participantes entram para interagir, democraticamente, com um mínimo de restrição, Vieira (2006) muito apropriadamente denomina de 'festa a fantasia'. O termo é adequado considerando que os usuários chegam ao ambiente como uma intenção: interagir. Nessa necessidade, não importa se o nome (*nickname*) que está aparecendo é real ou não, se o que se diz é verdadeiro ou não. A premissa verdadeira e comum a todos é a interação. Nessa interação não linear, um dos elementos de maior argumentatividade é o *nickname*<sup>64</sup>. Isso é que pode ser encontrado no *chat* abaixo, que faz parte de uma sala de bate papo aberto do *site* UOL.<sup>65</sup>

Hora de entrada	Nicknames	A conversa
12:24:45	Avaliador de princesa fala com barbie	São jóias personificadas, mas com selo real e com números de série e identificação. Olha só me conhecendo pra saber o q te atrair.
12:25:45	barbie (sai da sala)	
12:27:17	moreno sarado (entra na sala)	

**Figura 6:** Sala de bate papo

No estudo de Lima (2009) acerca da construção de identidade realizada através dos *nicks* em chats, pode-se perceber que os sujeitos participantes desse e-gênero tendem a se apresentar de acordo com várias exigências determinadas pela

<sup>64</sup> Entre muitos estudos, há um relevante trabalho sobre nicknames em chats, associados à construção da identidade em um artigo de Anelilde Lima (2009).

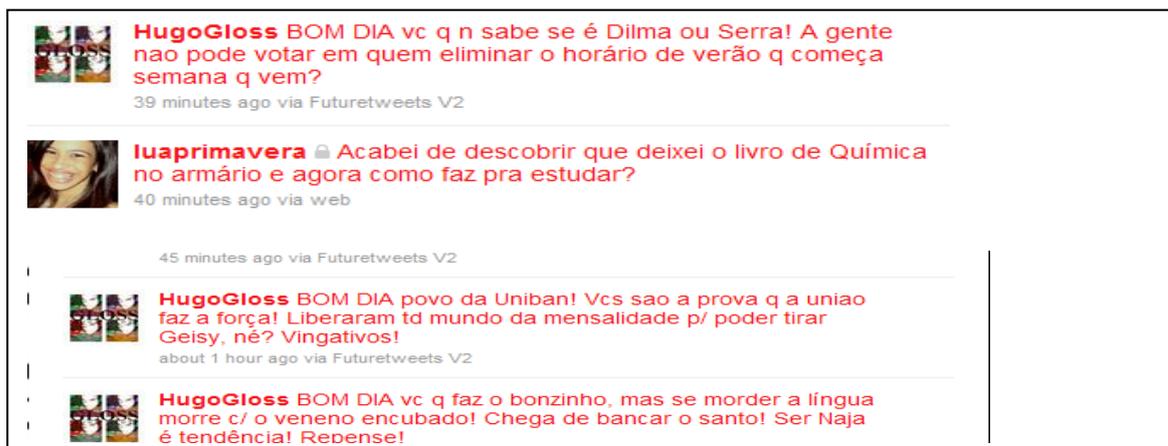
<sup>65</sup> Fonte: Esse fragmento de um bate papo virtual foi extraído de nossa pesquisa do artigo publicado nos Anais do II Simpósio de Hipertexto em 2009. Como o foco desta análise é a argumentação através dos *nicks*, não se fez necessário apresentar outras partes da conversação.

sociedade, como uma imagem idealizada. Ora, sem querer alongar essa discussão, é possível perceber também que essa idealização através dos *nicks* é uma manifestação argumentativa possível no ambiente virtual, principalmente porque o *chat* aberto se dá normalmente entre participantes desconhecidos. O anonimato permite uma argumentação apoiada nas possibilidades promovidas pela Internet.

O primeiro participante do bate papo aberto se apresenta como “avaliador de princesa”. É através desse *nick* que o usuário idealizará o seu interlocutor, como também construirá o sentido pretendido com o discurso. Esse mecanismo argumentativo retoma uma das três instâncias citadas por Aristóteles (2007) para construir as formas argumentativas: o *ethos*. O filósofo considera o caráter do locutor como determinante para persuadir um auditório. Com outras formas de exigências, mediante uma sociedade com outras idealizações, esse caráter do sujeito, construído sob a cortina do virtual, permitirá o efeito argumentativo pretendido. Ser “avaliador de princesa” pode indicar um sujeito exigente, em busca de interação com mulheres cuja caracterização de ‘princesa’ pode significar ser do sexo feminino jovem, bonita. Enfim, os implícitos serão desencadeados, também, pelo contexto discursivo e pelas intenções que perpassam os participantes da sala de bate papo escolhida.

Os *nicks* dos outros participantes, “barbie” e “moreno sarado”, indicam a mesma preocupação com a apresentação da autoimagem como estratégia para condução da argumentação. Na verdade, é a ideia que se faz do que representa ser uma ‘barbie’ ou um ‘moreno sarado’ que determinará o sucesso na continuação da interação.

A figura abaixo corresponde a um depoimento postado no *Twitter*, no qual será possível identificar as estratégias que permitiram manifestar a argumentatividade. Esse *site* de relacionamento, através de pequenos comentários, tem demonstrado, a cada dia, seu poder persuasivo, principalmente pelo seu caráter interativo. O curioso nos gêneros postados nesse *site* não é apenas o fato de se argumentar para diferentes pessoas simultaneamente, mas a possibilidade de ‘controlar’ os participantes dessa interação. Entenda-se por ‘controlar’ o fato de poder reconhecer quem está participando daquele processo interativo.



**Figura 7:** Comentário no Twitter. Fonte: <http://twitter.com/home#>. Acesso em 15/10/2010.

Com esses quatro comentários, podem-se perceber algumas peculiaridades na interação nesse *site*. Evidentemente que não é possível fazer uma ampla análise sobre os efeitos argumentativos evidenciados em textos postados no *Twitter* por não ser o foco deste trabalho. Entretanto, como é objetivo desta pesquisa mostrar o quanto e como o usuário da Internet tem utilizado estratégias argumentativas nos mais variados e-gêneros, alguns pontos de análise servirão para constatação de nossas hipóteses.

Inicialmente, é possível constatar que o *Twitter* é um serviço digital em que as postagens não obedecem a uma linearidade de temas ou de formalidades. Essa ‘democracia’ temática permite que as intenções argumentativas surjam de forma mais espontânea. Como Abreu (2006, p. 93) bem define: “Argumentar é motivar o outro a fazer o que queremos, mas deixando que ele faça isso com autonomia, sabendo que suas ações são frutos de sua própria escolha.” No primeiro comentário, por exemplo, o participante usa um argumento que atinge a preferência de algum eleitor para defender o voto por algum dos candidatos. A forma aparentemente despretensiosa, não-sistemática, como um horário eleitoral, pode ter maior força persuasiva.

Outro ponto relevante, comum a alguns gêneros digitais e, especificamente, ao gênero postado no *Twitter*, é o direcionamento individualizado do discurso que pode atingir, na verdade, a um auditório universal. Como já fora dito, nesse *site*, a linguagem é peculiarmente abrangente e ‘democrática’. Pessoas de diferentes

classes, cultura, religião, enfim, das mais variadas formas de vida comungam de mesmos espaços de interação. No fragmento acima, o participante se dirige a um “você” que não corresponde ao mesmo auditório universal da postagem anterior, mas aos responsáveis pela Uniban.

Se a princípio parece um espaço virtual em que as pessoas escrevem sobre problemas individuais ou sobre eventos universais, o fato é que o *Twitter* se transformou e uma ferramenta de ações e reações dentro de uma abrangência incalculável no mundo inteiro. Poder-se-ia compará-lo à televisão pelo seu poder de persuasão a um auditório universal, o que o diferencia e lhe confere mais poder argumentativo é o seu caráter interativo. Todo comentário postado em um *Twitter* está sujeito a ser posto imediatamente em discussão, configurando-se como uma troca de argumentação dialogada. Isso empodera a argumentatividade, pois, como diz Plantin (2008, p.64):

Essa situação interacional obriga o interlocutor a argumentar, isto é, desenvolver um discurso de justificativa. A argumentação é uma atividade custosa, tanto do ponto de vista cognitivo como do ponto de vista interpessoal; só nos engajamos nela pressionados pela resistência do outro à opinião que estamos expondo.

Esse caráter interativo em favor da argumentação é o que rege a maioria dos e-gêneros. E é esse fenômeno que inspirou este trabalho a analisar os efeitos argumentativos do *E-fórum*, que, semelhantemente aos textos postados no *Twitter*, tem sua base na interação.

## CAPÍTULO IV

### 4 ANÁLISE DA FORÇA ARGUMENTATIVA NO E-FÓRUM

No capítulo anterior, tratou-se da argumentatividade e do caráter interativo dos gêneros veiculados à Internet. Neste capítulo, pretende-se analisar as diversas estratégias argumentativas empregadas no gênero *E-fórum*, utilizado no *site* de relacionamento do *Orkut*. Por se tratar de um dos *sites* mais usados pelos usuários da Internet, no Brasil, as práticas discursivas, através desse e-gênero, tende a ser constante e contínua, permitindo uma variedade argumentativa relevante. Como foi vista a relevância da interatividade para o desenvolvimento argumentativo, será possível, nesse e-gênero, constatar seu poder interativo, e o que isso representa discursivamente para os usuários de tal gênero.

As análises realizadas a seguir sobre a argumentatividade no *E-fórum* poderiam ocorrer, talvez, em qualquer gênero, em qualquer outra situação comunicativa. Entretanto, o que se pretende mostrar, neste trabalho, é que muitas possibilidades de argumentação têm acontecido de forma consistente em um e-gênero, de uma determinada comunidade, composta por alunos de ensino médio que, normalmente, apresentam dificuldades para desenvolver a argumentação através da modalidade escrita, principalmente em ambiente escolar. O *E-fórum*, surge, portanto, como uma ferramenta para prática argumentativa, de forma mais ampla, mais praticada, permitindo o desenvolvimento na formação de argumentos.

Embora este trabalho tenha como base a concepção de que “em todo discurso subjaz uma ideologia”, portanto é argumentativo, acredita-se, também, que os efeitos pretendidos para persuasão dependem de estratégias argumentativas, com escolhas discursivas eficazes. Esse estado de eficácia certamente ocorre com a frequência da prática argumentativa, com a reelaboração do pensamento, com aquisição de informações, com o discurso posto em prova pela resposta imediata do outro, enfim, um aprimoramento promovido com essas e outras contribuições presentes no *E-fórum*.

Como toda argumentação se manifesta através da linguagem, far-se-á uma análise de como os elementos linguísticos presentes nos enunciados constroem um sentido e favorecem a argumentação. Seguindo os estudos de Ducrot (1987), para quem o efeito da presença de alguns morfemas da língua impõe restrições sobre o potencial argumentativo dos enunciados, poder-se-á compreender melhor o poder argumentativo que esses elementos produzem na interação virtual. Apesar do *E-fórum* apresentar, em algumas situações, uma escrita diferenciada, híbrida, com marcas multissemióticas para construção do sentido, os processos argumentativos ocorrem conforme as previsões e análises de Ducrot.

De acordo com Perelman (2005, p.137), “Toda argumentação supõe, portanto, uma escolha, que consiste não só na seleção dos elementos que são utilizados, mas também na técnica da apresentação destes.” E essas escolhas de elementos linguísticos ou próprios das ferramentas computacionais utilizados nos e-gêneros dialogam com os estudos da argumentação constitutiva da língua de Ducrot, e também permite identificar as inúmeras técnicas argumentativas previstas por Perelman.

Essas análises permitirão entender por que é possível ao sujeito alcançar um bom nível de desenvolvimento da argumentatividade nesse e-gênero. Elas permitirão observar as muitas possibilidades argumentativas através de organizações sígnicas, que formam as multissemioses. Embora esse fenômeno não seja o foco de análise deste trabalho, é importante apresentar como ele contribui para os jogos argumentativos.

Como a base da interação na Internet é escrita, considera-se que nunca antes o homem argumentou tanto utilizando a modalidade escrita. Partindo da concepção de Sautchuk (2003, p.4), para quem “o ato de escrever é uma atividade interativa entre dois enunciadorees que operam dialogicamente o texto num processo.”, pode-se constatar que qualquer que seja as intenções argumentativas no *E-fórum*, elas só se realizarão através da escrita. Analisar esse fenômeno é de grande relevância para entender as possíveis consequências nas práticas discursivas dos sujeitos escreventes.

De acordo com os estudos cognitivos de Walker & Kintch (1985), a memória suporta o acúmulo de informações permanentes e a interação das informações corre

por associação. Para (GARDINER, 1987), “A lembrança da MLT<sup>66</sup> é melhor para imagens do que para palavras, e melhor para palavras visualizadas do que para aquelas que não o são. Sendo assim, acredita-se que as práticas argumentativas em gêneros digitais, como *E-fórum*, podem permitir um acúmulo de informações argumentativas na memória cognitiva que poderão ser utilizados em outras práticas discursivas, além dos ambientes virtuais.

#### 4.1 Argumentatividade no *E-fórum*

Conforme já foi apresentado, o *E-fórum* é um gênero que pode ser utilizado em vários espaços da mídia digital. A escolha pelo *E-fórum* do *Orkut* se deu por esse *site* ser um dos mais utilizados, portanto, possível de se constatar a efetivação de práticas argumentativas com mais frequência e com maior duração. Para iniciar as análises, é necessário retomar como se processa esse e-gênero no ambiente do *Orkut*. O *E-fórum* é utilizado dentro de uma comunidade desse *site*. A comunidade selecionada “Penso logo escrevo” tem um caráter pedagógico e serviu também para o acompanhamento de algumas estratégias argumentativas. Primeiramente, há a presença de um mediador<sup>67</sup>, responsável pela condução dos tópicos a serem discutidos. Como a comunidade foi aberta em colaboração com algumas práticas pedagógicas de uma sala de ensino médio, os tópicos apresentados correspondem a temáticas sociais discutidas ou a serem discutidas em ambiente escolar, bem como de acordo com os fatos sociais vividos no período. A figura a seguir mostra as temáticas mais comuns.

---

<sup>66</sup> Memória de Longo Termo

<sup>67</sup> O mediador da comunidade é a autora desta pesquisa, cujo objetivo didático-pedagógico já fora apresentado.



**Fórum**  
 Início > Comunidades > Outros > Penso logo escrevo > Fórum

Selecionar: Todas, Nenhum

tópico	autor	postagens
<input type="checkbox"/> ADOÇÃO POR HOMOSSEXUAIS	anelilde	7
<input type="checkbox"/> ENEM	anelilde	1
<input type="checkbox"/> PENA DE MORTE	anelilde	5
<input type="checkbox"/> LIBERDADE DE IMPRENSA	anelilde	2
<input type="checkbox"/> HOMOSSEXUALISMO	anelilde	11
<input type="checkbox"/> LEGALIZAÇÃO DA MACONHA	anelilde	25
<input type="checkbox"/> PARA PRESIDENTE	anelilde	10
<input type="checkbox"/> Segurança ou educação?	anelilde	4
<input type="checkbox"/> CAPITALISMO	anelilde	2
<input type="checkbox"/> HOMEM-ANIMAL	anelilde	5
<input type="checkbox"/> ELEIÇÃO	anelilde	1

**Figura 8:** Página de seleção dos tópicos do e-fórum. Acesso em 22/10/2010

A figura acima é um fragmento dos tópicos postados na comunidade “Penso logo escrevo”. Pela página, é possível identificar o autor do tópico e a quantidade de participação em cada tópico. Tem-se, nesta primeira página, um dos momentos iniciais argumentativos do e-fórum. Como Koch (2008) sustenta, “todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia” e ela ainda acrescenta que esse fato na linguagem é caracterizado pela argumentatividade. Portanto, à escolha e à postagem dos tópicos perpassam uma intencionalidade argumentativa. Por que escrever sobre “Adoção por homossexuais”, por exemplo? Quando se apresenta uma temática como “capitalismo”, o que está previsto na escolha lexical? Percebe-se que a ideologia está subentendida<sup>68</sup> pela forma de apresentação do tópico como enunciado. Usar o termo “capitalismo” induz a um comentário pejorativo do fenômeno, processo que poderá ser constatado no *E-fórum*, entre os participantes.

Outra força argumentativa está presente, também, de acordo com o responsável pela postagem do tópico. Sabe-se que quem monitora a comunidade é

<sup>68</sup> Tem-se aqui um dos aspectos de subentendido trazido por Ducrot (1987, p. 43), em que, para o interlocutor dizer alguma coisa, “faz-se o outro dizer o que se disse.”

uma professora<sup>69</sup> e a maioria dos participantes são alunos da mesma escola. Essa relação de poder impõe, de alguma forma, uma condução argumentativa. Retoma-se, aqui, um dos meios de persuasão apresentados por Aristóteles, relacionados à figura do orador. Na verdade, Aristóteles desenvolve vários aspectos do caráter do falante que pode ser decisivo na persuasão, e o que se vê, nessa parte do *E-fórum*, é o poder atribuído aos papéis desempenhados por quem profere o discurso. Ora, se a professora abre um tópico com a expressão “capitalismo”, a formação argumentativa está relativamente estabelecida, de acordo com as crenças compartilhadas entre esses interactantes ao se mencionar o nome “capitalismo” dessa forma. O mesmo encadeamento argumentativo poderá acontecer em tópicos como “Homem-animal”, “Liberdade de imprensa”, “Para presidente”. Amoussy (2008, p. 119), parafraseando Bourdieu (1982), declara:“(...) a ação exercida pelo orador sobre seu auditório não é de ordem linguageira, mas social: sua autoridade não depende da imagem de si que ele produz em seu discurso, mas de sua posição social e de suas “possibilidades de acesso à palavra oficial, ortodoxa, legítima.”

Outro item argumentativo desta página do *E-fórum* diz respeito à quantidade de comentários<sup>70</sup> sobre cada tópico. É argumentativo por ser uma das motivações que podem induzir um participante a fazer um comentário sobre determinado tópico. No tema “Legalização da maconha”, por exemplo, há 25 comentários. Na segunda posição, aparece “Homossexualismo, e na terceira o tópico “Para presidente”, sendo 11 e 10 comentários respectivamente.

Fica, portanto, evidente que o teor polêmico determinado pelo próprio tema é a primeira forma de persuasão para se interessar pelo tema e provocar o interesse dos internautas em escrever sobre ele. Entretanto, chega um determinado momento na escolha da temática que essa condução se deu pelo interesse dos participantes revelado através dos números indicativos.

---

<sup>69</sup> Na apresentação desta comunidade do Orkut, deixou-se claro, neste trabalho, que a monitora desenvolveu um trabalho pedagógico através desse e-gênero, nesta comunidade. Sendo assim, os participantes são, em geral, seus alunos.

<sup>70</sup> O número na coluna de postagem corresponde à quantidade de comentários proferidos sobre cada temática. Não corresponde à quantidade de participantes por tópico, tendo em vista que uma mesma pessoa pode comentar várias vezes sobre determinado tema.

Essa análise considera o ato de argumentar sob uma das concepções de Perelman (2007, p18), que postula que essa ação ocorre mediante a “adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental”. Ainda que os elementos usados pelo *E-fórum* não tenham sido feitos com intenção explícita de adesão, mas, pelos fatores já apresentados, acabam contribuindo como mecanismos argumentativos.

A figura a seguir corresponde à página do *E-fórum* em que se deixam os comentários. Ao acessar esse ambiente, o participante<sup>71</sup> já selecionou seu tema e deverá ser conduzido argumentativamente às próximas ações discursivas.

### ADOÇÃO POR HOMOSSEXUAIS

Início > Comunidades > Outros > Penso logo escrevo > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-7 de 7 primeira | < anterior | próxima > | último

**anelilde** 8 out [excluir](#)

**ADOÇÃO POR HOMOSSEXUAIS**

Haveria algum dano psicológico em crianças que fossem adotadas por homossexuais? Elas estariam melhor em orfanatos ou nas ruas?

**mariana** 10 out [excluir](#)

ugar de criança não é na rua. Aliás, ninguém merece viver na rua, mendigando. Muito menos uma criança, a qual não tem habilidades suficientes para defender-se de situações mais ofensivas, como um estuprador ou um agressor. Além de que elas estão em formação de caráter, e, nessa fase, o ambiente interfere muito. Por tal motivo, também, é, de certa forma, um tanto comprometedor e arriscado permitir a adoção de uma criança por homossexuais. Pois, eu ainda defendo, o certo é o heterossexualismo, o sexualismo natural e normal. A relação entre homem e mulher. Uma criança sendo criada por homossexuais crescerá achando aquilo normal, podendo até acontecer de, mais tarde, optar por essa alternativa sexual ou até o bissexualismo. É um risco maior pela educação. Ah, esse assunto é muito relativo. Mas os filhos só devem ser entregues àqueles que podem tê-los. Ou seja, homossexuais, pelo menos homens, não podem gerar, logo - sendo radical - não podem criá-los. É o que eu acho.

**Figura 9** - página do *E-fórum*

Como foi apontado antes, a forma de estruturação de um *E-fórum* se dá pela presença de um mediador responsável por conduzir os tópicos e inserir um questionamento a partir do qual os participantes se posicionarão. Foi apontado também que o papel social desse mediador estabelece um dos primeiros encadeamentos argumentativos. Para o tema “Adoção por homossexuais”, apresentado na figura acima, o mediador insere um questionamento argumentativo. Essa pergunta que caracteriza o início de uma discussão do *E-fórum* tende a orientar o teor das opiniões expostas. Na verdade, essa é a premissa defendida por Perelman (2005, p. 60) ao afirmar que “toda discussão pressupõe a adesão prévia a certas teses, sem que nenhuma argumentação é possível”. Quando o mediador questiona:

<sup>71</sup> O participante dessa página pode vir com sua foto ao lado do nome. Para este trabalho, foram retiradas todas as fotos, com intenção de preservar o direito do uso de imagem do usuário.

(A) “Haveria algum dano psicológico em crianças que fossem adotadas por homossexuais? Elas estariam melhor em orfanatos ou nas ruas?”

Na primeira parte do questionamento, percebe-se uma atribuição mais imparcial sobre o problema, deixando possibilidades para opiniões diferentes. Entretanto, ao indagar se “elas estariam melhor em orfanatos ou nas ruas”, tem-se um direcionamento explícito para ‘adesão dos espíritos’, voltado ao aspecto positivo da adesão. Não há neutralidade na pergunta. Como um orador<sup>72</sup> do *E-fórum* argumenta para um auditório universal, a heterogeneidade do público precisa ser considerada, portanto estratégias de persuasão precisam ser ativadas. Em um questionamento como esse, que abre as discussões, como há uma intenção explícita social e política, é preciso apelar para os sentimentos e emoções comuns à maioria da categoria humana.

Ao perguntar “elas estariam melhor em orfanatos ou ruas”, o orador, a princípio parece estar conquistando a adesão dos espíritos baseada em uma evidência racional cartesiana: ninguém preferiria ver uma criança na rua. Mas Perelman retruca tal força argumentativa pautada numa lógica universal, pois ele postula que universalizar os sentimentos seria imaginar um “Ser perfeito”. Entretanto, deve-se admitir, também, que as estratégias argumentativas sempre estão ancoradas em crenças e emoções compartilhadas. A indagação “estariam melhores em orfanatos?” induz a uma resposta negativa, portanto com muita força argumentativa. O apelo aos sentimentos de generosidade é o mecanismo que conduz à resposta que se espera ouvir.

Não se pode negar, entretanto, como defende Perelman, que entre os ouvintes desse auditório heterogêneo possa haver aqueles que, de acordo com suas convicções morais, religiosas, prefiram ver a criança no orfanato. O que vai determinar as estratégias argumentativas para defender o contrário será a discussão instaurada no *E-fórum*. Poder-se-á verificar, portanto, o quanto esse e-gênero pode contribuir para o desenvolvimento das mais variadas estratégias argumentativas.

Quando a primeira participante do *E-fórum* responde ao questionamento, inicia dizendo:

(B) “Lugar de criança não é na rua. Aliás, ninguém merece viver na rua, mendigando.”

---

<sup>72</sup> Os termos “orador”, “ouvinte”, “auditório” serão usados para referir-se aos participantes da discussão, com base no uso de Perelman para o termo, como já foi apresentado.

A participante 1<sup>73</sup> inicia seu discurso com o que a Retórica considerou de um 'Entimema'. Não se pode negar que a participante quis iniciar a discussão com um pensamento irrefutável, aceitável por qualquer auditório, ainda que com caráter universal. A força argumentativa dessa declaração "lugar de criança não é na rua" permite um direcionamento mais determinado para os desencadeamentos que pretende desenvolver a favor de uma tese. Esse enunciado é considerado pela argumentação na língua como um *topoi*. Ducrot (1990, p. 103 *Apud* PLANTIN, 2008, p. 53) redefine os *topoi* como princípios gerais comuns, apresentados como aceitos pela coletividade."

Após a tentativa de persuasão através de uma 'verdade inquestionável', a participante 1 acrescenta um novo *topoi*: "ninguém merece viver na rua mendigando." Como a intenção é chegar, de forma cada vez mais contundente, à adesão do auditório para a tese que defende, a participante adiciona outras estratégias argumentativas. De acordo com a Argumentação na língua, o uso do conectivo "aliás" desempenha um papel muito maior que meramente uma ligação entre enunciados. Fiorin (1995) assim descreve um conectivo como "aliás": "introduz um argumento decisivo, apresentado como acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final no argumento contrário." A escolha da participante 1 por esse conectivo revela que a maior parte dos os movimentos linguísticos executados em uma enunciação são de caráter argumentativo. Os efeitos de sentido produzidos por esse operador argumentativo<sup>74</sup> não seriam os mesmos que se usasse um "e", por exemplo.

Em seguida, a participante 1 determina: "ninguém merece viver na rua...". Nesse momento, ela usa a estratégia de não apenas evocar uma verdade aceitável pelo público, como também apelar pelos sentimentos de nobreza e generosidade, presumidamente compartilhados pela sociedade. Entretanto, a participante 1 intenciona galgar sua conclusão com o acúmulo de *topois*. Para isso, percebe-se que uma das técnicas usadas é o que Perelman (2005, p.321) denomina de

---

<sup>73</sup> Em cada tópico, será assim (por uma numeração) identificado o participante - pela ordem de sua inserção no E-fórum.

<sup>74</sup> Koch (2008p. 102), em seus estudos sobre argumentação e linguagem apresenta alguns morfemas gramaticais, responsáveis pela relação entre enunciados como operadores argumentativos ou discursivos, baseada nos estudos de Ducrot.

“argumento da direção”<sup>75</sup>, ou seja, um procedimento das etapas. Vê-se que a participante 1 deseja levar a uma conclusão e faz isso conduzindo o auditório por etapas argumentativas. No argumento seguinte, ela declara:

(C)“...a qual não tem habilidades suficientes para defender-se de situações mais ofensivas, como um estuprador ou agressor.”

O participante 1, nesse momento, introduz mais uma informação na cadeia argumentativa, dessa vez voltada a evocar o caráter de fragilidade de uma criança. Fica perceptível, nas formulações enunciativas do participante 1, o que Plantin (2008, p. 42) afirma: “Todas as operações de construção de enunciado têm valor argumentativo.” Os consensos manifestados através da linguagem suscitam gradativamente apoios racionais compartilhados pelo auditório. Fazer uso das características de uma criança de não ter habilidades de defesa em situações ofensivas, certamente desencadeará outras conclusões que não apenas uma constatação cientificamente lógica. A intenção pretendida com essa caracterização começa se elucidar com os argumentos apresentados em seguida:

(D) “Além de que, elas estão em formação de caráter e, nessa fase, o ambiente interfere muito.”

O novo argumento foi introduzido com um marcador argumentativo “além do que”. Esse conectivo insere um encaminhamento argumentativo com a intenção de indicar que as constatações que virão a seguir são ainda mais relevantes que as demais. O Operador argumentativo “além do que” não apenas liga as etapas posteriores, como também prepara para o início de uma intervenção ainda mais contundente sobre o tema. A assertiva seguinte “elas estão em formação de caráter” apóia o argumento anterior sobre a fragilidade da criança. Aristóteles (2007, p. 147) enfatiza que a percepção de um discurso requer a atenção entre três pontos e um deles é a organização das partes de um discurso. A participante 1 inicia seu processo argumentativo com ideias consensuais; em seguida apresenta um apelo aos sentimentos de nobreza; posteriormente expõe a característica do objeto da discussão, para então, percorrer a linha no sentido da conclusão. Ao afirmar que “elas estão em formação de caráter e, nesta fase, o ambiente interfere muito”, a participante deseja envolver o ouvinte em um jogo dedutivo.

---

<sup>75</sup> Perelman (p.323) postula que “o argumento da direção visa sempre tornar uma etapa solidária de desenvolvimentos posteriores”

O jogo estabelecido entre a dependência de formação de caráter e o ambiente de formação pode levar o ouvinte a mais de uma conclusão. O ambiente a que se refere a participante pode ser a rua, onde ela sofreria as agressões citadas. Entretanto, apenas no percurso argumentativo, o ouvinte perceberá, de fato, a tese defendida pela participante.

(E) “Por tal motivo, também, é, de certa forma, um tanto comprometedor e arriscado permitir a adoção de uma criança por homossexuais.”

Nesse ponto, a participante 1 inicia o caminho da conclusão. As assertivas iniciais foram uma preparação no campo de argumentações plausíveis e consensuais. Essas não seriam suficientes para mover os “espíritos a sua tese”. Pode-se dizer que essa nova assertiva seria o *topos*, sobre o qual a participante 1 necessita desenvolver argumentos que envolvem o ouvinte sobre qualquer ponto do tema. Como estratégia argumentativa, a participante usa um operador que retoma imediatamente o último argumento: “a criança está em formação de caráter, o ambiente interfere muito.” Começa-se a entrar em um encadeamento enunciativo para determinar a que ambiente a participante 1 se refere. Nesse processo discursivo é possível retomar a concepção de sentido de acordo com a Semântica da Enunciação, concepção defendida por Ducrot. Oliveira (2003, p. 18) explica essa teoria, indicando que “o significado é o resultado do jogo argumentativo criado na linguagem e por ela.” Dessa forma, o significado de “ambiente” vai sendo adquirido no processo enunciativo da participante. Entende-se, pela condução promovida na enunciação que ‘ambiente’ corresponde ao convívio com homossexuais

Mas antes de dar continuidade ao processo argumentativo, ela usa uma nova estratégia persuasiva: os modalizadores<sup>76</sup>, ou seja, como define Koch (2008, p. 73), modalizadores são “parte da atividade ilocucionária, já que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz: (...)”. Essa atitude, numa visão aristotélica, pode atenuar o valor de verdade do enunciado proferido. Para isso, o participante usa dois modalizadores: “também” e “de certa forma”.

Com a expressão “também”, a participante tenta incluir outro possível efeito da causa anteriormente apresentada. A intenção com essa atitude é muito mais

---

<sup>76</sup> Koch (2008) desenvolve um estudo relevante sobre as modalidades do discurso, em que, baseada na pragmática linguística, apresenta algumas formas e tipos de modalidades.

afetiva<sup>77</sup>, com o propósito de minimizar qualquer postura arrogante e, assim, sensibilizar o ouvinte para sua adesão ao que considera verdade. Na mesma linha de atenuação do dito, é empregada a expressão “de certa forma”. Esse termo procura estabelecer uma relação de respeito com as pessoas que, possivelmente, não entendessem a adoção por homossexual como um ‘risco’ para a criança. No desenvolvimento enunciativo, percebe-se que a atenuação não se vincula a uma dúvida ou insegurança sobre a tese defendida, mas corresponde a uma tentativa de conquista de todos os ouvintes neste auditório heterogêneo. Isso é facilmente entendido pela continuação do enunciado: “um tanto comprometedor e arriscado permitir a adoção de uma criança por homossexuais.”

Ainda antes de definir sua tese, a participante 1 modaliza a afirmação com a expressão “um tanto”. Ora, a escolha lexical é uma das partes importantes no processo argumentativo. É preciso sempre reiterar que a argumentação é um fenômeno essencialmente ancorado na linguagem. Desse modo, o direcionamento dado pela expressão “um tanto” é totalmente distinto de “muito”, ou simplesmente com a ausência de qualquer modalizador. O uso de “um tanto” revela um cuidado com o ouvinte, de tal forma que permite sua permanência no discurso. A arrogância da categorização poderia implicar a fuga do ouvinte do processo enunciativo. Da mesma forma que o uso das expressões “comprometedor” e “arriscado” denunciam o ponto de vista negativo da participante 1 quanto à adoção de crianças por homossexuais.

Nas assertivas posteriores, tem-se uma sequência argumentativa, envolvidas em um discurso ora consensual, ora de autoria<sup>78</sup>, conforme se pode constatar:

- (F) Pois, eu ainda defendo, o certo é o ‘heterossexualismo’, o sexualismo natural e normal. A relação entre homem e mulher.
- (H) Uma criança criada por homossexuais crescerá achando aquilo normal;
- (I) podendo até acontecer de, mais tarde, optar por essa alternativa sexual ou até o bissexualismo.

---

<sup>77</sup> Plantin (2008, p. 117) retoma os conceitos aristotélicos sobre o *ethos* relacionado à manifestação de afetos amenos.

<sup>78</sup> O termo autoria é usado aqui na concepção de Pacífico (2002) ao afirmar “ que a autoria leva à necessidade de que o sujeito historicize os sentidos, controle os pontos de fuga dos mesmos e assuma a responsabilidade pelo dizer.”

Na sequência, a participante 1 passa a ser contundente quanto a sua posição contra o homossexualismo, em defesa do heterossexualismo, com expressões como “o certo”, “natural” “normal”. O encadeamento ocorre com o emprego de um operador que define uma **escala argumentativa**<sup>79</sup> ao concluir que a criança pode “até” optar pelo homossexualismo ou bissexualismo. Com o uso do “até”, a participante 1 deixa clara a evolução dos efeitos negativos decorridos com o ato da adoção. Nessa sequência, também pode-se perceber o caminho para uma argumentação não mais pautada no senso comum, mas com uma assunção da responsabilidade do que se quer dizer, o que caracteriza um argumento de maior autoria. Esse encadeamento de maior pessoalidade da argumentação é visto no último trecho de seu enunciado.

( j ) “Ah! Esse assunto é muito relativo. Mas os filhos só devem ser entregues àqueles que podem tê-los. Ou seja, homossexuais, pelos menos homens não podem gerar, logo – sendo radical – não podem criá-los. É o que eu acho.”

Mesmo iniciando como uma atenuação na argumentação ao afirmar que o assunto é relativo, a participante apresenta um discurso próprio, aquele tipo de argumento que Perelman<sup>80</sup> admite que veicula maior força na reprodução persuasiva. Para isso, ela introduz esse argumento de maior autoria com um operador de oposição, na tentativa de negar aquilo que ela havia admitido como “relativo”. Com o argumento de que filhos só podem ser adotados por aqueles que podem tê-los, a participante faz uso da argumetatividade conforme Perelman acreditava: a persuasão ocorre com jogos discursivos que não se restringem apenas ao logicismo, mas pode fazer uso dele para mexer com os espíritos.

É possível perceber, com a primeira participação no *E-fórum*, diversos mecanismos para orientação argumentativa. A situação do ambiente virtual favorece a exposição de sua verdade, mesmo consciente de estar se dirigindo a um auditório universal. Poder-se-ia pensar que o mesmo ocorre em qualquer veículo de comunicação escrito, como a revista, o jornal, um livro. Na verdade, o que distingue o *E-fórum* desses ambientes de interação é o fascínio de uma resposta poder ser ativada quase imediatamente. Não apenas a resposta prevista numa interação em qualquer outro gênero, mas uma resposta direcionada, específica para o locutor

---

<sup>79</sup> Ducrot formula a noção de escala argumentativa quando dois ou mais argumentos seguem uma escala permitida através de um operador argumentativo.

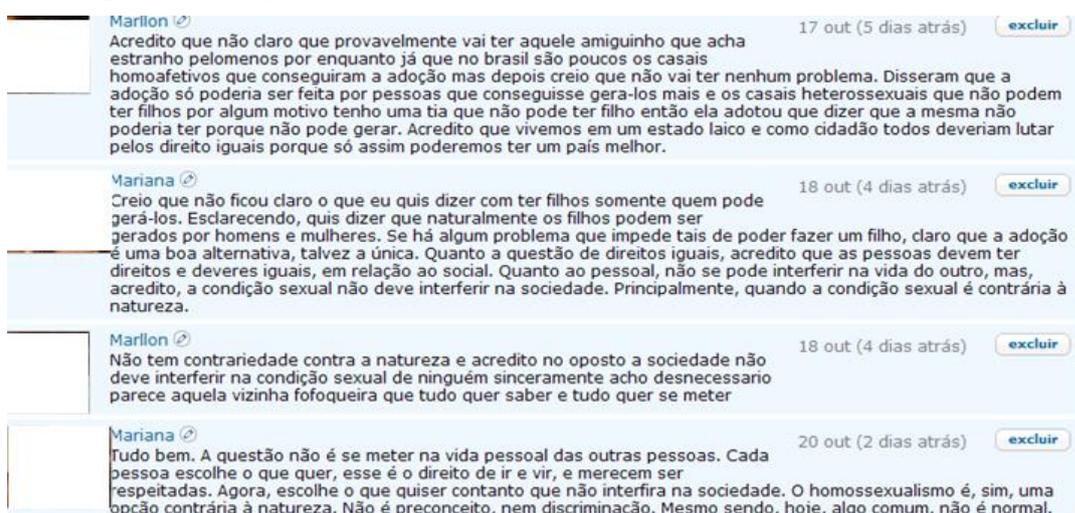
<sup>80</sup> Cf (PERELMAN, 2005, p.533)

imediatamente. Percebe-se que, quando esses jovens escrevem no *E-fórum*, vivenciam uma explosão de ideias e opiniões como exercício da verdadeira liberdade de expressão. E a expectativa de estar sendo imediatamente observado, como diz Xavier (2005, p. 35) “como se o locutor estivesse em presença ou sob o olhar do interlocutor”, provoca, entre outros fenômenos, uma empolgação e uma fluidez na argumentação, ainda que através da modalidade escrita.

#### 4.2A argumentação dialogada no *E-fórum* na modalidade escrita

Nesta seção, pretende-se continuar analisando de que forma argumentatividade é desenvolvida no *E-fórum*, enfatizando-se seu aspecto dialogal. Além disso, intenta-se avaliar a relevância da prática argumentativa nesse e-gênero predominantemente através da modalidade escrita<sup>81</sup>. É importante lembrar que um dos fenômenos motivadores para iniciação deste trabalho está relacionado às necessidades de desenvolvimento argumentativo de alunos do ensino médio através da modalidade escrita. Dessa forma, essas análises revelam o quanto a prática nesse e-gênero poderá otimizar as habilidades de argumentar através da escrita.

O texto a ser analisado a seguir corresponde à continuação do *E-fórum* investigado na seção anterior.



**Figura 10:** comentário no e-fórum da comunidade “Penso logo escrevo” do Orkut.

<sup>81</sup> Será avaliado, também, o aspecto híbrido dessa escrita e de que forma esse fenômeno pode contribuir para o processo argumentativo. Ficará perceptível, também, que esse aspecto de uma escrita diferenciada, característica do ambiente virtual, não será o marco que trará esse e-gênero mais ou menos eficaz argumentativamente, mas a prática frequente da construção da argumentação através da escrita.

Um dos aspectos mais fascinantes do gênero *E-fórum* é a interatividade, especificamente através do diálogo. Ao participar de um *E-fórum*, o sujeito admite que seus argumentos estão sendo colocados à prova, por esse motivo, aproveitam o espaço para apresentar os mais variados mecanismos argumentativos. Segundo Plantin (2008, p. 63), “a atividade argumentativa é desencadeada quando se põe em dúvida um ponto de vista”, conforme se pode constatar com a sequência de comentários seguidos após os argumentos da primeira participante. O participante 2 já inicia apresentando seu argumento contrário sobre a adoção ao responder à pergunta de abertura do tópico:

(A) Acredito que não claro que provavelmente vai ter aquele amiguinho que acha estranho pelo menos por enquanto já que no Brasil são poucos os casais homoafetivos que conseguiram a adoção mas depois creio que não vai ter nenhum problema.

O primeiro ponto a se observar no comentário do participante 2 é sua preocupação em se opor categoricamente à opinião da participante 1. Tentando não deixar espaços para contra-argumentos, ele já antecipa um ponto negativo sobre a questão: “o amiguinho que acha estranho”, mas que é imediatamente justificado por um encadeamento de justificativas: a) “pelo menos por enquanto”; b) “no Brasil são poucos os homoafetivos que conseguiram adoção”; c) “depois não vai ter nenhum problema”. Essa técnica argumentativa já fora prevista por Perelman (2005, p.228) ao mencionar que “mostrar a incompatibilidade de dois enunciados é mostrar a existência de circunstâncias que tornam inevitável a escolha entre suas teses...” Dessa forma, o participante 2 indica uma situação compatível e uma incompatível a fim de levar o auditório à conclusão por ele desejada.

O outro ponto a ser observado diz respeito à organização da linguagem utilizada pelo participante 2. Na verdade, a linguagem empregada nos *E-fóruns* é, normalmente, despojada, sem preocupação estrutural ou formal. Nessa primeira parte do seu comentário, não se pode identificar necessariamente uma escrita híbrida, comum à escrita em alguns gêneros do ambiente virtual. Percebemos apenas a ausência de pontuação que, a princípio, poderia interferir na compreensão, mas o sentido pretendido é imediatamente resgatado pelo contexto discursivo. Esse aspecto torna-se um dos motivos de adesão, de participação, de contribuição argumentativa por muitos jovens no *E-fórum*, ainda que através da modalidade escrita.

Na continuação da construção argumentativa do participante 2, vê-se a força do aspecto dialogal do *E-fórum*. Ele responde diretamente a um dos argumentos principais da participante 1.

(B) Disseram que a adoção só poderia ser feita por pessoas que conseguisse gerá-los mais e os casais heterossexuais que não conseguiram ter filhos por algum motivo tenho uma tia que não pode ter filho então ela adotou que dizer que a mesma não pode ter porque não pode gerar.

A primeira estratégia argumentativa do participante 2, com essa réplica, é referir-se ao seu interlocutor de forma distante e indeterminada ao usar a expressão verbal “disseram”. O *E-fórum* permite que cada participante visualize seus interlocutores imediatos, mas a opção pelo distanciamento coloca os argumentos apresentados em um grau hierarquicamente superior. Aquilo que “disseram” evidentemente não tem o mesmo valor do argumento realizado por um falante identificado. De novo, o participante usa a técnica das **teses compatíveis e incompatíveis** ao repetir a tese da participante 2 e, em seguida, apresentar seu contra-argumento: “e os casais heterossexuais que não conseguiram ter filhos...”

Esse embate fortalece a hipótese de que, se o *E-fórum* é predominantemente dialogal, ocorre exatamente o que Plantin (p.64) afirma: “Essa situação interacional obriga o interlocutor a argumentar, isto é, a desenvolver um discurso de justificativa. Nessa tentativa de desenvolver a justificativa, o participante 2 introduz a técnica da exemplificação<sup>82</sup>, ao mencionar o caso da tia. Muitas vezes os exemplos são considerados de muito valor argumentativo, embora, neste caso, tenha servido apenas para fortalecer o contra-argumento, muito mais do que usar o exemplo como elemento persuasivo. O participante 2 apresentou uma réplica baseada em um dos pontos expostos pela participante 1, o qual ele considerou mais vulnerável. Não se pode deixar de constatar que ele fez uso de uma relação de conclusão baseada na lógica formal: se quem não pode gerar não pode adotar, logo casais heterossexuais incapacitados de gerar filhos também não podem adotar. Como foi sempre defendido neste trabalho e como as teorias modernas da argumentação também defendem, não se podem admitir as mais variadas formas de argumentação, negando o valor persuasivo dos argumentos lógicos. Na verdade, os exemplos apresentados, nessa apresentação dialogal, indicam que as técnicas argumentativas

---

<sup>82</sup> Tratar-se-á da técnica argumentativa da exemplificação mais especificamente em textos posteriores.

vão surgindo no processo enunciativo. São as exigências argumentativas do outro que permitem a escolha desta ou daquela forma para persuasão.

O participante 2, após o contra-argumento, faz uso de um fenômeno argumentativo explorado pelas teorias da argumentação modernas: o efeito polifônico<sup>83</sup> no discurso. Entre várias concepções sobre polifonia, Koch (2008, p.140) parafraseia Ducrot e Vogt, afirmando que ela “pode ser definida como a incorporação que o locutor faz ao seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores...”. Esse fenômeno é possível identificar no fragmento da fala do participante 2 a seguir.

(C) Acredito que vivemos em um estado laico e como cidadão todos deveriam lutar pelos direito iguais porque só assim poderemos ter um país melhor.

A informação sobre o fato de vivermos “em um estado laico” é a voz trazida pelo participante 2 para ancorar seu argumento. Presumidamente, ele busca no texto da Constituição brasileira a indicação implícita de não se poder apoiar em argumentos religiosos, por exemplo, para não se querer a adoção por homossexuais. A outra voz utilizada diz respeito aos “direitos iguais”, também uma informação garantida pela Constituição brasileira. Isso se configura um efeito polifônico na argumentação, visto que o orador inseriu um discurso oficial no seu próprio discurso, visando influenciar definitivamente seu auditório no embate estabelecido. Vê-se que, no *E-fórum*, a discussão acontece como se os interlocutores estivessem face a face. Percebe-se uma comoção na linguagem através da linguagem escrita, como se fosse uma discussão oral. Se Sautchuk (2003, p. 4) já se referia ao texto escrito como “resultado de uma co-ação, um produto da atuação ininterrupta e alternada de um ser que escreve e lê, lê e escreve”, esse fenômeno, no *E-fórum*, apresenta um caráter de uma atuação ainda mais imediata.

A discussão no *E-fórum*, sobre o mesmo tema, vai se tornar ainda mais acirrada, com outros contra-argumentos, com a melhor organização dos mesmos argumentos, atribuindo ao gênero uma característica peculiar: a possibilidade de

---

<sup>83</sup> Será considerado aqui o conceito de polifonia de Ducrot (1987), que, mesmo baseado nos autores como Bakhtine e Banfield, formulou sua própria noção de polifonia, postulando que um determinado enunciado pode comportar várias vozes a fim de completar a influência pretendida sobre o outro.

burilar os argumentos através de um diálogo escrito, como se vê na continuação do *E-fórum*, com a réplica da participante 1.

(D) Creio que não ficou claro o que eu quis dizer com ter filhos somente quem pode gerá-los.

O início da réplica deixa bem claro que a participante1 pretende melhorar, ou seja, pretende reorganizar seu argumento. Nesse ambiente virtual, é possível essa resposta imediata através da escrita. Ainda que no *E-fórum* a continuidade de uma discussão possa não acontecer quase simultaneamente, a sensação é de que a resposta é imediata. A participante1 reelabora sua argumentação, buscando persuadir o seu interlocutor como se estivesse no mesmo momento da enunciação. Fica estabelecido, neste momento, não mais um discurso para um auditório universal, mas para um auditório particular, em que se desenvolve a argumentatividade no processo enunciativo, com a diferença de que há um auditório universal participando, sem um envolvimento direto, pelo menos por um tempo. Com a reorganização do discurso, a participante 1 afirma:

(E) Esclarecendo, quis dizer que naturalmente os filhos podem ser gerados por homens e mulheres. Se há algum problema que impede tais de poder fazer um filho, claro que a adoção é uma boa alternativa, talvez a única.

A participante 1 procura deixar claro que o que considera “natural” é a relação entre homens e mulheres. A escolha da expressão “naturalmente” orienta para uma conclusão definitiva de que: se não for entre homens e mulheres, não se aplica a ideia de adoção. A participante 1 faz uso de uma forma de persuadir defendida por Perelman (p.534) ao imaginar que sua re-elaboração estará tornando seu “discurso mais eficaz, podendo surpreender o orador e influenciar-lhe a argumentação subsequente.” Ao deixar claro que só se referia a heterossexuais, reitera a importância da adoção como uma única solução. A participante 1 parece ignorar completamente a tese defendida pelo participante 2, que considera também natural um envolvimento entre homossexuais. Como o participante 2 inseriu no seu discurso a voz da constituição ao falar em “direitos iguais”, a participante 1 insere também essa voz como apoio a sua tese, conforme vemos, a seguir, na continuação do seu discurso.

(F) Quanto a questão dos direitos iguais. acredito que as pessoas devem ter direitos e deveres iguais, em relação ao social.

A participante 1 utiliza-se da mesma voz inserida no discurso do participante 2 para conduzir a conclusões diferentes. Antes de direcionar seus argumentos, ela acrescenta o elemento “deveres”, termo legitimamente pertencente ao texto da constituinte. A inserção do termo desempenha um papel argumentativo importante em relação à intenção pretendida: apresentar a garantia dos direitos em relação “ao social”. É necessário, no entanto, a interpretação correta do termo “social” permitida pelo discurso da participante 1. Perelman (2005, p. 136) defende que a interpretação dos dados é fator relevante para o sucesso de uma argumentação. Sabe-se, também, que a interpretação adequada ocorrerá através do envolvimento dos termos na sequência argumentativa, sem a qual nenhum sentido será construído fielmente.

Pelo encadeamento discursivo da participante 1, é possível definir que o termo “social” a qual se refere não se trata das mesmas questões defendidas pelo participante 2. Para este, o “social” corresponde também às relações pessoais, para aquela, todas as necessidades de um cidadão, menos o aspecto de relações pessoais. Pode se chegar a essa conclusão, com a orientação permitida pela continuação do discurso da participante 1.

(G) Quanto ao pessoal, não se pode interferir na vida do outro, mas, acredito, a condição sexual não pode interferir na sociedade. Principalmente quando a condição sexual é contrária à natureza.

Com esse enunciado, a participante 1 apresenta três argumentos: a) todos são livres para fazer o que quiser da vida pessoal; (b) as escolhas sexuais não podem determinar as regras da sociedade; c) o homossexualismo é uma escolha contrária à natureza. A expressão “principalmente” introduz um mecanismo argumentativo tratado por Perelman de “argumento de hierarquia”, em que os termos usados na argumentação deveriam ocupar lugar de preferência a outro. Quando a participante 1 chega à conclusão pretendida asseverando “principalmente quando a condição sexual é contrária à natureza”, ela coloca esse argumento como uma justificativa principal em relação a todas as premissas apresentadas anteriormente.

O debate permanece entre os dois participantes. A necessidade de cada um de sobrepujar o argumento do outro torna-se um desafio e faz desse ambiente do *E-fórum* ainda mais desafiador. Os participantes usam o argumento do outro para reelaborar novos argumentos, lembrando os embates que ocorrem em uma

conversação face a face. Como afirma Plantin (p. 68) “episódios de divergência conversacional caracterizam-se por sua ocorrência não planejada; seu desenrolar igualmente não planejado...” Sabendo-se que, no *E-fórum*, haveria possibilidade de um planejamento para a apresentação dos argumentos contrários, todavia, não é bem assim que ocorre. Percebe-se que cada vez que o participante se depara com um novo argumento contrário ao seu, ainda que com espaço de um dia<sup>84</sup> ou mais, a resposta será escrita com o mesmo entusiasmo de uma interação simultânea. Dessa forma, o participante 2 retoma a palavra, estabelecendo maior vigor na interação, em busca de contrapor aos argumentos basilares da participante 1.

(H) Não tem contrariedade contra a natureza

O participante 2, categoricamente, nega o argumento da participante 1. Sem uso de provas concretas ou quaisquer silogismos, ambos os participantes colocam na arena da argumentação dois pontos-de-vista antagônicos: homossexualismo é ou não contrário à natureza. Esse foi o *topos* para se chegar à conclusão sobre a tese defendida: a adoção de crianças por homossexuais. Após a negação direta, o participante 2 continua:

(I) ... e acredito no oposto a sociedade não deve interferir na condição sexual de ninguém...

Reiterando o que já foi dito, os participantes baseiam seus argumentos em suas crenças, não em aspectos lógicos, racionais. O processo argumentativo de ambos os duelistas estão mais baseados na **estrutura do real**, sobre o qual Perelman postula que aqueles que se valem dela procura “estabelecer uma solidariedade entre os juízos e outros que se procura promover”. O que se vê nesse duelo no *E-fórum* entre os participantes 1 e 2 são juízos de valor diferentes, e ambos tentando persuadir um ao outro sobre sua tese. Nesse último fragmento, o participante 2 atinge mais um argumento de seu oponente. Ao usar o termo “sociedade”, da mesma forma que a participante 1, está atribuindo o sentido institucional. A sociedade não interferir na condição sexual significa não se estabelecer leis, como adoção, de acordo com as escolhas sexuais.

Tem-se, no *E-fórum* a riqueza de jogos argumentativos, com o uso das possibilidades simbólicas promovidas pela linguagem, com os implícitos e pressupostos negociados dentro do processo enunciativo. A riqueza desse embate

---

<sup>84</sup> Conforme pode ser visualizado na figura 3, tem-se um controle do momento em que cada comentário foi postado no e-fórum. e alguns deles aconteceram pelo menos um dia depois.

argumentativo não é notória apenas porque está sob análise. Os participantes como co-produtores dessa construção argumentativa sabem exatamente aonde o outro quer chegar e vão desconstruindo a argumentação um do outro para promover a adesão do seu oponente. É importante reiterar que essa efusão de argumentos e contra-argumentos se realiza pela escrita. A reiteração neste ponto se dá pelo fato de se reconhecer a dificuldade que falantes de uma língua têm em argumentar através da escrita<sup>85</sup>, especificamente em gêneros propostos no ambiente escolar, quando desvinculados das condições de produção necessárias à construção de qualquer gênero, e essa dificuldade não se evidencia no *E-fórum*.

Para concluir sua réplica, o participante 2 faz uso de uma técnica a qual Perelman define como **argumento por analogia**, conforme pode-se conferir a seguir.

(J) ...parece aquela vizinha fofoqueira que tudo quer saber e tudo quer se meter.

Embora alguns estudiosos considerem a analogia um fenômeno sem muita força argumentativa, por não estar diretamente ligada a fatos probatórios, Perelman (p. 423) defende seu valor por considerar que o orador faz uso das semelhanças de estruturas para que, em um processo de dedução, o interlocutor possa entender melhor a conclusão a que se quer chegar com o argumento. Evidentemente, deverá haver uma negociação cognitiva entre os participantes para que a analogia cumpra seu papel com eficácia. A analogia usada pelo participante 2, com um certo tom jocoso, alude à sociedade que quer determinar certas regras sociais de acordo com as escolhas individuais do cidadão. A analogia é de tal forma bem compreendida pela participante 1 que permite a seguinte réplica:

(K) (...) a questão não é se meter na vida das outras pessoas. Cada pessoa escolhe o que quer, esse é o direito de ir e vir, e merecem ser respeitadas.

A participante 1 entendeu a analogia, mas não foi persuadida pelo seu duelista. Ao iniciar com a expressão “a questão não é”, ela já direciona seu argumento para negação de todo o discurso apresentado. Ela continua com a técnica de usar o mesmo argumento do oponente para direcionar a conclusões

---

<sup>85</sup> Como Sautchuk (2003, p. 18) afirma: “O fato de o código escrito ser adquirido e de não gozar de uma prioridade histórica ou estrutural implica o *input* de um variado e extenso conjunto de conhecimentos e de habilidades por parte do escritor.”

diferentes. Ao usar mais uma vez a “voz” da Constituição (“esse é o direito de ir e vir”) parece estar entrando no jogo do oponente e está aderindo a sua tese. Entretanto, o direcionamento que deseja dar com seu enunciado é identificado no encadeamento enunciativo:

(L) Agora, escolhe o que quiser contanto que não interfira na sociedade. O homossexualismo é, sim, uma opção contrária à natureza. Não é preconceito, nem discriminação. Mesmo sendo, hoje, algo comum, não é normal.

A participante 1 apresenta, com o operador argumentativo “agora”<sup>86</sup>, o que Koch (p. 131), baseada em Ducrot (1976), afirma ser “dois atos de linguagem diferentes.” Se a participante 1 havia dado início a um enunciado em uma direção (confirmando os direitos do cidadão), com o emprego do operador “agora”, ela encaminha o enunciado a outra direção: “contanto que não interfira na sociedade.” A liberdade pregada no enunciado anterior é limitada pela expressão “contanto”, isto é, seja livre, mas sua liberdade não pode interferir na harmonia da sociedade. Lembrando que ambos os participantes usam o termo “sociedade” no sentido de uma instituição regida por leis. Sua manifestação de que o participante 2 não conseguiu a “adesão de seu espírito a sua tese” fica mais contundente na sua declaração posterior:

“O homossexualismo é, sim, uma ação contrária à natureza.”

A participante 1 faz uma escolha discursivamente relevante para fortalecer sua intenção argumentativa: acrescenta a expressão “sim”, entre vírgulas – enfatizando seu ponto de vista – empregando na palavra uma força de categorização de sua ‘verdade’. Até então, essa verdade havia sido declarada com expressões atenuadoras como “acredito”, “creio”, imputando à argumentação um caráter mais pessoal, individual. Com esse novo enunciado, percebe-se uma tentativa de fechar o círculo do debate de forma mais incisiva. O tom proferido com esse enunciado é de uma verdade inquestionável. E, numa tentativa de “preservação da face”<sup>87</sup>, a participante 1 assevera:

<sup>86</sup> O termo deslocado do processo enunciativo pertence à classe dos advérbios, mas funciona, neste contexto como uma conjunção opositiva. Embora não caiba aqui uma preocupação de caráter gramatical, a explicação se faz necessária apenas para a constatação de que, nas práticas enunciativas, as palavras adquirem função muito além das taxonomias tradicionais.

<sup>87</sup> A expressão “preservação da face” é originada da teoria da polidez derivado dos trabalhos de Goffman (1967), difundidos, entre muitas fontes, por Victoria Wilson em seu trabalho **Motivações Pragmáticas**.

“Não é preconceito nem discriminação.”

Ela determina que a verdade proferida não é resultado de uma concepção pessoal. É uma constatação tão absoluta que ela tenta desvincular de um caráter preconceituoso, portanto consensual. Para completar com esse aspecto inquestionável que ela tenta construir com a sequência argumentativa, ela conclui:

“Mesmo sendo, hoje, algo comum, não é normal.”

A participante 1 tenta desvincular dois conceitos similares: “o comum” e “o normal”. A dissociação, o caráter opositivo entre os dois termos é possível com o uso de mais um operador argumentativo: “mesmo”. Com essa ideia de oposição estabelecida, à expressão “comum” é imposto o sentido de que “é corriqueiro”, “muitos têm aderido”. Enquanto à expressão “normal” atribui-se o valor de “natural”, de “humanamente possível”.

A figura a seguir representa o embate final dessa discussão entre participante 1 e participante 2 sobre o tema “Adoção por homossexuais”. Será mostrado na íntegra todo o processo discursivo, entretanto, serão analisadas apenas algumas estratégias argumentativas utilizadas por ambos. A seleção se faz necessária por uma questão didático-metodológica, principalmente para atender os aspectos sobre argumentação previstos nos estudos anteriormente apresentados.

Marion 21 out [excluir](#)

Como assim não interferir na sociedade eu não sabia que lutar por justiça e igualdade era interferir na sociedade alias até é mas é uma luta pelo bem que todos cidadão de bem deveria lutar. Quanto a Homossexualidade não consigo achar contrária à natureza qual é o problema de duas pessoas que se amam quererem ficar juntos se existe até animais que são homossexuais e por curiosidade porque vc acha que é contrario a natureza?. Antigamente sim era algo comum já que os jovens começavam seus relacionamentos com os seus mestres e a grande maioria dos guerreiros tinham seus namoros com pessoas do mesmo sexo hoje em dia é um pouco mais aceitavel mas o preconceito ainda existe não sejamos hipocritas quanto ao opção tenho um amigo que estudou comigo des da minha primeira escola e sempre demonstrou ser um pouco mais afeminado e nunca sofreu preconceito até se assumir hoje quando passa na rua as pessoas ficam gritando quando estou por perto ainda o defendo e os gritos acabam logo mas sempre tem uma pessoa que vem perguntar o porque eu sou amigo dele e sempre respondo porque ele tem carater etica ,educação e é super inteligente conheço outro caso de um menino de doze anos que é claramente homossexual des de pequeno p sempre demonstrou pelas suas attitude e sempre levou varia porradas da mãe teve uma vez que pensei em ligar par a policia para vc ter noção de como ele apanhou e mesmo assim nunca mudou ou seja ele nasceu assim. Quanto as crianças no meu ponto de vista a homossexualidade é tão normal quanto a heterossexualidade e sinceramente o que vc acha melhor uma criança ser criada na rua ou em um orfanato ou por homossexuais que podem lhe oferecer carinho , amor e um futuro isso fica a critério de cada ser humano.

Mariana 26 out (6 dias atrás) [excluir](#)

Estudando Biologia é possível entender o que é natural ou não. Acho que estamos no tópico errado, o de homossexualismo é outro. Hipocresia é defender a liberdade de expressão e não praticá-la. Hipocresia é tachar de racista alguém que usa uma camisa "100% branco" ou "orgulho branco" enquanto quem usa uma "100% negro" ou "orgulho negro" é simplesmente glorificado. Hipocresia é considerar o homossexualismo natural enquanto a pedofilia é considerada crime ou distúrbio. Natural: Aquilo que provém da natureza. Sendo muito clara, uma mulher e um homem se encaixam naturalmente. A vagina da mulher é naturalmente moldada para o pênis do homem. Ao contrário do ânus. Preciso ser mais clara? Desrespeito é ser considerado preconceituoso por defender a sexualidade. Nunca houve constatação de que o homossexualismo é um fator genético, por tanto, não tem essa de que o indivíduo nasce gay. Tenho colegas gays, não sou preconceituosa, já disse. Sou contra a homossexualidade e SEI MUITO BEM respeitar homossexuais. Concluo por aqui. Cansei.

Marllon 26 out (6 dias atrás) [excluir](#)

Mariana primeiramente vou te pedir desculpas se te ofendi sinceramente eu acho que não e nem te chamei de preconceituosa vivemos em um país semi democratico até agora só fiz defender a minha tese como vc fez também o mesmo e realmente nós dois distorcemos o assunto inicial apesar de ter sido falado por nós dois mas de uma forma bem superficial mas mesmo assim fica aqui o meu pedido de desculpas para a professora Anelilde, também. Mariana desculpa te dizer mais pedofilia e homossexualidade não tem nada haver uma coisa com a outra até porque existe varios heteros pedofilos e alias pedofilia é um distúrbio por se tratar de uma criança. Quanto o natural é aquilo que provém da natureza duas mulheres e dois homens provém da natureza só não falo como eles se encaixam porque acho que todos devem saber e não quero disvirtuar mais ainda o assunto inicial. Quanto se é Biológico ou não eu vou continuar acreditando que é por ter visto de perto esses dois casos acredito que nisso vc não vai mudar a minha opinião e nem eu a sua. Quero deixar claro que em nenhum momento te chamei de preconceitosa até porque eu quero dialogar e não brigar e não te conheço e não sou ninguém para te julgar se vc cansou desculpa mas não posso fazer NADA.

Figura 11: página de discussão do fórum da comunidade “Penso logo escrevo” do Orkut.

O interessante, argumentativamente, do comentário do participante 2 é que ele se vê pressionado pelos argumentos da participante 1 a desqualificar seus argumentos basilares: de que as questões do homossexualismo são questões legitimamente sociais; e de que o homossexualismo é o fenômeno natural, portanto normal. Para isso, o participante 2 questiona:

(A) ...eu não sabia que lutar por justiça e igualdade era interferir na sociedade aliás até é mas é uma luta pelo bem que todos cidadão de bem deveria lutar.

Para o participante 2, a luta pelos direitos dos homossexuais é uma luta legitimamente social. Ao se referir em “interferir na sociedade”, a expressão adquire agora um sentido pejorativo, de prejudicar a sociedade. Com o operador argumentativo “aliás” ele evoca a uma oposição com indução a um argumento hierarquicamente superior: “todo cidadão de bem deveria lutar”. Numa análise de pressuposição de acordo com Ducrot, os encaminhamentos argumentativos são os seguintes: se quem luta por tal direito é um cidadão de bem, quem não luta não é um cidadão de bem.

Na sequência seguinte, o participante 2 tenta derrubar o argumento em relação à naturalidade do homossexualismo.

(B) ... porque vc acha que é contrário à natureza? Antigamente sim era algo comum já que os jovens começavam seus relacionamentos com seus mestres e a grande maioria dos guerreiros tinham seus namoros com pessoas do mesmo sexo.

A força argumentativa presente em uma discussão do *E-fórum* é evidente porque, durante a discussão e durante a apresentação de cada novo argumento, o participante se vê obrigado a buscar estratégias cada vez menos lógica, com maior grau de complexidade. Acredita-se que argumentos banais não terão força para derrubar as assertivas cada vez melhor elaboradas. No fragmento acima, por exemplo, o participante 2 precisa defender a ideia de que a prática homossexual não é contrária à natureza. Antes disso, rebate a afirmação de sua oponente de que “hoje é comum.” Negar simplesmente isso não surtiria o efeito argumentativo desejado. Ele usa, mais uma vez, o mecanismo da argumentação polifônica, ao introduzir a “voz” da história da humanidade. Essa alusão histórica, sem dúvida, enriquece a força persuasiva do discurso do participante 2. Mesmo considerando que suas informações não apresentam dados específicos, sabe-se que o relato histórico que ele traz é legítimo.

Como é objetivo deste trabalho constatar o crescimento de práticas argumentativas no *E-fórum*, mostrando que esse ambiente favorece a argumentatividade, fica notório, então, que a busca por argumentos mais fortes, mais persuasivos é uma prática permitida pelas exigências do próprio e-gênero. Esse fenômeno fez com que o participante 2 tentasse atingir os argumentos da oponente com recursos argumentativos superiores. É um processo cognitivo relevante, inclusive, para outras práticas discursivas na modalidade escrita.

O participante 2, então, procura chegar à conclusão desejada: provar que a adoção por homossexuais precisa ser aceitável, para isso, conclui:

(C) ... o que vc acha melhor uma criança ser criada na rua ou em um orfanato ou por homossexuais que podem lhe oferecer carinho, amor e um futuro...

A tentativa de persuasão, com essa fala, apela para a emoção do ouvinte. Aristóteles, ao avaliar as formas de persuasão de acordo com as características do ouvinte, fala em Virtude, o Nobre, elementos que constroem um caráter de generosidade de um cidadão. Aristóteles (p. 51) define Virtude como “uma faculdade de dar e preservar coisas boas”. É essa faculdade esperada pelo participante 2 em relação à sociedade quanto ao caso em discussão. Na concepção do participante 2, que cidadão generoso, nobre poderia preferir ver uma criança na rua a estar sobre proteção e carinho?

A réplica da participante 1 vem a seguir. Como já fora observado, os comentários não são postados imediatamente. Essa próxima resposta, por exemplo, foi enviada cinco dias depois, mas a sensação é de que estamos presenciando um debate efusivo, caloroso, em um vai-e-vem de argumentos simultâneos. Essa é uma característica do *E-fórum*. Seus novos argumentos revelam bem isso.

(D) Estudando biologia é possível entender o que é natural ou não. (...) Hipocrisia é considerar homossexualismo natural enquanto pedofilia é crime ou distúrbio. (...) não sou preconceituosa. Sou contra a homossexualidade e sei MUITO BEM respeitar homossexuais. Concluo por aqui. Cansei.

Nesse momento, a participante 1 chega, de fato, ao final de seu embate. Sua conclusão focaliza três pontos: o primeiro ponto é a sobre a prova científica da não naturalidade do homossexualismo. Para isso usa a “voz” da biologia, para tentar atribuir um caráter de mais credibilidade ao seu argumento. O segundo ponto diz respeito à “hipocrisia”, induzindo o ouvinte a achar hipócrita todo aquele que defende certas igualdades. Deixa, portanto, implícito, no seu discurso, uma tentativa de atingir o caráter de seu oponente. O terceiro ponto corresponde ao preconceito.

Reitera que afirmar ser contra o homossexualismo não significa ser preconceituosa. A ênfase a esse argumento é dado com a expressão em caixa alta: “MUITO BEM”. A participante 1 não quer, absolutamente, que se confunda uma crença com preconceito. Ela percebe que a discussão não é mais uma tentativa de persuadir, ou seja, de mudar o ponto de vista do outro, mas tornou-se uma oportunidade desafiadora de apresentar as mais variadas formas argumentativas. Ao concluir com a expressão “cansei”, a participante 1 revela o fim de seus esforços cognitivos no processo argumentativo. O tom da participante 1 instigou uma outra reação no participante 2, que responde em um tom diferente.

(E) (...) vou te pedir de desculpas se te ofendi,(...) eu acho que não te chamei de preconceituosa. (...) até agora só fiz defender a minha tese como você também fez.

Fica muito claro, com a tentativa de desculpas do participante 2, que ele entendeu o tom mais ‘agressivo’ da participante 1. Ele percebe, também, que, durante a discussão, havia teses diferentes e cada um tentou defendê-la usando as melhores estratégias possíveis. Mesmo assim, o participante 2 viu alguns pontos, no último enunciado da participante 1, que precisam ser esclarecidos, e apresenta as seguintes réplicas:

(F) Pedofilia e homossexualidade não tem nada haver uma coisa com a outra; até porque existe vários heteros pedófilos (...) Natural é aquilo que provém da natureza: duas mulheres e dois homens provém da natureza;

Segundo Perelman (p. 304) “a partir do momento em que uma ligação *fato-consequência* é constatada, a argumentação se torna válida, (...)”. O participante 2, ao negar o argumento sobre pedofilia traz um fato e uma consequência. Explicando melhor: se existem vários héteros pedófilos, conseqüentemente, não há uma relação direta entre pedofilia e homossexualismo. Para Aristóteles, ambos os argumentos pertencem a um raciocínio lógico. No segundo contra-argumento, por exemplo, ele afirma: se natural é o que provém da natureza, logo, duas mulheres e dois homens provêm da natureza..

Seja qual for o olhar sobre o processo argumentativo, o fato é que dois adolescentes<sup>88</sup> participaram de um *E-fórum* do *Orkut* com uma variação argumentativa rica e consistente. O fato de estarem apoiados na modalidade escrita para desenvolver a argumentação não foi, em absoluto, empecilho para permanecer

<sup>88</sup> Pode-se garantir a faixa etária dos participantes, tendo em vista, como já foi explicado, se tratar de uma comunidade desenvolvida para fins didáticos, tendo-se, razoavelmente, um controle de quem participa.

no embate ou reelaborar outras estratégias argumentativas. Por se tratar de um gênero usado em situações pouco formais, o *E-fórum* permite uma escrita livre sem monitoramento, determinando, assim, o aspecto livre da exposição das ideias. A construção textual dos participantes 1 e 2 apresenta alguns deslizes quanto ao registro formal da língua, entretanto, se o olhar for direcionado à força argumentativa presente no discurso de ambos os participantes, não se poderá negar a riqueza desse ambiente para o desenvolvimento das práticas argumentativas.

Na próxima seção, outros tópicos temáticos serão abordados, dessa vez não sob uma análise dialógica do *E-fórum*, mas para dimensionar os níveis argumentativos apresentados nesse e-gênero.

#### **4.3O efeito argumentativo das multissemioses no *E-fórum***

Com o advento da Internet, com o surgimento de gêneros digitais<sup>89</sup>, muitos estudos têm se desenvolvido a respeito da linguagem utilizada nesse ambiente. Uma linguagem que tem como base a modalidade escrita, que é permeada por inúmeras possibilidades linguísticas, permitidas pela ferramenta computacional. Evidentemente que não se está falando de todos os gêneros do ambiente virtual, mas aqueles que permitem certa informalidade, mais espontaneidade nas práticas discursivas.

O gênero *E-fórum* em estudo ocorre em um contexto não formal, cuja linguagem escrita não é monitorada, cujo objetivo principal é apresentação do ponto de vista de cada locutor acerca de algum tópico, tentando persuadir os participantes de uma comunidade. Desta feita, os jogos argumentativos são mais variados, e os usos linguísticos ultrapassam as possibilidades previstas na modalidade escrita de muitos gêneros não-virtuais. É possível perceber, portanto, que o conjunto de signos linguísticos é variado e as semioses presentes permitem outras possibilidades argumentativas. São tantas as possibilidades de construção de sentido que é pertinente identificar que ocorre nesse e-gênero um efeito multissemiótico. De acordo com Xavier (2004, p.175) multissemiose pode ser definida como “diferentes

---

<sup>89</sup> Está se considerando aqui gêneros novos e gênero que passaram pelo fenômeno da transmutação de gêneros, conforme já mencionado neste trabalho.

aportes sígnicos e sensoriais numa mesma superfície de leitura.” No *E-fórum*, é possível identificar algumas formas de argumentar, que envolvem aspectos sonoros, visuais e outras possibilidades de construção do sentido.

Entende-se, conforme Ducrot, Perelman, Koch e outros teóricos da argumentação que, em todo discurso, há uma intenção argumentativa. Enfim, todo enunciado proferido é argumentativo. Quando Ducrot (1987, p. 174) afirma que “o sentido é uma qualificação da enunciação, e consiste notadamente em atribuir à enunciação certos **poderes**<sup>90</sup> ou certas consequências.”, está considerando que as escolhas na linguagem para formar um enunciado possui um poder argumentativo. Entende-se, nas análises do gênero *E-fórum*, que essas escolhas passam por negociações de símbolos e imagens que, se não argumentam por si só, permitem o fortalecimentos das intenções persuasivas.

Diante dessa constatação, esta seção apresentará alguns fragmentos do *E-fórum*, em que os participantes farão uso de elementos semióticos das seguintes naturezas: a) símbolos formados pela reconfiguração dos itens do teclado e b) o uso de *links* como fortalecimento argumentativo. Os usos sonoros e de outras imagens não serão possíveis serem constatados, dada a natureza de apresentação deste trabalho, mas poderá ser visualizado se for acessado quaisquer *sites* sugeridos no tópicos comentados nas imagens visualizadas a seguir.

## CRIME NA PARADA GAY

Início > Comunidades > Outros > Penso logo escrevo > Fórum: > CRIME NA PARADA GAY

mostrando 1-9 de 9

primeira | < anterior | próxima > | última

**anelilde** 15/06/09 [excluir](#)

**CRIME NA PARADA GAY**

O que faz um ser humano se achar tão superior ao outro a ponto de atentar contra a vida do próximo, por motivos tão efêmeros que o descaracteriza como SER humano?

---

**Mariana** 15/06/09 [excluir](#)

Ser homossexual, mesmo que eu considere absurdo, é um direito. Poder escolher seu sexo. Não apoio o homossexualismo e todas essas manifestações banais que mexem em geral com a sociedade, tendo muitas outras coisas importantes para tratar. --'

Mesmo assim, desconsidero completamente a possibilidade de fazer mal a alguém com a intenção de matar. Ainda mais a alguém que nem se quer mexeu comigo, só pelo fato de seus princípios diferirem com o meu.

Para que possamos viver em comunidade é preciso saber respeitar o próximo. Somos diferentes, de culturas diversas. E se nos julgamos 'racionalis' temos que ao menos fazer valer isso. Repugnância, aversão, admito que tenho em relação a coisas que contrariam as leis de Deus. Afinal, Deus criou Adão e Eva, e não Adão e Ivo. :P Porém isso não me faz discriminar qualquer ser-humano que seja, por suas escolhas. Acredito que a mídia força muito. Não vejo necessidade disso. Dá uma impressão de que estão querendo "se sair como santos" e até tirar um grande proveito com isso.

O correto é deixar essas questões "pessoais" - ou que pelo menos deviam ser pessoais - de lado, e tratar todos igualmente. E se, de alguma forma, a parada **gay** estiver incomodando, o mais correto a fazer é falar. :) E não machucar. :X

Afinal, somos homens ou ratos? :P Vamos agir com racionalidade pois é assim que queremos ser chamados, não é mesmo?! ;)

**Figura 12:** comentário no fórum da comunidade “Penso logo escrevo” do *Orkut*.

<sup>90</sup> Grifo nosso.

Sobre o t3pico “ Crime na parada gay”, foi utilizado apenas o coment3rio de uma participante, por ela ter feito uso de algumas semioses importantes para empoderamento de seus argumentos. O primeiro ponto que a participante deseja atingir 3 o fato de ser contra a qualquer manifesta33o sobre homossexualismo. Ao declarar:

“N3o apoio o homossexualismo e todas essas manifesta333es banais que afetam a sociedade, tendo muitas outras coisas importantes a tratar --\*”

Sobre o tema proposto, a participante n3o apresenta uma resposta direta, Ela opta por, inicialmente, mostrar o que acha do fen3meno “homossexualismo”. A escolha de antecipaa33o de assunto, j3 se apresenta como um efeito argumentativo consistente. Embora, logo a seguir, ela trate de discordar de agress33o ou de qualquer mal que se fa3a ao pr3ximo, sua inten333o maior 3 deixar claro que “essas manifesta333es s3o banais”. Se a defesa com palavras podem parecer pouco persuasiva, ela introduz um s3mbolo (--\*), formado pela ressignifica333o dos itens do teclado, que significa “isso 3bvio”, revelando total firmeza sobre sua contrariedade em rela333o 3 passeata *gay*.

No trecho abaixo essa indignaa333o fica mais evidente com algumas escolhas lexicais e com o s3mbolo utilizado, conforme veremos a seguir:

“Repugn333ncia, avess33o, admito que tenho em rela333o a coisas que contrariam as leis de Deus. Afinal, Deus criou Ad3o e Eva e n3o Ad3o e Ivo. :P

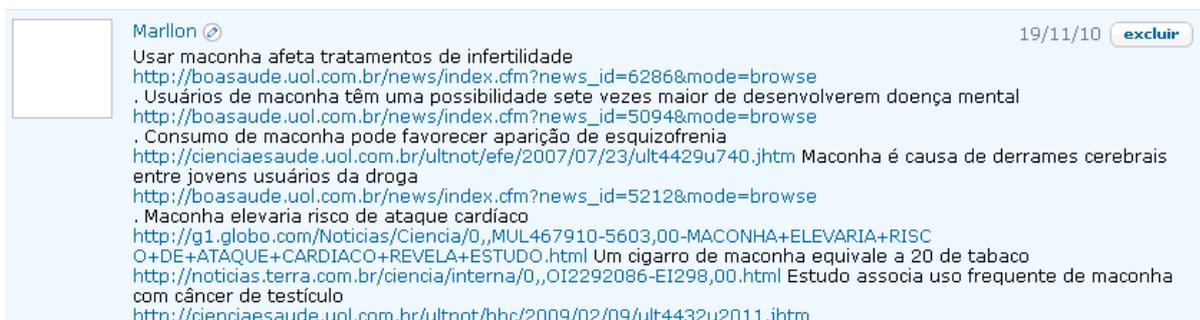
Observa-se que a inten333o da participante 3 tornar clara a sua n3o aceita333o do fen3meno. Como se n3o bastasse o uso dos termos “repugn333ncia”, “avers333o”, ela usa o s3mbolo :P, que significa o gesto de “dar l3nguas”, como refor3o para o que ela tenta argumentar como sendo algo, de fato, inaceit3vel. Para os participantes que compactuam com essas simbologias do ambiente digital, haver3 um efeito de maior for3a discursiva.

Quando a participante volta a tocar no cerne da discuss33o, que seria sobre a agress33o na parada *gay*, ela afirma:

“E, se de alguma forma, a parada *gay* estiver incomodando, o mais correto a fazer 3 falar :) e n3o machucar :X.”

O primeiro símbolo :), comumente usado, representando um aspecto facial de alegria, simpatia, neste trecho corrobora com a ideia de identificação desta participante com o uso da palavra para defender seu ponto de vista. Com este símbolo, que representa a aprovação pessoal desse tipo de manifestação, permite inferências de que ela mesma se sente incomodada com esses eventos, por isso está falando. Para sua conclusão sobre a questão da agressão, ela usa o símbolo :X, revelando que sobre força física, não há o que discutir, não há palavras necessárias para ato. A participante tenta defender que sobre atitudes de agressividades, não deveria ser preciso um ser humano falar contra, é uma questão racional.

O caráter hipertextual do *E-fórum* permite, também outras possibilidades de construção de sentido, portanto, outras estratégias argumentativas. No tópico analisado a seguir, será possível observar outras possibilidades discursivas. O tópico escolhido foi “Legalização da maconha”, e será postado apenas o comentário de um participante, pelo fato de sua estratégia discursiva ser possível, principalmente porque a hipertextualidade permite, também, a inserção de multissemoses.



**Figura 13:** *E-fórum*

O participante, após ler vários outros comentários argumentativos sobre o tema em questão, optou por fazer uso de um recurso muito utilizado nos ambientes virtuais: os *links*. No *E-fórum*, essa ferramenta se torna uma estratégia relevante para fortalecimento do efeito de persuasão. Ao fazer esta opção, ele permite que, visualmente, o leitor entenda que ali se trata de uma forma polifônica de argumentação. O formato como os links se apresentam é facilmente reconhecível pelos usuários do ambiente virtual, e essa identificação já constrói uma certa carga argumentativa. É por esse motivo que considero a presença de *links*, no *E-fórum*, como efeitos semióticos para argumentação. O interactante, conhecedor dessa

ferramenta, imediatamente reconhecerá que há algo a mais a ser dito sobre cada aspecto apresentado sobre “a maconha”.

Pode-se observar que o participante divide seus argumentos em tópicos, claramente contra a legalização, mas se exime de tecer comentários a respeito. Sua posição será fortalecida por cada texto veiculado a partir dos *links* indicados. É possível observar, também, que os *sites* indicados correspondem à saúde, o que já antecipa alguns posicionamentos acerca do tópico. Conforme a teoria de Ducrot (1987) sobre **argumento de autoridade**<sup>91</sup>, vê-se que o participante explicita, através de um recurso, de uma voz de autoridade, portanto, denota maior credibilidade. Além do mais, ao acessar esses *sites*, os interactantes poderão fazer uso de outras semioses, tornando o momento discursivo no *E-fórum* de uma grandeza argumentativa inusitada e mais ampla.

As escolhas lexicais, o uso de operadores argumentativos, todos os mecanismos possíveis na argumentação permitidos pela língua são postos em uso na produção deste gênero digital, contribuindo para o desenvolvimento da habilidade argumentativa através da escrita. Se esses mesmos participantes, em suas produções escritas no ambiente escolar, não exercitam com tanta veemência a argumentatividade, no *E-fórum* demonstraram fazê-lo com qualidade persuasiva surpreendente. A contribuição do e-gênero nas práticas discursivas está muito além do uso da língua em uma nova forma de interação. O *E-fórum*, de acordo com o corpus analisado, tem promovido um trabalho cognitivo na organização da argumentação escrita com eficiência, com desenvoltura e com um bom nível de informatividade. As consequências desse fenômeno, se ainda não são notórias como deveriam, certamente começarão a ser objetos de muitas outras pesquisas na área da argumentação, da produção textual em gêneros diversos, sobretudo nos gêneros digitais.

---

<sup>91</sup> Ducrot(p. 140) afirma que “ se utiliza de argumento de autoridade, quando ao mesmo tempo: 1. Indica que P já foi, é atualmente, ou poderia ser objeto de uma asserção; 2. Apresenta-se este fato como se valorizasse a preposição P, como se reforçasse, como se lhe juntasse um peso particular.”

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o ato de argumentar é um dos temas mais necessários e relevantes nos dias atuais. Meyer (2008), por exemplo, postula que argumentação é uma necessidade da vida social de qualquer ser humano. Uma visão que dialoga com a definição wittgensteiniana<sup>92</sup> de que a linguagem em uso é uma forma de vida. Essas concepções teórico-discursivas permearam todo o desenvolvimento deste trabalho. Pensar a relevância do desenvolvimento de práticas argumentativas, sem dúvida, foi uma das principais motivações para empreender esta investigação.

A visão de linguagem que adotamos também contribuiu para a conclusão a que este trabalho chegou em relação aos gêneros veiculados no ambiente virtual. Percebeu-se uma dinamização das potencialidades humanas em processos interativos e argumentativos. Conforme afirma Xavier (2009, p.22): “as capacidades humanas sedimentadas há anos passam a ser confrontadas com um diversificado conjunto de formas de fazer e de pensar que lhes são agora oferecidas dentro do inusitado contexto sociotécnico.”

As análises deste trabalho, guiadas pelas teorias da argumentação, permitiram perceber como o processo argumentativo faz parte das mais diversas ações humanas. Os mecanismos e técnicas argumentativas podem tornar o homem um agente mais eficaz para atingir seus propósitos interativos.

A constatação traduzida por Koch (2008, p. 15) de que “o **ato de argumentar (...)** constitui um ato linguístico fundamental, pois **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**” não apenas permitiu chegar à conclusão da relevância de investigar as manifestações da língua através do gênero *E-fórum*, como também permitiu valorizar todo e qualquer ato linguístico. Essas constatações não serviram apenas para comprovar o poder argumentativo intrínseco à linguagem humana, mas apontaram para outras investigações que podem ser realizadas com intuito de burilar as práticas argumentativas. Um exemplo, na área de Linguística Aplicada, poderá haver investigações acerca dos efeitos que a prática da argumentação no ambiente virtual tem provocado nas produções em ambiente escolar. Durante essa pesquisa, pôde-se perceber como os gêneros são, de fato, formas comunicativas com as quais o homem age na sociedade. Entende-se, portanto, por que os estudos

---

<sup>92</sup> Wittgenstein (1953)

de Bazerman sobre gêneros não se esgotam, há sempre um foco investigativo diferente que pode ser lançado sobre esse fenômeno. Se a linguagem não pode ser engessada em regras previsíveis, vê-se que os gêneros também não o poderão. E essa constatação toma uma nova dimensão ao se adentrar nos estudos sobre gêneros do ambiente virtual em nossa pesquisa.

De tal forma os estudos sobre os fenômenos manifestados no ambiente digital são instigantes e inesgotáveis que se teve uma sensação, durante toda a pesquisa, que muito mais ainda pode ser investigado, como a riqueza argumentativa dos vários e-gêneros, as formas argumentativas promovidas pelas multissemiões presentes no gêneros digitais, entre outras. Isso corrobora com a definição de Crystal (2005, p.16) sobre as práticas interativas virtuais ao declarar que o impacto que a Internet proporcionou na língua foi o mais revolucionário de todas as inovações tecnológicas. Ora, tamanho impacto certamente desencadearia mudanças relevantes nas práticas discursivas. Viu-se que, pelo menos na Linguística, os estudos<sup>93</sup> sobre os impactos provocados pela Internet na linguagem têm se preocupado predominantemente com as formas linguísticas apresentadas nesse ambiente, com os gêneros que surgiram com essa nova Era digital e com as mudanças que os gêneros sofreram ao serem utilizados no ambiente virtual.

Ficou evidente que tratar de argumentatividade de modo completo em práticas discursivas efetuadas em um ambiente fluido como a Internet foi um desafio realmente longe de se esgotado. Seria didática e metodologicamente impossível dar conta de todas as possibilidades argumentativas que o ambiente digital oferece, dado seu caráter extremamente interativo, inovador e mutável. Foi por esse motivo que esta pesquisa precisou ater-se a um e-gênero específico, de um determinado *site* de relacionamento.

Se havia a hipótese de que o gênero *E-fórum* possibilitaria um desenvolvimento argumentativo imperativo, isso não apenas ficou evidente como evocou outras constatações também relevantes. Essas evidências foram descritas sistematicamente na pesquisa, que revelou manobras discursivas, com re-elaboração dos argumentos para tornar mais eficaz a intenção argumentativa.

---

<sup>93</sup> Esses estudos foram e continuam sendo desenvolvidos por muitos pesquisadores na área de hipertexto, como Xavier, Araújo, Crystal, Pierre Levy, só para citar alguns.

Tais manobras foram realizadas devido ao aspecto dialogal do *E-fórum*, que permite, através da escrita, a reorganização do pensamento em resposta às exigências estabelecidas no processo enunciativo. É evidente que reorganizar o pensamento para se fazer mais claro ou para buscar argumentos mais consistentes não é uma novidade para os modelos interacionais da língua. Entretanto, esse fenômeno poder se realizar com mais frequência, por jovens cujas práticas de produção escrita no ambiente não-virtual são, muitas vezes, pouco atraentes é, de fato, uma das fortes potencialidades permitidas pelo gênero *E-fórum*

Foi comprovado, também, que o aspecto hipertextual do *E-fórum* permite uma otimização dos argumentos através dos *links* inseridos ao longo do processo interativo. Tais *links* levam a informações acerca do tema em discussão, permitindo maior grau de informatividade aos argumentos apresentados, portanto maior força argumentativa.

Sabe-se que o *corpus* analisado, ou melhor, que os comentários do *E-fórum* foram realizados por alunos do ensino médio de uma determinada escola privada. Sabe-se também que a mediadora da comunidade na qual esse gênero é apresentado não é apenas uma pesquisadora como também professora de Língua Portuguesa.

Tais articulações não apenas revelaram o teor argumentativo que esses jovens possuem ao escrever no *E-fórum*, como também indicaram que as potencialidades argumentativas muitas vezes inibidas em salas de aula de Língua Portuguesa são claramente desenvolvidas no ambiente virtual. Evidentemente que não se quer chegar aqui ao mérito das comparações entre os procedimentos metodológicos e sistemáticos do ambiente escolar com a democrática atuação da linguagem que se tem no ambiente virtual. Seria indiscutivelmente óbvio e caberia a outro estudo. Todavia, também é fato que esses jovens estão argumentando através da modalidade escrita. Durante muito tempo, fala-se sobre as dificuldades, no contexto escolar, no desempenho linguístico dos alunos nas suas produções escritas. Pouco se tem feito a respeito dessa questão, principalmente por muitos não levarem em conta alguns elementos fundamentais nessa produção escrita na escola. Conforme Sautchuk (2003, p. 17) revela:

O que eu poderia dizer por enquanto é que, provavelmente, numa interação comunicativa por meio de textos escritos, há muitos fatores de diferentes etiologias que interferem na produção textual, gerando, isto sim, textos “mal formados”, cujos autores estão muito longe de julgar como tal ou de modificar a favor de uma eficiente função comunicativa.

Essa insatisfação que permeia as relações da produção escrita na escola é, sem dúvida, real e não recente. Um dos fatores que colaboram para essa insatisfação é a dificuldade da prática argumentativa na modalidade escrita. Costa Val (1999, p. 11), em sua análise de textos produzidos por alunos de ensino médio, fez algumas considerações a respeito dessas dificuldades na argumentação em textos escritos. Ao falar de intencionalidade de um texto, ela reitera que corresponde ao “valor ilocutório do discurso, elemento de maior importância no jogo de atuação comunicativa”. Portanto, Costa Val já identificava a argumentação como um elemento fundamental a ser trabalhado em contexto escolar.

Este trabalho também serviu para desencadear o encaminhamento de outros percursos investigativos. Por essa razão, pode-se dizer que esta pesquisa tem um caráter transitório, à medida que constatou potencialidades argumentativas em textos digitais que possivelmente não seriam encontradas em outros ambientes. Viu-se, através do *corpus* analisados, que os participantes não se intimidam para defender um ponto de vista. O ambiente virtual do *E-fórum* desvencilha o participante de amarras cristalizadas na linguagem escrita. Não há monitoramento da forma linguística; existe um outro imediato para compartilhar quase simultaneamente no jogo argumentativo (mesmo na escrita). A palavra adquire um poder à medida que é retomada por outro, de forma valorizada, ainda que contraditória.

Ao se vislumbrar que esta pesquisa contribuirá para o desenvolvimento da argumentatividade em textos produzidos em ambiente escolar, não se está apresentando aqui uma estratégia completa de otimização dos textos escritos nas aulas de Língua Portuguesa. A construção de um texto não se faz apenas pela argumentatividade. Entretanto, esse é um dos aspectos mais relevantes quando se precisa dizer algo, e, sem dúvida, é um dos fenômenos mais difíceis de serem desenvolvidos em escreventes de uma língua.

No *E-fórum*, os usuários não estão preocupados, de fato, com a forma, mas com o que têm a dizer e ficou comprovado que eles têm muito a dizer. Os processos cognitivos que são desencadeados com a prática da argumentatividade fazem parte de um processo de construção que não se esgota no momento discursivo. Foucault (2002) defende uma “memória discursiva”, um gesto articulado pela palavra que forma o sujeito. Do mesmo modo, pode-se supor que há uma espécie de “memória argumentativa”. As palavras escritas articuladas por aqueles participantes do *E-*

*fórum* se tornaram resíduos argumentativos que poderão ser utilizados em outras práticas discursivas na escrita.

Este trabalho não finaliza aqui. Esse trabalho funciona também como incitação a novos usos dos discursos em ambientes virtuais do que mesmo para apontar um fim. Até porque os usos, cada vez mais frequentes, das redes sociais de comunicação, como foi visto, têm revelado uma dependência do homem dos gêneros virtuais em seu cotidiano. Os pesquisadores, principalmente da área de Linguística Aplicada, precisam levar em consideração as contribuições que as novas tecnologias de um modo geral podem trazer para as práticas pedagógicas.

As constatações aqui realizadas, com foco na argumentatividade, não terão razão de ser se não desencadearem estratégias de aplicabilidade para outras situações discursivas. Se os jovens têm praticado tão regulamente a sua argumentatividade no ambiente virtual, professores e pesquisadores da linguagem precisam encaminhar essa prática para otimização de várias outras formas discursivas em ambientes não-virtuais. Como Crystal (2005, p.103) afirma:

A Internet nos proporcionou um meio linguístico novo, que oferece uma escala completamente nova de possibilidades de expressão, com dimensões inéditas de variação estilística e formas novas de enfocar o uso da língua.

Ao se falar de outras situações discursivas, não se está limitando às práticas escolares, mas a todas as práticas em que o cidadão poderá agir eficazmente através da argumentação. Se, no *E-fórum*, o usuário da língua mostrou competência e habilidade argumentativa, esse gênero precisa ser uma ferramenta de otimização do dizer, que corresponde ao fazer social.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Soárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.
- AMOSSY, Ruth. (org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (orgs.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- \_\_\_\_\_(org.). **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Chat na Web: um estudo de gênero hipertextual**. Dissertação(Mestrado em Lingüística). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará, 2003.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Rideel, 2007. Tradução Marcelo Silvano Madeira
- ASSIS, Juliana Alves. Ensino/aprendizagem da escrita e tecnologia digital: o e-mail como objeto de estudo e de trabalho em sala de aula. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. (orgs.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3.ed. Belo Horizonte: Ceale; Gutemberg, 2009.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979/1997.
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2006a.
- \_\_\_\_\_. **Gênero, agência e escrita**. Ângela Dionísio, Judith Hoffnagel (orgs.); tradução Judith Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006b.
- \_\_\_\_\_. **Escrita, gênero e interação social**. Ângela Dionísio, Judith Hoffnagel (orgs.). São Paulo: Cortez, 2007.
- CAMPOS, Cláudia Mendes. **O percurso de Ducrot na teoria da argumentação na língua**. **Revista ABRALIN**, jul-dez, 2007.
- COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3 ed. Belo Horizonte: Ceale: Gutemberg, 2009.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2005. Tradução, Ricardo Quintana
- DAVVIT, Amy J. **Writing Genres**. Carbondale: Southern Illinois University, 2004.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- FOLHA DE PERNAMBUCO. **Redes sociais incrementam busca por vaga no mercado**. Caderno Economia . Recife, set. 2010.

GALVÃO, Alessandro Nobre. **As formas nominais anafóricas no gênero fórum de discussão do Orkut**. 2008. 130p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Departamento de Linguística, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

JORNAL DO COMMERCIO. Internet já é utilizada por quase 70 milhões. Caderno Brasil – Recife, setembro de 2010.

\_\_\_\_\_. **Mulheres dominam a WEB**. Caderno Informática – Recife, setembro de 2010.

KOCH, Ingedore. **Desvendando os segredos do texto**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LIMA, Anelilde. A construção da identidade através de nicks em chats. ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 2, Belo Horizonte, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MEYER, Bernard. **A arte de argumentar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

MILLER, Carolyn. Genre as social action. **Quarterly Journal of Speech**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1984.

\_\_\_\_\_. **Teoria de Gênero**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2006.

MOSCA, Lineide do Iago (org). **Discurso, argumentação e produção de sentido**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina.(orgs). **Introdução à Linguística 1**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_.(orgs) **Introdução à Linguística 2**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_.(orgs) **Introdução à Linguística 3: fundamentos epistemológicos**.3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Roberta Pires. Semântica. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (orgs). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PACÍFICO, S.M.R. Argumentação e autoria: o silenciamento do dizer. 2002. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, 190 p.

PERELMAN, Chaïm, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, Christian. **A argumentação: história, teorias, perspectivas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PLATÃO & FIORIN. *in Para Entender o Texto - Leitura e Redação*. Editora Ática, 1995.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

REVISTA VEJA. Nos laços (fracos) da Internet, 7, 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/080709/nos-lacos-fracos-internet-p-94.shtml>>. Acesso em 27 set. 2010.

SANTAELLA, Lúcia. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês (org.) **[Re]discutir: texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOUZA, Socorro Cláudia T. As formas de Interação na Internet e suas implicações para o ensino de língua materna. In: ARAÚJO, Júlio César (org.) **Internet e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

VIEIRA, Francisco Eduardo. **Aspectos da virtualização da conversação face a face com atenção especial ao funcionamento das expressões indiciais**. 2006. 168 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Recife – Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

WILSON, Victoria. Motivações Pragmáticas. In: Martelotta, M.E. (org). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Nova York: Macmillan, 1953.

XAVIER, Antonio Carlos. **O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2002.

\_\_\_\_\_. **A era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.